

CASAS SEM ARQUITECTO

A COVA DO VAPOR, UM CASO DE ESTUDO SOBRE IDENTIDADE E GOSTO POPULAR

JOANA DOS SANTOS PIRES RIBEIRO

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR MANUEL GRAÇA DIAS

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA | FAUP | 2015

A presente dissertação foi redigida ao abrigo do antigo acordo ortográfico.

As citações apresentadas foram traduzidas livremente. As suas versões originais, no modo como foram consultadas, encontram-se compiladas nos anexos.

Agradecimentos

Ao Professor Manuel Graça Dias, pela disponibilidade, a paciência e a inspiração.

Ao senhor Eduardo, pelo tempo e o sorriso sempre disponível.

Ao senhor Caldeira, pelas conversas, as lições de vida, e o pequeno presente.

À associação de moradores e a todos os habitantes da Cova do Vapor com que me cruzei, pelas palavras, os sorrisos e o acolhimento.

À minha mãe, pela mulher que me ensinou a ser.

Ao meu pai, por não sermos dos que desistem. Por nunca desistir de mim e ser apoio incondicional. Pela paciência.

À minha irmã, por me aceitar como sou, por rir e chorar comigo, pelos telefonemas a horas inusitadas e pela grande mulher em que a vi tornar-se.

Ao Rodrigo, por ser apoio, exemplo e por ajudar a construir esta família.

À pequena Leonor, porque apesar de tão pequena, é inspiração para todos os dias.

À Freitas por ser companhia nos momentos sãos, e nos de loucura.

À Mariana por ser inspiração e compreensão, e por me ajudar a ver o que de melhor há na vida.

Ao Rui por ser o berdadeiro, e por tudo o que não se agradece.

Aos restantes viajantes da Berlim a que nunca fomos, por todo o apoio, pelas gargalhadas, pelas sessões de cinema, os estímulos, as discussões e o companheirismo ao longo destes anos de curso. Ao Pedro, pelas ideias que colorimos juntos. À João e à Rafa, pelas danças e pelos jantares, por me lembrarem que há sempre tempo para uma surpresa.

Às outras seis anãs, por serem casa longe de casa, apoio nos maus momentos e alegria contagiante nos bons.

Às Chicas e ao V, pela amizade de sempre.

Ao Óscar por ser vermelho para o verde.

*Falemos de casas, do sagaz exercício de um poder
tão firme e silencioso como só houve
no tempo mais antigo.*

[...]

Falemos de casas como quem fala da sua alma,

[...]

*na aprendizagem da paciência de vê-las erguer
e morrer com um pouco, um pouco
de beleza.*

Herberto Helder

Resumo

Os novos problemas, que as formas de viver da sociedade actual acarretam, exigem novas soluções e o repensar da forma de conceber arquitectura nos dias de hoje. Surge deste modo a necessidade de rever o papel que os arquitectos ocupam na actualidade, tornando-se de grande importância que estes despertem para as vantagens de trabalhar de forma mais sensível às pessoas, aos seus desejos e à forma como as suas necessidades se alteram ao longo das suas vidas.

Guiada por uma vontade de compreensão do distanciamento entre o arquitecto e o gosto popular, e com o objectivo de tentar reduzi-lo, a presente dissertação propõe analisar o gosto popular e as suas motivações. Pretende-se ainda demonstrar o valor existente na arquitectura popular contemporânea, alertando para a necessidade de aprofundar o estudo sobre ela como forma de despertar os arquitectos para uma nova sensibilidade, mais inclusiva e mais próxima das aspirações da generalidade da população.

A Cova do Vapor, um lugar construído pelos que o habitam, será o exemplo escolhido para uma melhor compreensão das razões por trás do gosto popular e da relação entre gosto e as demonstrações de identidade que caracterizam a arquitectura popular contemporânea.

Conhecer as pessoas por detrás das casas e as motivações para as suas escolhas ajudará a compreender as formas arquitectónicas alcançadas e o gosto popular que representam.

Abstract

The present society, its new ways of life and its new problems, require new solutions and a rethinking of the way to conceive architecture nowadays. In this way, there comes the need to reconsider the architect's role in these days, becoming really important to the architect to understand the advantages of working in a more sensitive way, of being more opened to people, to their wishes and to the way their needs change with time.

Guided by the wish to understand why architects and popular taste are so distant from each other, and aiming to try to reduce this distance, this piece proposes to analyse the popular taste and its motivations. It is desired to show the value existing in contemporary popular architecture, insisting on how the study about it should be more detailed than it has been until these days, in order to introduce architects to a new sensibility, more inclusive and closer to people and their desires.

The Cova do Vapor, a place built by those who live there, will be the chosen example to better understand the reasons that motivate the popular taste and the relation between that taste and the identity ostentation which makes contemporary popular architecture so distinctive.

Knowing the people behind those houses and the reasons for their choices, is expected to help to understand the achieved architectural shapes and the popular taste they represent.

Índice

013 Introdução

019 I. Aproximação

023 1. Da Importância da Casa.

035 2. O gosto popular hoje.

041 2.1. A casa emigrante.

044 2.2. A casa clandestina.

049 3. Das origens e motivações do gosto popular.

059 4. Do distanciamento entre arquitecto e morador.

069 5. Revisão do papel do arquitecto.

087	II. O caso da Cova do Vapor
089	1. Cova do Vapor : a história, o lugar e as pessoas.
119	2. Ideia pessoal de casa, identidade e engenho autodidacta na Cova do Vapor.
137	2.1 Entrada: o dentro e o fora.
143	2.2. Palavra escrita: posse, orgulho e identificação.
149	2.3. Decoração: afecto e individualidade.
155	2.4. Texturas e revestimentos: da reutilização à diferenciação.
161	2.5. Cores: da facilidade prática ao gosto.
167	2.6. As formas do somatório.
173	Considerações finais
183	Bibliografia
191	Índice das imagens
195	Anexos
	1. Citações originais
	2. Transcrição de excertos das entrevistas mais relevantes

Introdução

A produção arquitectónica surgiu primariamente como resposta à necessidade humana de abrigo. Depois disto, uma progressiva consciência sobre em que consiste o habitar veio alterar a forma de ver a casa e, consequentemente, o que ela é.

Hoje, a maioria das pessoas não ousa experimentar a vernácula liberdade que representa construir a sua própria casa à imagem dos seus sonhos e das suas necessidades. Numa sociedade marcada pelo consumismo e pela normalização, o alcançar da “casa de sonho” fica dificultado: a escolha apenas pode recair nos modelos apresentados e o poder financeiro torna-se um factor determinante.

O trabalho de natureza teórica que aqui se propõe fazer, parte de uma forte motivação pessoal baseada no percurso académico, nas relações pessoais ao longo da vida, e na consequente constatação da existência de uma disparidade entre o que os arquitectos imaginam ser bom e aquilo que a maioria da população pensa desejar, numa mútua incompreensão que tem vindo a afastar, ao longo dos tempos, os arquitectos do popular.

Pretende-se com esta dissertação compreender o que motiva esse distanciamento, pois se acredita que apenas conhecendo as origens de ambos os lados da questão, se conseguirá trabalhar no sentido de reduzir essa distância.

A sociedade actual coloca novos problemas. A recessão económica a que se assiste no mundo ocidental, as novas formas de migração, a velocidade e o ritmo exigente do dia-a-dia, são factores que conduzem a novas necessidades, que tornam essencial repensar a forma como se projecta nos dias de hoje. Novos problemas exigirão novos métodos de abordagem, novos valores ou o relembrar de outros esquecidos. Por isto se torna tão necessária a discussão do papel que o arquitecto tem na actualidade, sendo de grande pertinência a discussão de questões como o afastamento entre o arquitecto e o popular, a compreensão do gosto “vulgar” e das verdadeiras necessidades de habitação da maioria da população e, finalmente, a proposta de uma arquitectura mais próxima das pessoas e das suas necessidades e aspirações reais.

É nesse sentido que aqui se pretende abordar o tema da arquitectura sem arquitectos, alertando para a relevância de estudar os exemplos de autoconstrução espontânea que foram sendo edificados por todo o mundo ao longo dos tempos. Espera-se exaltar o valor que aqui pode

ser encontrado, não só na arquitectura popular vernacular do passado, que é já um habitual objecto de estudo e de admiração, mas também na arquitectura popular contemporânea.

Observando a energia dispendida por estes povos na construção das suas casa, ontem como hoje, pretende-se exaltar o valor contido nesse esforço e demonstrar que as pessoas devem ser incluídas de forma mais participativa nos processos de concepção e construção da arquitectura de habitação. A presença de profissionais especializados nestes processos será sempre uma mais-valia, conduzindo a soluções que otimizarão as possibilidades em cada situação, de forma informada e consciente, mas estes profissionais talvez devam ser guiados por um olhar mais sensível, sendo assim capazes de propor soluções que respondam às necessidades físicas, mas também simbólicas, dos habitantes das casas que desenham.

Propondo um percurso que conduziria o arquitecto a um estado mais desperto para essas questões, parece relevante começar por, em primeira instância, reconhecer a importância da casa nos mais diversos quadrantes da vida humana. Pretende-se compreender melhor essa estreita relação entre o homem e a sua casa, e tentar entender porque deseja ele, ou acredita desejar, que a casa seja de uma ou de outra forma. Procurar-se-á igualmente averiguar de que factores depende o gosto de cada um e se fará sentido que se estabeleçam regras sobre o que é belo e o que é feio, e sobre o que deve ou não ser feito.

Sugere-se que a arquitectura popular contemporânea deva ser estudada mais aprofundadamente do que tem sido até à data, não apenas por serem poucos os trabalhos sobre este tema até ao momento, mas também porque se acredita que esse estudo possa vir a trazer vantagens à disciplina, despertando a consciência para a necessidade de uma arquitectura mais sensível às pessoas e aos seus desejos, mais do que procurando obedecer aos parâmetros que o gosto erudito estabelece a cada momento. Assim se legitima a escolha do tema e se demonstra a pertinência de estudar um exemplo de *autoconstrução*.

A Cova do Vapor, o exemplo escolhido, é uma aldeia de origem piscatória que se localiza na ponta mais a noroeste do concelho de Almada, na margem sul do Tejo, no exacto lugar em que este rio encontra o Oceano Atlântico.

Nos anos de 1920, a Cova do Vapor começou a receber as primeiras construções abrigando pescadores e as suas famílias. Mais tarde, este lugar, ainda com o antigo nome de Lisboa-Praia, começou a atrair cada vez mais pessoas tornando-se um verdadeiro sucesso entre os lisboetas que procuravam práticas balneares não muito longe de casa. A pequena aldeia foi crescendo e muitas foram as casas ali construídas para o lazer destes lisboetas de profissões modestas. Casas de férias e de fim-de-semana, construídas conforme podiam, muitas vezes com os materiais “reciclados” da outra margem. O espírito criativo, o reduzido espaço disponível e a reutilização livre de materiais, deram origem a um lugar de características arquitectónicas ímpares, que ilustra realmente o facto de a necessidade aguçar o engenho.

Travaram-se batalhas contra os avanços das águas, a povoação mudou de lugar, a sua configuração foi alterada pelas movimentações do mar e da areia, e até o nome mudou, passando a aldeia a ser conhecida como Cova do Vapor. Anos de luta contra os avanços do mar e de batalhas pela melhoria das condições que ali se viviam, foram desenvolvendo, entre os habitantes, um espírito comunitário que torna a Cova do Vapor num lugar ainda mais fascinante.

As casas que aí encontramos hoje são em muito maior número e em quase nada se parecem com as primeiras casas dos pescadores que já não constituem, de todo, a maioria da população. Com a introdução de “novas necessidades”, muitas delas artificiais, criadas pela sociedade de consumo, também as casas foram sendo alteradas, melhoradas e aumentadas, e outras novas foram sendo construídas, sempre com o mesmo amor, a mesma dedicação.

A riqueza presente numa paisagem como a da Cova do Vapor e a análise dos processos espontâneos de autoconstrução aqui presentes servirão para tentar questionar a relação entre identidade, o ideal de casa de cada um, e as demonstrações do gosto popular. Procurar-se-á retirar lições de um lugar como este, um óptimo exemplo de sabedoria auto-suficiente e de amor pelas casas construídas com os próprios braços, atravessando sacrifícios e demonstrando uma enorme dedicação. As casas da Cova do Vapor reflectem o espírito de quem as habita e as construiu, sendo por isso óptimos exemplos da relação que se pretende estudar entre o gosto popular e a vontade de afirmação de identidade que representam.

Para além da informação disponível sobre o lugar, daquela recolhida

localmente e das impressões pessoais, muito intuitivas, decorrentes das diversas visitas, o estudo do lugar toma por base, também, relatos obtidos através de entrevista.

Questionando-se os moradores sobre a história das suas casas e sobre os motivos das várias opções, aparentemente “pessoais”, procurou-se encontrar num discurso mais espontâneo, por baixo das inevitáveis camadas de lugares comuns que as pessoas se sentem, voluntária ou involuntariamente, instigadas a reproduzir. Mas a quem, mais envolvido nestes processos, poderíamos recorrer, senão aos que foram os arquitectos e os construtores das suas próprias casas?

I. Aproximação

Pretende-se no presente capítulo fazer uma pequena contextualização em torno do tema da arquitectura sem arquitectos, com vista a preparação do leitor para o estudo que lhe segue. Com esta primeira aproximação espera-se igualmente justificar o interesse por uma pesquisa deste carácter, que visa compreender um exemplo específico de autoconstrução, estudando a sua história e as pessoas por detrás das casas, procurando encontrar os motivos para a sua realização, bem como discutir o seu valor enquanto arquitectura.

Primeiramente, e porque é de casas que trata este trabalho, considerou-se pertinente começar por estudar e compreender a sua importância: o que é a casa? O que a torna importante, para uns e para outros? Com este objectivo, são levantadas várias questões em torno da importância que a casa tem na vida de todos: a sua necessidade, o seu papel simbólico, o sentimento de segurança que produz, etc. O tema mais relevante dentro desta temática será a possibilidade de demonstração de identidade pessoal que a casa representa. Sendo um dos mais importantes elementos de uma vida, a casa, ao transmitir uma determinada imagem, acaba por expor a individualidade do seu proprietário. Se por vezes este fenómeno se dá de forma involuntária, o que se pretende aqui compreender é o facto de, na maioria dos casos, esta exposição da identidade surgir de forma intencional: a casa como representação do seu proprietário e como exibição de um objectivo de vida alcançado.

Procuramos, seguidamente, uma compreensão da arquitectura popular nos dias que correm: qual o gosto popular de hoje, de que formas se manifesta, o que o motiva. Este estudo incide especialmente nas duas grandes vertentes da arquitectura popular, que aparentam ser as mais revelantes traduções de gosto popular da actualidade: a casa emigrante e a casa clandestina. Espera-se, desta forma, compreender o que define e o que caracteriza estas duas realidades, o que influencia as opções tomadas, tanto num caso como no outro, e traçar um possível perfil sociocultural característico de cada um dos casos.

Após uma compreensão mais aprofundada das motivações do gosto popular, faz-se também uma pequena reflexão acerca dos motivos que levarão arquitectos a desvalorizar este gosto e as suas demonstrações. Aqui pretende-se compreender as razões que levam a esta incompreensão mútua e que têm distanciado ao longo dos tempos os arquitectos da cultura popular.

Finalmente, referem-se alguns casos de sucesso resultantes de processos de autoconstrução, os quais, porque independentes de qualquer mão-de-obra especializada, e sendo unicamente fruto do engenho e da criatividade dos seus protagonistas, podem ser considerados exemplos outros do gosto popular que aqui se tenta estudar. Pretende-se alertar para a possibilidade de existir valor nestes exemplos, pelo que será da maior relevância estudá-los, compreendê-los e aprender com eles.

Depois da apresentação de todos estes elementos, propomo-nos repensar também o papel do arquitecto na sociedade, acreditando que, nos dias de hoje, esta revisão surgirá com a maior pertinência.

Julgamos ser necessária uma maior sensibilidade na actividade do arquitecto, considerando que existirão, sem dúvida, vantagens para sua formação na observação não preconceituosa destes feitos da autoconstrução. Encontrar-se-ão ainda diversos benefícios, resultantes dos processos em que é prevista, de alguma forma, a participação activa dos moradores na concepção e construção das casas que irão, posteriormente, ocupar.

1. Da importância da casa.





Fig.1. A vila onde mora Francisco, 7 anos, com a sua casa e todas as outras que conhece. Cada casa distingue-se das restantes pelas características que apresenta, sendo algumas acompanhadas do nome do proprietário.

*Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde moradia não é bela?*¹



Fig.2. O abrigo é uma das necessidades primárias da vida humana [Cherrapunji, Índia].

Sendo de casas que se pretende falar, será relevante começar por descrever o que encerra este conceito. O que é a casa? A casa, como abrigo, é a primeira forma de arquitectura de que há memória. A casa é composta pelos [...] *espaços que protegem a nossa vida, diariamente, ao longo da nossa existência, [pelos] cenários que estimulam ou negam a satisfação, o bem-estar e o bom uso do habitat humano e urbano* [...] ². Mas a casa não é apenas o espaço que a define. A casa é abrigo e segurança, é conforto, é estar familiarizado com o que nos rodeia. A casa, enquanto lar, pode ser qualquer espaço, ou até mesmo um simples estado de espírito, um conjunto de condições, de pessoas, um ambiente onde existe uma sensação familiar, onde é possível sentir-se bem, confortável. Como refere John Habraken,

*Um lar não se constrói de matéria: a vida doméstica não é composta de paredes, chão ou cobertura, mas é o vazio no meio de todos esses elementos, porque é exactamente aí que eu vivo. [...] O espaço doméstico, no entanto, não consiste unicamente em matéria tangível, mas também de emoções e experiências sensuais que determinam a sua atmosfera única: um espaço em que as memórias e as projecções encontram o seu lugar, onde a luz encanta o espírito e manipula o olhar, onde odores e sons estimulam o nariz e os ouvidos, e onde a lareira ondulante oferece um espectáculo exaustivo*³.

A generalidade dos seres humanos precisa da casa, da casa física, para se sentir segura, para sentir que pertence a um lugar, estável, onde se fixa e onde pode viver, crescer e envelhecer. A casa é simultaneamente

1 BACHELARD, Gaston, *La Poétique de l'Espace*, 1983, Paris : Presses Universitaires de France, versão traduzida por António de Pádua Danesi, 1998, São Paulo: Martins Fontes, p.24

2 COELHO, António Baptista, "Apropriação e satisfação residencial" - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento, p.143

3 Tradução livre de HABRAKEN, N. J. (John Habraken and the SAR), *Housing for the millions*, 2000, Rotterdam: NAI Publishers, p. 12

um projecto de vida e o lugar fixo e estável que permite projectar o futuro.

É comum o desejo de construir a própria habitação, e são vários os motivos para este facto; a principal motivação talvez seja a de que esse processo tornaria possível criá-la de acordo com o que se acredita serem os sonhos e aspirações pessoais, sem grandes intromissões ou obstáculos, e de forma a responder às necessidades pessoais e familiares e a permitir o estilo de vida pretendido.

O modo de vida desejado leva a que se confira imensa importância à casa e que, por isto, esta se torne objecto de desejo.⁴ Tornando-se no grande objectivo de uma vida, a construção da habitação própria passa a ocupar o centro das preocupações, girando toda a vida em torno dela.

A casa passa a ser o grande projecto da existência individual e familiar, e a vontade da sua realização leva à criação de um quotidiano organizado em torno desta intenção. A vida e outras ambições que poderiam acompanhá-la, perdem importância quando comparadas com o objectivo primordial. A trajectória de vida dos seus actores fica imediatamente limitada uma vez que questões como a realização profissional, por exemplo, se tornam irrelevantes pela urgência de alcançar o feito da casa construída. O modo de viver criado em torno do objectivo da construção da habitação surge repleto de privações e sacrifícios onde o trabalho e a poupança ganham um elevado valor moral. As privações e sacrifícios vividos com este propósito, levam a uma ainda maior valorização da casa, pois esta surge como [...] *acto sublimado de um projecto pelo qual se lutou*.⁵

Mesmo depois de concretizada, a casa continua a influenciar os percursos dos seus autores, que continuam a girar em torno dela.⁶ Lugar de todos os acontecimentos, a habitação é o [...] *espaço-símbolo de realização*



Fig.3. A casa dos sonhos de Inês, 5 anos, com uma piscina na cobertura e três cadeiras, a sua e a dos seus pais. Desenhos como este ilustram bem a importância e o simbolismo que acompanham a casa desde tenra idade.

4 A elevada importância atribuída à casa no quadro do modo de vida determina que esta se constitua em objectivo e sonho ao longo da vida. [PINTO, Teresa Costa – “Modelos de habitat, modos de habitar o caso da construção clandestina do habitat” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento, p.34]

5 *ibidem*, p.35

6 *Vive-se em função da casa a construir (recordemos que este projecto estrutura largamente as estratégias e acesso às trajectórias de vida) e da casa construída (pela satisfação com ela)*. [*ibidem*, p.44]

*individual e familiar que aglutina e articula as várias dimensões e espaços da vida quotidiana: trabalho, lazer, convívio familiar, rede de relações sociais.*⁷

A casa será entendida como um bem de uso, melhorará a qualidade de vida dos seus ocupantes pela imediata melhoria das condições de habitação e representará ainda um feito, o cumprimento de um tão desejado sonho; no entanto, surge ainda como um investimento. Ser proprietário oferece assim possibilidade de deixar um legado aos filhos, esperando-se promover a ascensão social das gerações seguintes.⁸ A crença de que a casa seja a única forma de alcançar estas aspirações é outra das motivações por detrás do desejo da sua construção.

Relativamente a exigências funcionais, é esperado que a casa permita e facilite um estilo de vida que agrade aos seus habitantes. Seja a possibilidade de continuar o trabalho em casa, ou favorecer a prática de *hobbies*, o facilitar do convívio desejado, ou a garantia da privacidade e de um certo distanciamento em relação ao exterior, aquilo que as pessoas esperam fazer em casa, a forma como irão habitar o espaço, estará muito provavelmente relacionado com a forma como o idealizam, pois por certo o conceberão para que permita a forma de ocupação desejada. Se determinada pessoa gosta de ler um livro, com luz natural, num lugar confortável, poderá vir a idealizar um espaço que lhe permita essa actividade; se gosta de reunir família e amigos em churrascos ao ar livre, por certo um jardim, com uma churrasqueira, será essencial na casa que ambiciona construir, entre muitos outros exemplos:

Ao instalar-se e permanecer numa habitação o habitante imagina um estilo de vida e idealiza a sua vivência no espaço: o que poderá construir e viver dentro das suas paredes. O indivíduo já não vê a habitação como uma simples protecção em relação ao mundo exterior, esta é um todo pluridimensional. Mais do que um espaço concreto ela é atmosfera. Atmosfera criadora de ambientes, de

⁷ *ibidem*, p.44

⁸ [...]o significado atribuído à propriedade da casa não tem a ver com o entendimento desta como um bem de uso e um símbolo que, no presente, corresponde à melhoria das condições de habitação, mas que será, no futuro, o legado possível a transmitir para os filhos. GUERRA, Isabel, “Grupos sociais formas de habitat e estrutura do modo de vida” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento, p.121

vida.⁹

Para além dos desejos em relação à funcionalidade da casa, existe ainda a vontade de que a casa idealizada cumpra o seu papel de símbolo. Motivo de orgulho e representação de uma certa “ascensão social”¹⁰, a casa deve ter a sua aparência trabalhada, pela necessidade de demonstrar quem o seu proprietário é, ou ambiciona ser, quais as suas aspirações, aquilo de que gosta, o que considera bom:

*[...] a dinâmica dos modelos estéticos residenciais, lida na dos gostos arquitectónicos, procede de uma dinâmica cultural, segundo a qual os gostos em matéria de residência funcionam como reveladores da ambição de cada indivíduo, ou melhor, da representação que têm de si mesmos. Noutros termos, a função efectiva da forma residencial, neste universo de representações sociais, é a de significar a imagem que o indivíduo tem de si mesmo e, por consequência, aquela que deseja que tenham dele. Desta forma, a função das formas da arquitectura residencial revela-se como simbólica antes de mais [...]*¹¹

A casa torna-se, deste modo, objecto de um grande investimento tanto material como afectivo, e, dado o seu valor simbólico, é marcada por uma apropriação, também ela, muito simbólica. É esperado que o aspecto da casa corresponda a uma determinada imagem, concebida e fantasiada ao longo de toda uma vida, o que leva muitas vezes a que esta cresça [...] como «artefacto pessoal», espaço-símbolo de realização individual e familiar que aglutina e articula as várias dimensões e espaços da vida quotidiana [...]

Dado este importante papel simbólico e de comunicação que a casa toma nas nossas vidas, faz todo o sentido, como refere Charles Moore,

9 REIS, Marta, *A Casa pequeno laboratório de identidade*, 2013, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Marta Cruz], p.29

10 *Esta função simbólica [...] converte a casa, nomeadamente pelas formas construtivas concretas que assume, num dispositivo revelador de uma ambição social ou de uma aspiração a um estatuto ou a uma inserção social.* PINTO, Teresa Costa, 1998, *op cit*, p.39

11 FELTZ, C.; RICHOT, G.; *Forme Urbaine et Pratique Social*, 1989, *apud idem*, p.39

12 *ibidem*, p.44

trazer para a nossa casa elementos pessoais de exibição¹³ e que a casa mostre aquilo por que o seu proprietário sente apreço, aquilo que o remete para algo que lhe agrada, com o qual se identifica, uma vez que, como diz António Baptista Coelho:

*A apropriação deve marcar o habitat humano [...] de imagens bem conhecidas e até de certos elementos simbólicos, [...] recheando os espaços residenciais com significados próprios, clarificando e exibindo aquilo com que se tem afinidade [...]*¹⁴

Reflectindo quem a habita, a casa torna-se uma demonstração de identidade. A identidade é algo essencial na vida do ser humano e resulta de um processo de formação do eu-pessoal que, apesar de determinado por características individuais, é também fortemente influenciado pelo ambiente específico em que cada um se insere. Esta identidade é o que vai definir quem somos em relação ao que nos rodeia e o que nos distingue dos demais, e a necessidade de o demonstrarmos passa a verificar-se em diversos quadrantes das nossas vidas. A casa, lugar tão importante para o desenvolvimento dessa identidade, não funciona apenas como o factor motivador, mas também como seu reflexo, já que habitar não passa apenas pela ocupação de um espaço, mas também por o tornar único, nosso, individualizado. Aliás, como enunciam Marion Segaud e Françoise Paul-Lévy, [...] *ter um chez-soi*,¹⁵ é *aceitar-se como pessoa, é manter ou reforçar a sua identidade*¹⁶.

Dada a especial importância atribuída ao exterior da casa, por ser a imagem que os outros têm da mesma e, consequentemente, a imagem que têm do seu proprietário, são colocados grandes esforços em todas as decisões envolvidas, desde a selecção dos materiais à dedicação na escolha do modelo a que obedece a casa, aquilo com que se parece. Charles Moore menciona que, por isto, a [...] *arquitectura doméstica foi sempre um desfile de fantasias, umas sóbrias e económicas, outras*

13 Tradução livre de MOORE, Charles et al, *La casa : forma y diseño*, 5ª ed. , 1999, Barcelona: Gustavo Gili, p.137

14 COELHO António Baptista, 1998, *op cit*, p.140

15 Chez-soi é uma expressão francesa que designa lar, traduzido literalmente do francês significa “em sua casa”.

16 SEGAUD Marion, PAUL-LÉVY, Françoise, *Anthropologie de l'espace*, 1983, *apud* REIS, Marta, 2013, *op cit*, p.30

*carregadas.*¹⁷

Os sonhos que comandam as vidas humanas, estarão sempre de alguma forma relacionados com as suas vivências passadas. A arquitectura, como cenário de toda a vida, será muito relevante nesta matéria, e a casa, especificamente, terá aqui um papel de ainda maior importância. A primeira morada será sempre bastante determinante, pois é a imagem que nos conduz à nossa definição individual de casa.

Quando falamos da casa, o ideal terá de vir imediatamente associado à memória da casa, ou das casas, em que já se viveu, por vezes até de forma inconsciente. A casa é [...] *o primeiro mundo do ser humano. Antes de ser “jogado no mundo”, como o professam as metafísicas apressadas, o homem é colocado no berço da casa.*¹⁸ Foi lá que cresceu, é a ideia pessoal de conforto, é inevitável que seja uma das primeiras referências a delimitar o imaginário individual. Será aliás [...] *graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas [...]*¹⁹. Ao idealizar uma casa existirá provavelmente uma tendência para repetir o que agradava na primeira morada, seja de forma consciente, ou mesmo inconsciente. Esta será referência para os factores positivos, tentando sempre repetir aquilo que era agradável, que invoca boas memórias, mas também para as questões negativas, colocando-se um grande esforço em tentar que não se repitam.

Sendo a primeira morada uma grande referência para todas as moradas seguintes, também a cidade, as cidades percorridas e as casas alheias visitadas, influenciam a concepção da casa ideal. A memória, o respeito que o antigo invoca, por exemplo, na imagem de um monumento da cidade, influencia também a imagem desejada, não sendo raro observar casas das mais diversas formas, mimetizando outras épocas da história, ou edifícios de função distinta.

As ideias que condicionam o desenho destas casas são individuais e motivadas pelo saber e vivência próprios de quem as produz, demonstrando mais ou menos activamente o conhecimento que cada um tem, e que se constrói através daquilo que viu, ouviu, viveu...

17 Tradução livre de MOORE, Charles et al, 1999, *op cit*, p.119

18 BACHELARD, Gaston, 1998, *op cit*, p.26

19 *ibidem*, p.27

Estas ideias por vezes surgem pelo meio de imagens que, consciente ou inconscientemente, são associadas e que assim condicionam o processo de concepção. O desenho, a idealização e a construção de uma casa são processos que levam a uma reflexão profunda em torno das convicções pessoais sobre o modo como esta realmente deve ser, as formas que deve alcançar e as questões a que deve responder.

2. O gosto popular hoje.





Fig.4. Actualmente, a paisagem rural portuguesa encontra-se fortemente marcada tanto pela presença das “casas de emigrante” como pelas influências que essas trouxeram aos residentes que construíram as suas casas na mesma época [Castro Laboreiro].

[...]o popular não é só o rural; o popular não é só o passado[...]”²⁰

Ao falar de arquitectura popular portuguesa é incontornável referir o Movimento da Casa Portuguesa de Raul Lino ou o Inquérito à Arquitectura Popular em Portugal, promovido pelo Sindicato Nacional dos Arquitectos ²¹. Se no primeiro se observou a arquitectura popular com um olhar nacionalista, no segundo caso deu-se uma maior atenção às condições de habitabilidade, verificando-se a miséria em que vivia a maioria da população rural portuguesa.

Grande parte dos exemplos documentados por estes inquéritos já não podem hoje ser observados: são actualmente ruínas, fruto do despovoamento dos campos, foram “melhoradas”, alteradas e transformadas de forma irreversível pela utilização dos novos materiais construtivos, ou foram substituídas pelas “casas de emigrante” ²².

Ao longo do tempo, as formas de habitar sofreram variadas transformações. Entre os motivos estiveram as variações nos valores pessoais e familiares, as alterações na economia, a emigração e a evolução dos materiais e das técnicas construtivas.

A casa foi alvo de uma grande evolução, e o seu valor de representação económica e social aumentou em detrimento de valores como a identificação da família ou a ligação à terra e ao trabalho agrícola, ancestralmente atribuídos à casa. Surgiram novas necessidades a que passou a ser essencial responder e as diversas condições culturais, sociais e económicas, os valores, as modas e as influências dos *mass media* condicionam e ajudam a desenhar a casa em cada época.

Hoje, existem novas demonstrações de arquitectura popular. As “casas de emigrante” poderão ser uma nova expressão da arquitectura vernácula, assim como as paisagens dos subúrbios ou todas as outras formas de arquitectura sem arquitectos. O que se propõe, como refere João Leal, é

20 LEAL, João, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: Estudos sobre arquitectura popular no século XX português*, 2009, Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva, p.67

21 *ibidem*, p.5

22 *ibidem*, p.64

[...] estudar essas novas expressões da arquitectura popular e/ ou vernácula de acordo com uma concepção renovada do que é hoje o popular. A este respeito vale a pena citar o antropólogo latino-americano Nestor Garcia Canclini e o modo como ele sublinha – no seu livro “Culturas Híbridas” (1998) – a necessidade de nos separarmos radicalmente de concepções de matriz romântica sobre o popular: o popular não é só o rural; o popular não é só o passado; [...] O popular não são apenas as formas “autênticas”, que o século XX emblematizou, são também as formas híbridas, impuras e até sujas de produção material no presente do espaço habitado que o século XXI deve integrar na sua agenda de pesquisa.²³

É sobre arquitectura popular doméstica e contemporânea que trata este trabalho e, deste modo, apresenta-se da maior pertinência estudar e compreender um pouco mais estas expressões actuais da arquitectura popular portuguesa. Para facilitar esta compreensão, a análise que se segue incidirá mais particularmente nas duas grandes vertentes da arquitectura popular que aparentam ser as mais relevantes demonstrações de gosto popular da actualidade, que em muito alteraram e definem a paisagem arquitectónica portuguesa: a casa emigrante e a casa clandestina. Procurar-se-á compreender o que caracteriza cada uma destas vertentes e o que motiva este tipo de processos construtivos. Procurar-se-á ainda averiguar se existirá um perfil sociocultural que possa ser associado a cada um dos movimentos.

Tanto a casa emigrante como a casa clandestina são frequentemente consideradas pela opinião pública, especializada ou não, como [...] *as grandes pragas do património paisagístico e arquitectónico do país*.²⁴ No entanto, estes dois casos têm também em comum o facto de constituírem *habitats* individuais e de serem realizados sem arquitectos. Ambos resultam da iniciativa de pessoas que mobilizam todos os seus esforços e economias no sentido de alcançar o sonho da casa construída. A construção da casa própria é da maior importância, tanto num caso como no outro. Se no caso dos emigrantes, a casa surge como representação de um percurso bem sucedido, no caso dos clandestinos esta representa a única hipótese de melhoria de qualidade de vida e

23 *ibidem*, p. 66-67

24 Tradução livre de PORTAS, Nuno, no prefácio de VILLANOVA, Roselyne, LEITE, Carolina e RAPOSO, Isabel, *Maisons de rêve au Portugal*, 1994, Paris: Éditions Créaphis, p.7

possível ascensão social, mas em ambas as situações a casa é também vista como um património, um valor a transmitir aos filhos.

Pela liberdade que a ausência de cumprimento de regulamentações oferece, estas casas parecem por vezes reflectir de forma despreocupada os sonhos e as ambições, as vontades e a própria imagem dos seus habitantes.

2.1. A casa emigrante.

Portugal conheceu diferentes movimentos de «recém chegados»: no século XIX e no início do século XX, os Brasileiros, hoje os «Franceses»²⁵. E já no início do século XX, se observavam nas casas construídas pelos “torna-viagem”, uma tendência para a demonstração de êxito e para a diferenciação, através da importação de elementos internacionais.²⁶

Obrigados a sair do seu país de origem por este não permitir satisfazer todas as suas necessidades ou até ambições, os emigrantes procuram a ascensão na qualidade de vida noutros países.

A qualidade de vida, e particularmente de habitação, nos locais de acolhimento é muitas vezes menosprezada em detrimento da poupança necessária ao sonho da construção de uma casa na terra natal. A posse de uma casa é muitas vezes o objectivo que impulsiona a partida. Mas ao regressar, o indicador de êxito será não só a posse dessa casa como a de um capital suficiente que garanta a velhice.

As condições de habitação antes da partida e no país de acolhimento são determinantes para esta vontade de construção de uma casa. Será a precariedade que acompanhou os espaços de habitação que conheceram ao longo das suas vidas a surgir, de algum modo, para reforçar o desejo da construção deste sonho em que se torna a casa. Casas que virão a ocupar sazonalmente, ou quando regressam definitivamente para a desejada reforma.

Pela importação de linguagens arquitectónicas observadas nos países de acolhimento e pela ruptura com a arquitectura popular local, estas casas de emigrantes transformaram profundamente as paisagens de Portugal. Constituindo um fenómeno de grande importância no que concerne a habitação portuguesa a partir de meados da década de 70, as casas de emigrante, para além de se multiplicarem em grande número, influenciaram de forma significativa a restante arquitectura doméstica rural.

Não se dando um desenvolvimento significativo em grande parte das

25 Tradução livre de VILLANOVA, Roselyne, LEITE, Carolina e RAPOSO, Isabel, *Maisons de rêve au Portugal*, 1994, Paris: Éditions Créaphis, p.189

26 TAVARES, Domingos, *Casas de Brasileiro*, 2015, Porto: Dafne Editora, resumo na contracapa.

aldeias nas décadas de 1960 e 1970, as melhorias económicas de que foram alvo resultaram essencialmente de dinheiro proveniente da emigração muito proeminente nesta época. Foram os emigrantes quem primeiro conseguiu ultrapassar a precariedade e investir na melhoria da habitação e serão aliás de emigrantes a maioria das casas construídas em aldeias por esta época.

Dada a sua visibilidade e pela ascensão social que representam, os modelos da casa emigrante acabam por influenciar também os residentes que constroem as suas casas na mesma época. Numa situação económica semelhante, e igualmente a atravessar um processo de ascensão social e uma passagem do rural para o urbano, estes residentes mostram-se também receptivos às novas imagens de casa difundidas. Sobre as casas emigrantes, Isabel Raposo diz que *Pelo seu maior número e pela simbologia de sucesso que expressam, elas impõem-se como referência aos futuros proprietários locais de casa própria.*²⁷

As casas emigrantes, excessivas em cor e nos materiais não estruturais usados no seu revestimento, algumas com as coberturas especialmente inclinadas, que em nada se relacionam com as condições específicas do local, grandes, ostensivas, de fachadas particularmente decoradas, foram fortemente criticadas, e os seus proprietários acusados de mau gosto. De facto as inovações arquitectónicas trazidas dos países de acolhimento levaram a certas incoerências em relação às condições locais, o que é também alvo de crítica.

Tendo sido, nestes casos, a casa a grande motivação para todo o processo de emigração, é natural que esta ganhe uma importância excepcional na vida destas pessoas. Para elas, a casa construída é o verdadeiro símbolo do êxito, do sucesso alcançado.

A casa deve mostrar que o seu proprietário teve um percurso e um destino diferentes, e para isso esta deve diferenciar-se das restantes habitações na região. A casa é desenhada por forma a demonstrar os novos hábitos e as novas atitudes dos seus proprietários. Também influenciadas por modas e novas linguagens, hoje facilmente difundidas, as casas são pensadas de acordo com o que consideram bonito, porque além de

27 RAPOSO, Isabel, “Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte”, *Revista Sociedade e Território* nº 25/26 [Mudanças Sociais e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento, p.73

garantir conforto e funcionalidade, a preocupação com a qualidade estética encontra-se sempre presente.

Apresentando uma grande variedade de formas, de materiais e de técnicas, as casas de emigrantes resultam da reunião entre diversos elementos dicotómicos, são um encontro entre o rural e o urbano, entre tradição e modernidade, e entre o que é português e o que é estrangeiro.²⁸

Mais do que influências do estrangeiro, estas casas demonstram a passagem de um modo de vida rural a um modo de vida urbano, mas é a estadia no estrangeiro que acelera o processo de urbanização dos modos de vida.

Apesar de resultantes deste processo de urbanização, observam-se ainda algumas reminiscências da casa tradicional e do *habitus* rural nestas casas, sejam elas a escada exterior que conduz à porta de entrada, ou a varanda, entre outras. Aqui, no entanto, estes elementos assumem um papel puramente simbólico e decorativo, uma vez que existe geralmente um acesso alternativo no piso térreo e uma escada interior, mais comumente usados.

O valor simbólico destes elementos é ainda reforçado pela sua presença na fachada principal da casa, à vista de todos os que passam. É dada uma grande importância a estes espaços intermédios que fazem a relação entre o interior e o exterior da habitação, e que são, por isso, a imagem da casa. É aqui que se exprime a ascensão económica do emigrante e a sua intenção de originalidade e modernidade²⁹. As fachadas são descontínuas e assimétricas, com saliências e reentrâncias e várias são as formas e os materiais que as revestem; há janelas maiores, caixilhos de alumínio, balaustradas de cimento, gradeamentos de ferro.



Fig.5. A escada exterior e a varanda são elementos arquitectónicos que representam reminiscências do passado rural e da casa tradicional [Parada do Monte].

28 LEITE, Carolina, “Casa de emigrantes: gosto de alguns, desgosto de muitos”, *Revista Sociedade e Território* nº 8 [Espaço: emigração e retorno], 1989, Porto, Afrontamento, p.70

29 RAPOSO, Isabel, 1998, *op cit*, p.69

2.2. A casa clandestina.

A vontade da melhoria de condições de vida e a busca por um futuro melhor tem, ao longo da história, conduzido multidões a migrar em busca de oportunidades. As cidades, como centros da indústria e do comércio, são o lugar onde as oportunidades existem em maior número, onde se concentra o emprego, pelo que se observam constantes êxodos em direcção aos aglomerados urbanos. Não existindo resposta suficiente à necessidade de alojamento por parte de um tão grande número de pessoas, e por muitas vezes se verificar a falta do poder económico necessário à aquisição de casas no âmbito formal e regularizado, estes migrantes começaram a concentrar-se em situações ilegais, bairros de lata, ocupando terrenos livres, construindo as suas casas através de processos de autoconstrução e elegendo os materiais pela sua facilidade de acesso e proximidade física.

O morador clandestino obedece muitas vezes a um determinado perfil sociocultural, caracterizado muitas vezes por uma origem rural, por progenitores com actividades profissionais ligadas ao trabalho agrícola, uma iniciação precoce ao trabalho (especialmente agrícola), um reduzido nível de escolaridade, uma baixa inserção profissional e as consequentemente reduzidas possibilidades de ascensão social³⁰. Isto conduz a uma determinada concepção da realidade, a aspirações específicas e à preferência por determinado estilo de vida.³¹

O estilo de vida desejado, ou seja, uma reaproximação ao rural, o desejo de privacidade e de independência dos vizinhos e a vontade de que a casa suporte a possível actividade profissional ou a prática de diversas actividades lúdicas, muitas vezes relacionadas com o exterior, só poderá ser alcançado através de um determinado modelo de *habitat*, a moradia unifamiliar com jardim e quintal³².

Para além de permitir alcançar o estilo de vida desejado, a casa irá ainda criar o espaço e as condições necessárias para acolher toda a família. Este factor é de extrema importância nestes casos uma vez que ao perfil social do clandestino está também geralmente associada

30 FERREIRA, A., GUERRA, I., MATIAS, N., STUSSI, R., *Perfil social e estratégias do “Clandestino” – Estudo Sociológico da habitação clandestina na área metropolitana de Lisboa*, 1985, Lisboa: Centro de Estudo de Sociologia do ISCTE, p.28

31 GUERRA, Isabel, “Clandestinos: Elementos para uma análise” in DGOT, *Encontros sobre construção clandestina (I)* 1989, Lisboa: DGOT, p.68

32 PINTO Teresa Costa, 1998, *op cit*, p.33

[...] *uma concepção alargada da família e [...] o desejo de a casa a todos abrigar*³³. A construção da casa conduzirá ainda a uma imediata melhoria das condições de habitação e consistirá igualmente num património familiar que não evidencia apenas a desejada ascensão social, como representa uma garantia para o futuro familiar, constituindo uma herança para as gerações vindouras:

*Verifica-se uma constante presença da família restrita e alargada quer nas motivações quer no próprio processo de construção. Digamos que a moradia clandestina é, em grande medida, resultado da poupança da geração anterior, realização da geração presente e património para a geração futura numa íntima articulação de esforços e acordos sobre as perspectivas de vida.*³⁴

Pertencendo estas pessoas, na sua maioria, a [...] *grupos sociais que não têm no nível de escolaridade ou de inserção laboral o meio «natural» de ascensão social*³⁵, acreditam que a casa se torne, não apenas no único meio para alcançar o estilo de vida pretendido, como a única forma de ascensão social que poderão experimentar: [...] *a casa clandestina parece apresentar-se como o limiar de aspiração possível face às dificuldades de promoção a outros níveis da vida social.*³⁶

Deste modo, a casa ganha uma imensa importância, colocando-se no centro de todas as ambições. Ainda como objectivo, a casa determina o modo de vida adoptado, uma vez que todos os esforços terão de ser feitos para que tal se torne possível. Muitos serão os sacrifícios ao longo de uma vida que permitirão a poupança necessária à construção deste sonho.

A desadequação legal face às necessidades e expectativas da família, assim como a existência de diversos obstáculos à construção legal, conduzem muitas vezes a um processo clandestino de construção da

33 *ibidem*, p.41

34 GUERRA, Isabel, 1989, *op cit*, p.68/69

35 PINTO Teresa Costa, 1998, *op cit*, p.43

36 GUERRA Isabel, 1998, *op cit*, p.121

habitação³⁷, que é visto como a única forma de alcançar uma casa que responda ao modelo desejado. Pela ausência de constrangimentos egais, o processo clandestino permite ainda uma maior liberdade formal na concepção e personalização das casas, que permite ao proprietário criar a sua casa à sua imagem e em sua representação, diferenciando-se sempre das restantes.

Estas casas são assim [...] *entendidas pelos seus construtores como um acto sublimado de «criação pessoal», artesanal, estamos perante um modelo de expressividade que contém ingredientes de uma construção narcísica, imagem e representação de si que se quer revelar aos outros.*³⁸

A qualidade dos resultados alcançados pelos movimentos clandestinos poderá ser certamente discutível, muitos deles não contribuem de nenhum modo para a harmonização do território e têm um observável impacto na estrutura urbana, mas, pelo menos na sua génese, estes processos espontâneos de produção têm algo de qualidade, uma vez que demonstram os tremendos esforços de pessoas que conseguiram transformar pequenas poupanças em património habitacional e que tiveram a iniciativa de actuar no sentido de mudar a sua situação de habitação, questionando a inércia, a burocracia e as contradições do aparelho de Estado.³⁹

37 “A diversidade das razões motivadoras do processo de decisão por um clandestino não podem ser apreciadas fora do contexto dos bloqueamentos que presidem à produção do alojamento a que determinam, em grande medida, que o clandestino seja a única alternativa para a maioria das famílias. A desadequação, quantitativa e qualitativa, do mercado legal face às necessidades e expectativas das famílias é, em última instância, o grande impulsionador do processo. [GUERRA, Isabel, 1989, *op cit*, p. 68/69]

38 PINTO Teresa Costa, 1998, *op cit*, p. 40

39 GUERRA, Isabel, 1989, *op cit*, p. 70/71

3. Das origens e motivações do gosto popular.





Fig.6. As diversas memórias, entre as quais a lembrança de um passado rural, juntam-se ao sonho e à fantasia, no gosto popular.[Casa em construção - Parada do Monte]

*A minha casa destaca-se da tua, sobressai da rua. Eu existo através da minha casa.*⁴⁰

Já foi anteriormente referida a enorme importância que a casa tem na vida de cada um, por ser abrigo e oferecer a segurança necessária. Foram igualmente apresentadas algumas explicações para que a casa ganhe uma ainda maior relevância na vida dos que a constroem com os seus próprios meios. Seja por consistir na casa a solução para variados problemas, por esta ser um investimento no futuro familiar ou por representar um feito e a tão desejada ascensão social, a casa é muito importante para aqueles que edificam a arquitectura popular dos dias de hoje.

Pelo poder simbólico e de representação, que a casa apresenta, muitos são os esforços colocados por estas pessoas na construção das suas casas. Existe uma vontade de que esta apresente de forma adequada o seu proprietário, a imagem que ele tem de si próprio, ou a que deseja que outros tenham dele. Este desejo de demonstração de identidade e de diferenciação é, juntamente com as limitações práticas e económicas, a principal condicionante da imagem que a casa vem a alcançar. A vontade é a de passar uma imagem positiva, mostrar que se conhece o belo, que se sabe o que é melhor.

Enquanto os espaços interiores são vividos de forma privada, na intimidade familiar, o exterior da casa é visto por todos, deste modo, o aspecto exterior da casa e os espaços que lhe são contíguos são objecto de um maior investimento e dedicação. O gosto de cada um mostra-se aqui, no que é facilmente observado por todos. Há que mostrar aos vizinhos os gostos pessoais, os sucessos, há que cobrir a casa do que é considerado o melhor. É em torno deste desejo que se desenvolve a linguagem que materializa este gosto.

A condicionar o gosto popular estão diversos factores: da memória da arquitectura popular vernácula ao imaginário individual de cada um, o conjunto de memórias que constroem a ideia pessoal de casa, como as casas passadas, a estabilidade inerente ao conceito de lar ou os ambientes

40 Manuel Graça Dias, “Arquitecturas sem Arquitectos”, 2º parte, Ver Artes nº21: Arquitectura, 1994, Lisboa: RTP2

que construíram a sua felicidade individual. O gosto popular é ainda determinado pela memória das cidades observadas, a arquitectura do país de acolhimento, no caso dos emigrantes; um edifício significativo, a história, a lembrança de um passado rural, o conjunto de imagens com que se acredita poder parecer-se uma casa. Segundo Charles Moore,

*As formas que uma casa pode adoptar, sofreram sempre três tipos de limitações. As primeiras são as possibilidades económicas da pessoa. As segundas, os materiais e técnicas disponíveis. E as terceiras, a gama de coisas com que uma casa pode parecer-se, ou seja, o número de imagens conhecidas e que a sociedade estimula a emular.*⁴¹

A globalização resultante da facilidade que existe hoje na circulação de informação, leva a uma universalização cultural que influencia também a arquitectura popular. Já não se observam diferenças muito marcadas entre as várias regiões que compõem o País. Como descreve Manuel Graça Dias, as casas populares portuguesas já [...] *não se distribuem microclimaticamente por diversas tipologias, aparentemente em comunhão estreita com a finalidade ou as necessidades do utente [...] mas espalham-se um bocado por todo o país que se transforma em «região europeia»*⁴².

O conjunto das memórias, juntamente com o sonho e a fantasia em torno da casa desejada, levam a que se observem casas das mais diversas formas, mimetizando outras épocas da história, e adaptando formas características de edifícios de funções distintas da habitação. Como justificação para estes exemplos, Charles Moore, Gerald Allene e Donlyn Lyndon referem que,

*[...]a gente que fazia as suas casas à maneira de precedentes históricos, construía-as assim porque esses precedentes tinham para ela um significado. Contudo o que necessitavam era de uma casa, não um templo ou uma loggia, e por isso distorciam a escala e mudavam as funções dos seus antigos modelos, elevando-se com algo que, sem dúvida alguma, era seu.*⁴³

A reunião destes conceitos surge, juntamente com os símbolos a si

41 Tradução livre de MOORE, Charles *et al*, 1999, *op cit*, p.123

42 DIAS, Manuel Graça, *Vida Moderna*, 1992, Mirandela: João Azevedo, p.210

43 Tradução livre de MOORE, Charles *et al*, 1999, *op cit*, p.120

associados, nestas arquitecturas populares, onde se observa uma grande liberdade estética, resultante de um cruzamento despreocupado de influências das mais diversas origens.

Encontramo-nos perante um novo código formal, muito vasto e sem aparentes restrições, onde não há espaço para o certo e para o errado. A criatividade e a individualidade dão tudo em busca da representação pessoal de cada um, única e original. A condição clandestina contribui para esta liberdade formal ao não oferecer quaisquer constrangimentos, pelo menos legais, que possam condicionar a forma e o aspecto destas casas. As casas nascem assim livres, ao sabor da vontade e da emoção, do entusiasmo, da criatividade e da constante vontade de diferenciação.

Tendo o desejo, a vontade e, por vezes, o acaso como justificação para as formas alcançadas, vão sendo observáveis, por todo o País, os gestos arquitectónicos conduzidos por essa intuição, essa liberdade despreocupada. Estas casas são construídas em função da emoção. A emoção que provoca a cor da tinta escolhida, ou o padrão construído com os azulejos; o entusiasmo e a criatividade presente em escadas invulgares, pórticos inusitados, janelas nunca vistas; as texturas escolhidas, os revestimentos, a justaposição de volumes ao longo do tempo; os anexos e os aumentos, afinal é necessário responder às novas exigências de conforto e aos novos hábitos da vida doméstica.

Construídas geralmente através de processos de auto-administração da obra, e em alguns casos, através da autoconstrução, estas casas resultam de um saber autodidacta, um espírito de superação, em que o conhecimento usado é intuitivo ou resultante da prática e experimentação. Os novos materiais hoje produzidos, e a facilidade com que a estes se acede nos mercados locais, favorecem também a já referida experimentação formal nestes processos de construção sem a intervenção de mão-de-obra especializada. A liberdade torna-se assim ainda maior, e o proprietário da casa é livre para se exhibir e se distinguir dos demais.

Também a reutilização de diversos materiais está presente na arquitectura popular contemporânea e, especialmente no caso dos clandestinos, é facilmente observável a inventividade manifestada, tornando-se surpreendente a forma como se transformam materiais e objectos aparentemente inúteis, em objectos novos, funcionais ou decorativos. De restos, de desperdícios, de sucata, se constrói um mundo novo. Nada

se desperdiça, tudo pode vir a tornar-se útil; da obra do vizinho sobra o ferro para a estrutura e, sem cálculos, sem engenheiros, levantam-se pilares, vigas e lajes.

Assim se poderá caracterizar o gosto popular dos dias que correm. Mas porque será este “gosto popular” recusado pelos arquitectos? Se agrada a estas pessoas, não terá algo de valor?

Theodor Adorno alerta-nos para a necessidade de despertar para a possibilidade de descobrir beleza nos lugares onde não esperamos encontrá-la. Quem pode afinal dizer com certeza o que é feio e o que é belo? Poderá um objecto realmente ser feio? Ou trocando o contexto, a situação, o momento, este poderá deixar de o ser? Quem pode falar de modo convicto sobre um tema como a estética, que tem reunido e oposto as mais diversas opiniões ao longo da história? A discussão sobre o gosto será sempre acompanhada de uma certa subjectividade e será sempre discutível a hipótese da sua regulamentação:

[...] as avaliações estéticas fazem parte de um processo feito de experiências, comparações e esclarecimentos; quando se normalizam tende-se a obedecer a determinado gosto por conformismo ou moda e sente-se o vazio da norma; é neste momento que o gosto regressa novamente, pois ele é espontâneo, desdenha a ostentação de regras e apenas é favorecido pelo exercício judicioso da razão. ⁴⁴

Quem estabelece o gosto dominante tem tentado, ao longo dos tempos, evitar os decorativismos e alcançar uma maior pureza das formas, e tem procurado abafar todas as demonstrações de liberdade que divirjam dessa pureza. O movimento moderno foi um exemplo desta busca de pureza formal, que acabou por ser difundida através de uma mensagem de funcionalidade e de ideologia social. Como menciona Charles Moore, *[...] o bom gosto pretende intimidar-nos com regras e limitações que asfixiam as eleições pessoais [...]* ⁴⁵

É frequente olhar para o passado e estudá-lo, ir à arquitectura popular vernacular procurar beleza e buscar inspiração, mas não será tão comum

44 CASTRO, Alexandra, “As construções dos emigrantes e a legitimidade de uma estética singular”, *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento, p.80

45 Traduzido de MOORE, Charles *et al*, *op cit*, p. VII

ir buscar a mesma inspiração à arquitectura popular contemporânea. *Porque é que as construções aleatórias populares antigas nos parecem sempre melhores, mais interessantes, mais pensadas que os seus correspondentes contemporâneos?*⁴⁶

Como refere Robert Venturi, em *Learning from Las Vegas*, [...] *não é nenhuma novidade inspirarmo-nos no vulgar. A arte culta muitas vezes provém da arte popular. Se olhamos para trás, para a história e a tradição, para avançar, também podemos olhar para baixo para subir.*⁴⁷

Uma vontade idêntica à que levou às construções populares antigas, conduz hoje às demonstrações de arquitectura popular dos dias que correm, de que são exemplos as casas de emigrantes e os bairros clandestinos. O cuidado posto no desenho, a atenção colocada nos detalhes, o amor nutrido pela casa, são repetidos, como no passado, e ainda hoje motivam as demonstrações de liberdade que compõem estas casas, como nos conta Manuel Graça Dias:

*O mesmo desejo que levou o Alentejo a barrar as ombreiras de azul, [...] que levou o norte do Douro a recortar abstractos jarrões espalmados na madeira para construir as guardas de varanda, [...] têm hoje correspondência em letreiros gostosamente pintados a tinta de óleo no cenário de uma empena ou em galerias interiormente brilhantes de frisos cerâmicos ou «pele de girafa» ou em bordaduras carapinhadas a verde oliva ou roxas ou negras à volta de um buraco de janela.*⁴⁸

Estas casas são verdadeiras, resultam dos esforços e da vontade dos seus construtores, e assim sendo, revelam-se autênticas; por vezes ingénuas, mas, por isso mesmo, legítimas.

Aqui, a emoção, o acaso e o desejo são quem manda, não sendo reprimidos nem condicionados por nenhum código de gosto ou nenhum sistema formal. Talvez saindo, sem preconceitos nem ideias preconcebidas de beleza e de gosto, a ver as arquitecturas de não-arquitectos, se possa lá encontrar algo de valor. Poder-se-á talvez

46 DIAS, Manuel Graça, 1992, *op cit*, p.221

47 Manuel Graça Dias referindo Venturi em “Arquitecturas sem Arquitectos”, 2º parte, *Ver Artes n°21: Arquitectura*, 1994, Lisboa: RTP2

48 DIAS, Manuel Graça, 1992, *op cit*, p.211

aprender algo com os exemplos dados por estas pessoas, que põem tanto de si na construção e desenho das suas casas, que são exemplos do amor necessário à construção de uma casa, que tomam decisões de forma livre e despreocupada, ao sabor da vontade e do acaso, no fundo ao sabor da vida.

4. Do distanciamento do arquitecto para com o popular.





Fig.7. Tem-se verificado, ao longo dos tempos, uma disparidade entre o gosto proposto pelos arquitectos e o aceite pela cultura popular [Le Corbusier, Cité Frugés, Pessac, adulterada pelos habitantes].

*O racismo e a intolerância penetram muitas vezes os terrenos da estética como se esta não fosse um caminho de dúvida paralelo às interrogações da vida, mas qualquer produto da matéria, regrável e quantificável.*⁴⁹

Como já foi anteriormente referido, é comum em arquitectura, ir ao passado buscar inspiração, estudá-lo e tentar compreendê-lo. Os arquitectos admiram e aceitam com facilidade a arquitectura vernacular antiga ou a longínqua, mas com igual facilidade rejeitam a arquitectura popular local e contemporânea, desprezando-a. Também é habitual verificar-se uma certa resistência na aceitação dos modelos eruditos por parte das populações, sendo que a sua maioria demora a aceitar as linguagens formais propostas pelos profissionais especializados.

No seu livro *Housing for the Millions*, John Habraken refere que:

*No final da década de 1950, já se tinha tornado claro que existia um distanciamento entre os novos edifícios do Estilo Internacional, que indiscutivelmente satisfaziam os standards estéticos de um repertório dominante de formas, e as ideias, os desejos, e as necessidades dos seus ocupantes, com os quais estes edifícios não tinham qualquer conexão. Uma elite de arquitectos estava em desacordo com o público em geral.*⁵⁰

De onde virá este distanciamento entre os arquitectos e a arquitectura popular, entre o que o arquitecto considera bom e o que é “aceite” pelas maiorias que o recebem? Qual será o motivo da [...] *distância cultural entre uma arquitectura popular, não codificada, anónima ou espontânea e uma arquitectura de autor, de excelência, erudita, concebida numa perspectiva socialmente distintiva.*⁵¹ ?

Existem diversos motivos para que o gosto popular tenha vindo a ser desvalorizado pelos arquitectos ao longo do tempo. Uma das razões para esse menosprezo é o facto de alguns profissionais considerarem que este novo gosto é apenas resultante das estratégias de *marketing* da sociedade actual, que impõem o consumo de determinados símbolos.

49 DIAS, Manuel Graça, 1992, *op cit*, p.112

50 Traduzido de HABRAKEN, N. J. (John Habraken and the SAR), 2000, *op cit*, p.75

51 CASTRO, Alexandra, 1998, *op cit*, p.81

Os arquitectos serão capazes de reconhecer o simbolismo por trás dos resultados formais observados, mas dificilmente o aceitam. Segundo Robert Venturi, para estes arquitectos, as casas populares, repletas dos simbolismos das mais diversas origens, tempos, lugares ou tipos funcionais, representam

[...] *os valores materialistas degradados de uma economia de consumo em que as pessoas sofrem uma lavagem cerebral pelo marketing de massas não tendo outra escolha senão optar pelo que é mau e barato, com suas violações vulgares da natureza dos materiais e a sua poluição visual de sensibilidades arquitectónicas*[...].⁵²

Os eruditos que criticam a arquitectura popular contemporânea consideram que esta vontade de demonstração de identidade não é genuína mas sim provocada pela pressão que a sociedade exerce para que se demonstre sucesso e para que se consumam objectos, símbolos e significados.

Alain de Botton⁵³ defende que a pressão imposta pela sociedade contemporânea para que se obtenha e se exhiba sucesso condiciona profundamente as vidas e as escolhas de cada um. A constante comparação entre pares é um dilema que impede o alcançar da felicidade individual, tornando-se essencial conquistar um certo *status*, o respeito, para evitar que os sucessos de outros se tornem em fracassos pessoais. Para, pelo menos aparentar, pertencer ao grupo dos vencedores, há que atribuir toda a importância ao sucesso profissional e à melhoria dos rendimentos familiares, de modo a poder responder positivamente aos estímulos consumistas da sociedade actual, e assim demonstrar o sucesso alcançado.⁵⁴ A casa torna-se então um signo deste sucesso, pronta a encher-se de símbolos que o representem.

Também Jean Baudrillard se encontra no grupo dos eruditos que considera que a identidade individual se perde no seio dos valores de consumo compulsivo ditados pelos *media* nos dias de hoje, referindo que *o narcisismo do indivíduo na sociedade de consumo não é fruição*

52 Adaptado do português do Brasil de VENTURI, Robert, *Learning From Las Vegas*, 1972, versão traduzida por Pedro Maia Soares, 2003, São Paulo: Cosac&Naify, p.195

53 Filósofo e escritor suíço, famoso por divulgar o uso da filosofia na vida quotidiana.

54 Alain de Botton, *Status Anxiety*: Documentário para TV, 2004, Reino Unido, Realizado por: Neil Crombie, [<https://www.youtube.com/watch?v=t1MqJPHxy6g>]

*da singularidade, é refração de traços colectivos.*⁵⁵

Robert Venturi considera que é destas ideias que se constrói o preconceito dos arquitectos para com o popular e que leva a que estes rejeitem a qualidade da arquitectura popular contemporânea antes mesmo de aprofundar o seu estudo sobre ela, uma vez que

*O conteúdo dos símbolos, o comercialismo e as aspirações [...] destas pessoas [...] causam tanta repulsa a tantos arquitectos que eles são incapazes de investigar de mente aberta a base do simbolismo ou analisar as formas [...] em seu valor funcional;*⁵⁶

Ao desprezar o valor arquitectónico destas casas, são ignoradas as suas qualidades que satisfazem as aspirações e as necessidades dos seus proprietários, que incluem a vontade de um simbolismo explícito no que concerne a casa. É desejado que o espaço da habitação corresponda à imagem pessoal de casa, e é essencial que esta identifique o seu proprietário e demonstre a sua individualidade.

As críticas acerca das justaposições de elementos simbólicos que preenchem a arquitectura popular contemporânea, consideram-nas uma mistura desordenada e confusa. Um dos argumentos em que se apoiam estas críticas é o facto de serem repetidas as imagens dos símbolos, sem que se reflecta sobre a sua essência. Criticam a sua falta de autenticidade, mas esquecem o objectivo com que foram construídas. O objectivo não é o de ser realmente, mas sim o de parecer, não é necessário que seja autêntico e bem acabado, mas sim que represente, simbolize algo.

Esta posição não acompanha o pensamento da referida crítica erudita que, apesar de nem sempre o admitir, procura geralmente alcançar um determinado resultado formal. Mesmo os movimentos arquitectónicos que tiveram por base uma ideologia social, foram, por vezes, incoerentes. É o caso do movimento moderno, que negava o valor dos modelos arquitectónicos que se distanciavam dele, por não lhe agradarem os seus resultados formais. Os integrantes do movimento moderno defendiam apoiar os seus preceitos numa base

55 BAUDRILLARD, Jean, *Consumer Society*, 1970, versão traduzida para português, Lisboa: Edições 70, p.109/110 *apud* MONTEIRO, Bruno, *Arquitectura Popular Contemporânea*, 2007, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Domingo Tavares], p.61

56 VENTURI, Robert, 1972, *op cit*, p.195

social forte, mas quando confrontados com a existência de outros modelos que respondiam a muitas das questões sociais que levantavam, desprezaram esses modelos, por estes não corresponderem aos padrões formais idealizados por este círculo. Isto demonstra uma certa falta de concordância na selecção de valores do movimento moderno, uma vez que eram proclamadas questões sociais, mas era também perseguido um pré-estabelecido objectivo formal, despojado, que surgia legitimado pela ideologia funcionalista que o apoiava.

Os resultados obtidos pelo movimento moderno foram sendo discutidos, juntamente com a sua qualidade, e deu-se em variados casos, uma incompreensão por parte das pessoas, um afastamento. As pessoas não aceitaram estes modelos, sentindo saudades de um símbolo, saudades da emoção, essa que lhes vem de forma irracional. Tanta racionalidade presente nesta arquitectura retira-lhe por vezes humanidade. Como menciona Manuel Graça Dias,

Hoje os argumentos «funcionais» não se podem ouvir e a tristeza dos bairros periféricos, ferozmente paliçada atrás dessa mecânica faz-nos suspirar por um tempo em que a qualidade dos estuques que enfeitavam as salas e os quartos fazia esquecer a quantidade de passos necessários ao transporte de uma terrina de sopa.⁵⁷

Ao não considerar modelos alternativos como os propostos na arquitectura popular de hoje e ao não aceitar que a heterogeneidade construa as cidades, os arquitectos impõem um determinado tipo de arquitectura, e julgam, sem procurar conhecer, tudo aquilo que não se enquadre nos parâmetros que defendem. Robert Venturi considera que os arquitectos,

Na qualidade de experts com ideais, que têm uma consideração de fachada pelas ciências sociais, constroem para o Homem, mas não para as pessoas – o que significa, para satisfação própria, ou seja, para satisfazer seus valores de classe média alta, que atribuem a todo o mundo.⁵⁸

Os padrões elevados definidos pelos arquitectos, muitas vezes não correspondem aos desejos da generalidade das pessoas, assim como as formas propostas pelos arquitectos não respondem ao seu desejo de

⁵⁷ DIAS, Manuel Graça, 1992, *op cit*, p.113

⁵⁸ VENTURI, Robert, 1972, *op cit*, p.197

liberdade formal, repleta de simbolismo. Segundo Robert Venturi, as maiorias geralmente rejeitam “*os vocabulários formais limitados que a maioria dos arquitectos promove, ou os aceitam vinte anos depois, modificados pelas construtoras [...]*”⁵⁹

Há que compreender que o gosto popular não é um gosto educado, trabalhado, ele é condicionado por diversos factores, desde os *media*, à experiência pessoal de cada um, o que cada um viu e experimentou, mas não é educado. As maiorias não têm acesso à boa arquitectura, segundo Robert Venturi, apenas os mais ricos e os mais pobres têm acesso à boa arquitectura, os mais ricos por terem o poder económico necessário a esse acesso e os mais pobres através de programas de habitação social. Por este motivo, as modas chegam às maiorias com um atraso considerável e o que é novo demora sempre algum tempo a ser aceite.

Já anteriormente foi mencionado o facto do gosto popular ser influenciado pelos mais diversos factores, sendo um desses factores a memória e os símbolos que a representam. Seja a memória das cidades, ou das casas já habitadas, as imagens observadas ao longo da vida vão construindo o imaginário arquitectónico de cada um e, naturalmente, novas formas e novas linguagens, que não estão incluídas nesse imaginário, são repelidas, e mais facilmente são reconhecidos os símbolos ou as imagens da tradição passada, como um telhado, ou a escada exterior de uma casa, pelo respeito ou conforto que invocam, mesmo que de forma inconsciente.

Nem todos os exemplos de arquitectura popular contemporânea são bons exemplos, são aliás observáveis pelo país fora alguns absurdos modelos, fruto da excentricidade ou da simples ingenuidade dos seus criadores. O facto de serem copiados símbolos e formas sem aprofundar o estudo acerca da sua essência tem levado à construção destes maus exemplares, e à sua consequente repulsa por parte dos arquitectos. A repetição da memória dá-se, por vezes, de forma tão imediata que não permite a sua compreensão. Das erradas interpretações que daqui resultam, surge a mimetização de elementos arquitectónicos de forma desadequada, sendo comum observar elementos arquitectónicos, no passado fruto de condicionantes práticas, a serem repetidos, hoje já

59 *idem*

sem nenhuma necessidade, e refeitos com novos materiais, ao invés de serem explorados estes novos materiais em todo o seu potencial, promovendo inovação e aperfeiçoamento. O ideal seria compreender o espaço em profundidade, tentar alcançar a sua essência, o que motiva a sensação de conforto, o prazer, e essa sim, tentar repeti-la, reinventando, actualizando.

Ignorando os óbvios factores negativos, afigura-se que o gosto popular que hoje observamos satisfaça os desejos da maioria da população que quase sempre se afastam dos modelos propostos pelos arquitectos.

Os arquitectos [...] *recusam grande parte dos padrões sociais dominantes porque não gostam das consequências arquitectónicas desses padrões*⁶⁰, não tentando sequer compreendê-los mais profundamente. O seu gosto educado leva a que partam para a observação destes casos pensando de antemão que estes são errados, negativos, não se esforçando sequer por conhecê-los, estudá-los, não acreditando que possam trazer algo de positivo.

Aceitando que [...] *uma cidade, não é feita por articulistas de jornal, por procuradores de «mamarrachos», mas pelas pessoas que nela se deslocam e a aprendem a usar* [...] ⁶¹, e esquecendo o preconceito estabelecido pelo seu gosto educado, talvez seja positivo que o arquitecto estude o gosto popular mais profundamente, procurando compreender o que o motiva e o que atrai os seus seguidores. Talvez assim seja possível reinterpretar o objecto estudado, manter as suas qualidades, tão apreciadas pelas pessoas, mas recriá-lo de uma forma actual e mais apropriada.

⁶⁰ *ibidem*, p.197

⁶¹ DIAS, Manuel Graça, 1992, *op cit*, p.227

5. Revisão do papel do arquitecto.





Fig.8. [Renca, Santiago, Chile - maquetes de crianças] Para além de prever a evolução das casas, o *atelier Elemental* trabalha também com as populações durante o processo de concepção das mesmas.

*A arquitectura não faz milagres, mas a discussão dela parece poder ajudar. Os futuros utilizadores das coisas a quererem participar nas decisões e mais os arquitectos a saber interpretar esses quereres difusos, podem construir bocados de cidade melhores, de modos mais informais, mais generosos e mais úteis. Mais bonitos, entretanto.*⁶²

O distanciamento que se tem sentido ao longo dos tempos entre os arquitectos e as práticas populares de arquitectura tem conduzido a diversos problemas, entre os quais a existência, por vezes, de uma clara desadequação entre o trabalho dos arquitectos e os desejos e aspirações das pessoas que habitam as casas por estes desenhadas.

A história apresenta-nos alguns exemplos em que o trabalho dos arquitectos foi insensível àqueles a que se destinava, levando a uma certa revolta por parte destas pessoas.

O caso da Cité *Frugès*, na cidade francesa de Pessac, exemplifica bem esta questão. Aqui, Le Corbusier projectou um conjunto de casas para habitantes que desconhecia, sem que eles participassem de nenhum modo no processo da sua concepção e construção. Não conhecendo as vontades e aspirações de quem ia ocupar as casas por si desenhadas, o arquitecto viu o seu trabalho incompreendido. Segundo Charles Moore, os “*sonhos cuidadosamente construídos que Le Corbusier havia forjado não foram reconhecidos nem aceites pelos que depois ali viveram.*”⁶³ Os habitantes de Pessac não viram na proposta de Le Corbusier uma casa, pelo que tomaram a liberdade de alterar a realidade existente, transformando-a numa outra que melhor respondesse às suas necessidades e à imagem da casa idealizada. *Ao longo dos anos foram transformando a imagem abstracta de Pessac num idioma vernáculo muito mais doméstico e familiar [...] uma vez que o existente [...] simplesmente não satisfazia as expectativas sobre o que devia ser uma casa [...]*⁶⁴ para a maioria dos habitantes. Apesar de Le Corbusier dizer ter sido aqui completamente incompreendido, por ver a sua obra

62 DIAS, Manuel Graça, “Qualquer coisa que suponho certa, outra vez.”, Lisboa: *Público*, 15/10/2013

63 Tradução livre de MOORE, Charles *et al*, 1999, *op cit*, p. 134

64 *idem*

“destruída”, sendo alterada pelos ocupantes, travestida até, o mesmo veio mais tarde afirmar: *Sabem, é sempre a vida que tem razão, foi o arquitecto quem errou*⁶⁵, considerando a hipótese de o responsável pela situação poder ser também o arquitecto, que terá sido incapaz de adequar a sua proposta à situação, ou então de a explicá-la, entusiasmando os futuros utilizadores.

Quando o processo de projecto se torna algo alienado das vontades dos habitantes, estes acabam muitas vezes por não se identificar com o espaço que habitam, e que, como casa, deveriam sentir como seu. Os habitantes da *Cité Frugès* apenas trabalharam no sentido de alterar aquelas habitações para que estas se adequassem aos seus ideais de casa, tendo os esforços desenvolvidos existido sobretudo no sentido de criar símbolos com os quais se identificassem.

Casos como este levam a que se repense o papel que o arquitecto tem na sociedade. Pelo lugar de importância que o seu trabalho ocupa na vida das pessoas, será extremamente relevante que exista uma maior sensibilidade no acto de projectar, especialmente quando se trata de habitação. Havendo elementos arquitectónicos e formas com as quais as pessoas se identificam, talvez mereçam ser estudadas, compreendidas, reinterpretadas, e não prontamente desprezadas por não serem agradáveis os seus resultados formais. Aliás, a função do arquitecto passa também por lidar com estes elementos, cruzá-los com o seu conhecimento de forma a conceber algo aceite pelas duas “culturas”, a popular e a erudita.

Robert Venturi considera que, ao observar o gosto popular em arquitectura, devemos *suspender o julgamento sobre ele a fim de aprender e, aprendendo, tornar os julgamentos posteriores mais sensíveis*⁶⁶. O mesmo autor acrescenta que existem inúmeras vantagens em fazer este exercício de compreensão, uma vez que [...] *aprender com a cultura popular não retira ao arquitecto o seu status na alta cultura. Mas pode alterar a alta cultura para torná-la mais sensível às necessidades e questões actuais*⁶⁷, defendendo ainda que apenas



Fig. 9. Cité Frugès de Le Corbusier, em Pessac, antes e depois das intervenções dos habitantes.

65 Tradução livre de Le Corbusier, sobre as intervenções dos habitantes no seu projecto para a Cité Frugès, em Pessac

66 VENTURI, Robert, 1972, *op cit*, p.194

67 *ibidem*, p.200

assim será possível construir [...] *a arquitectura das pessoas tal como as pessoas a desejam (e não aquela que algum arquitecto decida que o homem precisa)* [...]⁶⁸. No seu livro *Learning From Las Vegas*, Robert Venturi defendeu esta ideia, referindo que os arquitectos deveriam ser:

[...] mais abertos aos valores diferentes dos seus próprios e menos apressados em aplicar normas pessoais a problemas sociais – fazer parte, como costumávamos dizer, da solução, e não do problema. [...] os arquitectos [...] deveriam suspender o desdém pelo ambiente visual da cidade até, pelo menos, entender por que as pessoas gostavam daquilo. ⁶⁹

Como espaço de todos os dias, a casa adquire diversas funções simbólicas. A casa representa desde a ideia de abrigo e segurança, ao lugar de sonho de cada um, e, como espaço íntimo e pessoal, é da maior importância na vida de quem a habita. Muitas vezes o seu utilizador quer que esta seja construída à sua imagem, que seja a casa, para si e para os seus, imaginada por si. Sendo também a casa uma demonstração de identidade, já que acabará muito provavelmente por reflectir quem a habita, faz todo o sentido que, como António Baptista Coelho refere, o habitante tenha [...] *liberdade de transformação do seu espaço doméstico* [...]⁷⁰, como uma [...] *afirmação da identidade de quem reside e marca um certo sítio* [...]⁷¹.

A possibilidade de os habitantes se identificarem verdadeiramente com o seu espaço doméstico é uma das vantagens da participação activa destes moradores no processo de concepção, ou mesmo construção, das suas casas.

Os diversos casos de sucesso que a autoconstrução foi deixando em todo o mundo, ao longo dos distintos momentos da história, vêm demonstrar a iniciativa dos povos, o esforço e o saber assente numa cultura transmitida de geração em geração, apoiada numa tradição de construção local. Esta autoconstrução, sustentável na escolha dos materiais e técnicas utilizadas e cujo objectivo terá sido sempre abrigar

68 adaptado de português do Brasil de *idem*, p.201

69 *ibidem*, p.209

70 COELHO António Baptista, 1998, *op cit*, p.141

71 *ibidem*, p.142

o homem e as suas actividades diárias, alcançou por vezes resultados de grande interesse formal. São visíveis por toda a parte os feitos da autoconstrução ao longo dos tempos, do vernáculo antigo ao vernáculo industrial. Como refere Marta Moreira, *a autoconstrução, que deixa de lado arquitectos e construtores, tem dado lugar a inúmeras maravilhas arquitectónicas através do mundo [...]*⁷².

O arquitecto e historiador Bernard Rudofsky, na sua exposição “Architecture without Architects”, em exibição no MOMA, entre Novembro de 1964 e Fevereiro de 1965, fez uma apologia da arquitectura vernacular. Exaltando as qualidades presentes na “arquitectura sem arquitectos”, como a sensibilidade demonstrada no enquadramento das construções no contexto e o facto de estas construções cumprirem de forma eficiente a função a que se destinavam, este autor pretendeu demonstrar a importância da participação dos habitantes na construção das cidades bem como a necessidade de um olhar menos preconceituoso para com estes exemplos, por parte dos arquitectos, sugerindo que *há muito para aprender com a arquitectura de antes de esta se ter tornado uma arte de especialistas*.⁷³

Também John Turner dedicou grande parte do seu trabalho às questões sociais relacionadas com a habitação, defendendo a importância de um maior protagonismo do habitante no processo de criação da sua casa. Manuel da Costa Lobo considera que John Turner *reflecte sobre as energias fantásticas demonstradas pelos povos com poucos recursos na construção do seu habitat*⁷⁴, acrescentando que:

Os estabelecimentos humanos realizados por essa população têm sido designados por bairros de lata, cancros urbanos e outros termos denegridores. No entanto, se observarmos o esforço e o engenho evidenciados nessas realizações, sem qualquer auxílio oficial ou técnico, então talvez se devesse rever aquela apressada apreciação. Numa avaliação de carácter geral poderemos dizer que são as populações, espontaneamente, quem realiza, afinal, a maior



Fig.10. Mojacar, na província de Almeria, Espanha. Um dos muitos exemplos de arquitectura vernacular, apresentados por Bernard Rudfsky na exposição “Architecture without Architects”.

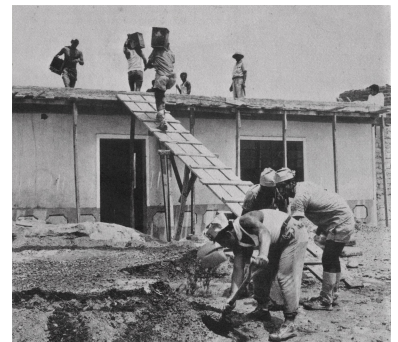


Fig.11. Habitantes a construir gradualmente as suas casas [Lima, Perú]. John Turner esteve envolvido apenas no desenvolvimento de teoria. Este autor acompanhou activamente diversos processos de construção participada de equipamentos e de habitação, tendo trabalhado não só no Reino Unido e nos EUA, como passou oito anos no Peru, a desenvolver programas de auto.ajuda em aldeias e zonas urbanas precárias.

72 MOREIRA, Marta rocha, *A casa que ainda não temos...*, 2001, Porto: FAUP, p.34 [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Beatriz Madureira]

73 Tradução livre de RUDOFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects*, 1965, New York: The Museum of Modern Art, prefácio.

74 LOBO, M.L. da Costa, “Os valores encobertos no fenómeno da clandestinidade urbanística” in DGOT, *Encontros sobre construção clandestina*, 1989, Lisboa: MPAT, p. 26



Fig.12. Facteur Cheval em frente ao seu Palais Ideal.



Fig.13. Ao criar esta pedra, eu quis provar o quanto pode a vontade. Uma das muitas inscrições visíveis no Palais Ideal de Ferdinand Cheval.

parte das cidades do Mundo.⁷⁵

De facto, para alguns estudiosos do tema, o que se verifica é que:

[...] a precariedade, pautada por um despojamento material e económico, obriga a desenvolver um certo sentido de sobrevivência, de inevitável adaptação por parte dos vários actores ao meio adverso. Lidar com a dificuldade constante faz aguçar a criatividade e conduz à desenvoltura na luta pela sobrevivência [...]⁷⁶

A arquitectura *naif* deu-nos também exemplos da sua competência, e os esforços demonstrados e as capacidades adquiridas de forma autodidacta em casos como o *Palais Ideal* de “Facteur” Cheval, construído nos princípios do século XX, estão aqui para nos provar isso.

Ferdinand Cheval, um antigo carteiro francês, percorria todos os dias cerca de 30 quilómetros na sua rota de distribuição. Um dia terá tropeçado numa pedra de aparência insólita e esta terá inspirado o sonho de construir o seu *Palais Ideal*. Sem qualquer formação em arquitectura ou em qualquer outra forma de arte, o homem, conhecido como *Facteur* (carteiro) Cheval, passou 33 anos a construir este palácio, justapondo seixos e rochas de formas singulares, que ia encontrando na sua rota diária e que transportava com o auxílio de um carrinho de mão. Este palácio está localizado em Hauterives, no sudeste de França, e foi construído entre os anos de 1879 e 1912. O palácio, um *trabalho de um só homem*⁷⁷, foi construído sem qualquer regra arquitectónica, longe da influência de movimentos artísticos, e apresenta uma complexidade impressionante. Único no mundo, o *Palais Ideal* foi classificado como monumento histórico em 1969, sob o título de arte *naif*.⁷⁸

O estudo destes fenómenos de autoconstrução pode adquirir uma grande importância ao ajudar a incutir nos arquitectos uma maior consciência da realidade e dos verdadeiros desejos das pessoas em relação à sua morada. O estudo destes desejos habitacionais dos moradores poderá

⁷⁵ *idem*

⁷⁶ NETO, Pedro, *Bairro de lata : inspiração em tempos de crise?*, 2009, Porto: FAUP, p.6 [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Álvaro Domingues]

⁷⁷ tradução livre de uma frase que o próprio inscreveu sobre o edifício.

⁷⁸ Tradução livre da informação recolhida no *site* sobre a obra de Facteur Cheval, em <http://www.facteurcheval.com/histoire/palais-ideal-facteur-cheval.html> [consultado em 14/06/2015]

facilitar a criação de *habitats* mais satisfatórios.

A aceitação da autoconstrução como uma possível solução pode também ser uma mais-valia, pelas diversas vantagens que existem em dar *um papel mais activo no processo de concepção/realização da casa*⁷⁹ aos moradores. Uma vantagem imediata será a maior adequação às necessidades, vontades e capacidades económicas dos ocupantes. John Turner considera que existe ainda outra vantagem, essencial ao bem-estar individual e social, que será o sentimento de realização pessoal que advém da construção da própria casa e a consequente maior valorização da mesma. Para reforçar esta ideia, este autor cita uma conversa entre Ivan Illich e Richard Wollheim, onde é referido que,

*[...] as pessoas não precisam apenas de obter coisas. Eu acho que elas precisam, acima de tudo, da liberdade para fazer coisas – coisas entre as quais possam viver. Para lhes dar forma, de acordo com os seus próprios sentimentos, os seus próprios gostos, a sua própria imaginação.*⁸⁰

Soluções que são exemplos de uma abordagem mais sensível à realidade das famílias e das suas necessidades e capacidades a cada momento, são os sistemas que prevêm a evolução das habitações ao longo do tempo. De acordo com Francisco da Silva Dias e Nuno Portas, os sistemas de habitação evolutiva, não obrigam a fórmulas assentes na autoconstrução, mas admitem essa possibilidade⁸¹ e são uma forma de deixar *entrar o factor «tempo» (ao permitir uma adaptação à evolução do contexto sócio-económico e cultural dos habitantes) na vida do tecido urbano.*⁸²

António Baptista Coelho e António Reis Cabrita referem ainda a existência de diversas vantagens nos processos de habitação evolutiva, uma vez que permitem criar [...] *abrigos mínimos ampliáveis ou*

79 DIAS, Francisco e PORTAS, Nuno, “Habitação Evolutiva”, Revista “Arquitectura” nº126, 1972, p. 100

80 Tradução livre de excerto de “The Destruction on Conviviality”, conversa entre Ivan Illich e Richard Wollheim gravada numa conferência de filósofos no Chipre (The Listener, vol 86, nº 2229, 1971, p.827) *apud* TURNER, John e FICHTER, Robert, *Freedom to Build: Dweller Control of the Housing Process*, 1972, New York: The Macmillan Company, p.293

81 DIAS, Francisco Silva e PORTAS, Nuno, 1972, *op cit*, p. 100

82 *ibidem*, p.101

*proporcionar casas económicas mas completas que possam ser muito desenvolvidas e melhoradas, ou ainda proporcionar habitações caracterizadas por um potencial máximo de adaptabilidade, física e ambiental, ao longo do tempo*⁸³. Se a família não possui poder económico para construir a casa que idealiza de forma imediata, pode optar por ir construindo e melhorando essa casa ao longo do tempo, e, como sugere Alejandro Aravena, *em vez de pensar numa casa pequena, porque não considerá-la como metade de uma boa?*⁸⁴

Podendo assim, o processo de construção da casa, estar mais intimamente relacionado com a evolução familiar, para além de permitir uma melhor adequação às necessidades e capacidades económicas e de mão-de-obra do agregado familiar a cada momento, a evolução da habitação cria igualmente uma maior satisfação pela participação activa no processo de construção das suas próprias casas, e de definição das suas vidas.

A vida encontra-se em constante mutação e as necessidades pessoais e familiares evoluem com o tempo. Será por isso tão importante permitir e prever a evolução da habitação. Existem alguns exemplos de sistemas de habitação evolutiva, em que os habitantes ganham uma muito maior autonomia ao gerirem e alterarem os espaços da sua casa.

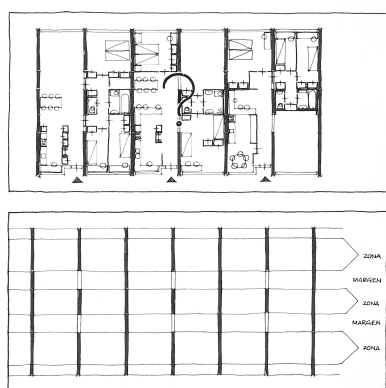


Fig.14. Esquema dos *Suportes*, de John Habraken, onde se observa a estrutura modular que garante a estabilidade estrutural, enquanto permite variações e diferentes formas de ocupação do espaço.

John Habraken, foi um arquitecto holandês que trabalhou ao longo da sua vida em torno das novas formas de construir e pensar a arquitectura, principalmente com o objectivo de solucionar alguns dos problemas sociais relacionados com a habitação. John Habraken defendia que a construção das casas deveria ser feita com materiais produzidos industrialmente, elementos *standard*, que iriam permitir alguma flexibilidade e a evolução da habitação com o tempo e com as necessidades do seu ocupante. Este autor considerava ainda que a casa não deveria ser entregue ao seu habitante como um produto acabado, dificilmente alterável, mas sim que os arquitectos deveriam pensar em “suportes”, estruturas modulares, capazes de garantir a estabilidade estrutural de um edifício, assim como as infra-estruturas mínimas, mas

83 COELHO, António B. e CABRITA, António R., *Habitação Evolutiva e Adaptável*, 2ª ed, 2009, Lisboa: LNEC, p.3

84 ARAVENA, Alejandro, *Elemental. Incremental Housing and Participatory Design Manual*, p.17 *apud* TEIXEIRA, Francisca, *Construir a cidade informal: Metodologias de intervenção no Global South*, 2013, Porto: FAUP, p.8 [Prova Final – Edição polycopiada, Prof. responsável José Pereira]

que permitissem diversas variações e formas de ocupação por parte do habitante, podendo ainda evoluir conforme as suas necessidades e desejos no decurso do tempo⁸⁵.

Alejandro Aravena e a sua equipa do *atelier Elemental*, têm precisamente a habitação evolutiva como elemento central da sua obra relacionada com a habitação social. Acreditando que o projecto de uma casa deve ser feito com o tempo, Alejandro Aravena propõe que a “casa inicial” providenciada às famílias seja apenas metade da casa em que esta se pode vir a tornar. Construindo uma estrutura modular e garantindo, logo de início, as áreas de serviço e as infra-estruturas essenciais, é concedida à família a metade da casa que lhes seria mais difícil construir de forma autónoma, e é-lhes deixado espaço para que construam, eles próprios, as ampliações das suas casas, aumentando o seu valor e adaptando-as às necessidades da família ao longo do tempo.

Na impossibilidade de pensar a casa juntamente com a família que a ocupará, o ideal será que se preveja a apropriação e a possível adaptação dos espaços de acordo com as necessidades, vontades e identidades dos seus habitantes. Baptista Coelho considera que os arquitectos devem pensar a habitação de forma a permitir ao habitante a [...] *inserção das suas próprias relações sociais e familiares* [...] devendo a casa ser [...] *um espaço que permita a escolha dos seus arranjos interiores*.⁸⁶

Charles Moore também reflecte sobre a necessidade de, ao projectar habitação, especialmente quando o futuro morador não participa no processo de concepção, deixar espaço para as referidas demonstrações de identidade. Alterar o espaço irá permitir ao morador identificar-se com ele. Este “novo” espaço permitir-lhe-á o estilo de vida idealizado, acabando o habitante por se sentir muito mais realizado. Charles Moore introduz esta questão dando o exemplo de Pessac. Este caso, anteriormente referido como exemplo da vontade de demonstração de identidade por parte dos moradores, surge mais uma vez para representar [...] *os esforços contínuos dos residentes por reclamar um mundo próprio, com uma terminologia própria* ⁸⁷, exemplificando o facto de ser *precisamente o carácter generalizado do desenho inicial*,



Fig.15. Vila Verde, em Constitución, Chile. Projecto pelo ateliê Elemental, antes das intervenções dos habitantes.



Fig.16. Vila Verde, em Constitución, Chile. Projecto pelo ateliê Elemental, após as intervenções dos habitantes.

85 HABRAKEN, N. J. (John Habraken and the SAR), 2000, *op cit*, p.11

86 COELHO, António Baptista, 1998, *op cit*, p.141

87 Tradução livre de MOORE, Charles *et al*, 1999, *op cit*, p.134

*o que tornou possível que os habitantes dessas casas iniciassem um intercâmbio contínuo com os edifícios, transformando-os para adequá-los às suas concepções e desejos [...]*⁸⁸. Charles Moore acrescenta ainda que:

*Mais indesejáveis são aquelas habitações cuja imagética está tão controlada que não são possíveis quaisquer mudanças introduzidas pelos seus habitantes. Tais habitações são um fracasso. E o mesmo se aplica às habitações que não oferecem sugestões para os nossos sonhos.*⁸⁹

Casos como o de Pessac reforçam a ideia de que é importante um processo participado pelo futuro morador na concepção da habitação, ou que, no caso de essa participação não ser possível, dever ser deixado ao morador espaço para que modifique o lugar por modo a identificar-se com ele. Ou seja, poderão eventualmente ser consideradas melhores as habitações que, pelo seu desenho *standard*, ou pela flexibilidade e adaptabilidade que as caracteriza, permitem variações de uso e distintas formas de apropriação, sendo “[...] *a liberdade de expressão das famílias nos seus fogos [...] tanto maior quanto mais espaços elas possuírem sem utilização estritamente determinada [...]*”⁹⁰

Ao ser possível apropriar-se das casas, transformando-as à sua imagem, os habitantes irão sentir-se mais realizados, irão sentir-se melhor nas suas moradas. A casa vai permitir-lhes habitar como desejam, ou o satisfazer de uma [...] *vontade de alterar pelo simples prazer da variedade e da mudança*⁹¹, uma vez que, segundo António Baptista Coelho, *apropriamos porque usamos, mas usamos mais aquilo que é susceptível de apropriação [...]*⁹².

Também Claire Cooper Marcus alega que nos casos em que [...] *as pessoas não podem mudar ou (re)arranjar os seus ambientes domésticos, ...uma importante via para o autoconhecimento é fechada.*

88 *idem*

89 *idem*

90 COELHO António Baptista, 1998, *op cit*, p.145

91 *ibidem*, p.146

92 *ibidem*, p.145

[...] ⁹³.

Postos todos estes dados, a dúvida sobre a relevância de uma revisão do papel do arquitecto nos dias que correm poderá surgir. John Habraken defende que *construir é primeiro que nada e acima de tudo servir*⁹⁴, o que poderá talvez ser uma ideia capaz de levar os arquitectos a repensar a sua atitude perante a função que desempenham. Talvez os arquitectos devam reconsiderar os valores que regem o seu trabalho, rereflectir sobre a importância que a habitação tem na vida dos seres humanos e, assim, pensá-la de forma, também ela, mais humana. Como menciona John Turner,

[...] creio verdadeiramente que deveríamos reconsiderar de uma forma nova e aberta, o valor de quanto fazemos e, naturalmente, os nossos valores pessoais, que como é de supor, se reflectem na nossa actividade. ⁹⁵

Numa sociedade actualmente marcada por novos problemas, onde se assiste a uma grande recessão económica no mundo ocidental, e onde as novas formas de migração, a velocidade e o ritmo exigente do dia-a-dia transformam profundamente os modos de viver, torna-se essencial repensar igualmente os modos de projectar.

Yona Friedman⁹⁶ trabalhou também no sentido de procurar novas formas de projecto, mais adequadas às novas necessidades da sociedade actual, dedicando grande parte do seu estudo à “arquitectura móvel” e adaptável às circunstâncias dos seus ocupantes a cada momento. O seu pensamento está bem representado na sua *Ville Spatiale*, de 1958-62, onde um sistema estrutural fixo permite a flexibilidade das formas e de

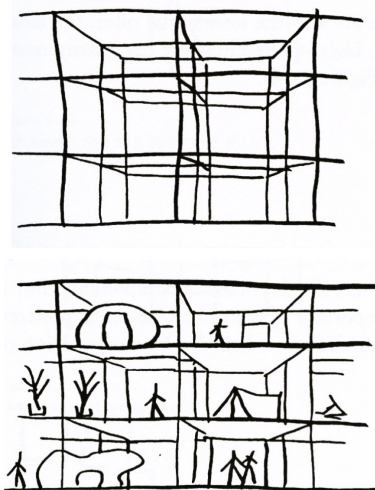


Fig.17. esboço conceptual da Ville Spatiale de Yona Friedman.



Fig.18. O processo de autoconstrução pensado por Yona Friedman para Belapur, Índia [1980], na suas várias fases. Primeiro a estrutura básica de tijolo, depois cada família constrói a sua habitação com os materiais a que tem acesso localmente, podendo melhorá-la conforme lhe for sendo economicamente possível.

93 Claire Cooper Marcus, “Self-identity and the Home”, in *Housing: Symbol, Structure, Site*, apud *idem*, p.146

94 Tradução de VAN DER WARDEN, in HABRAKEN, apud MONTANER, *Textos de arquitectura de la modernidad*, 1994, Madrid: Nereia, p.376

95 Tradução de TURNER apud *idem*, p.374

96 Yona Friedman foi um arquitecto francês, nascido na Hungria e formado em Israel, e fundou o GEAM (Groupe d'étude d'architecture mobile). O GEAM, e o TEAM X (este fundado por Jaap Bakema e formado por nomes como Alison e Peter Smithson, Georges Candilis, Shadrach Woods, Giancarlo de Carlo e Aldo van Eyck, entre outros), surgiram na sequência do 10º CIAM (Congresso internacional de arquitectura moderna), em 1956, e onde vários jovens arquitectos oficializaram as críticas de que o movimento moderno vinha sendo alvo desde o pós-guerra, renunciando aos seus princípios. [BANDEIRINHA, José António, *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, 2007, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, p.35]

localização dos elementos necessários dentro da habitação, dando ao utilizador o poder para decidir e executar os arranjos conforme a sua vontade⁹⁷.

Friedman e as suas ideias teceram uma forte crítica ao movimento moderno e à distância que se vinha formando entre a obra dos arquitectos e as necessidades daqueles a que esta se destinava, defendendo a atribuição de uma maior importância à participação do utente na construção do seu espaço. Este factor está marcadamente presente na sua obra, especialmente entre as décadas de 1970 e 1980, tendo o autor elaborado diversos manuais de autoconstrução para pessoas não especializadas na Índia e em outros países africanos e sul-americanos⁹⁸.

Surgindo na mesma época, o *Team X* mostrava-se igualmente contra a cidade funcionalista do movimento moderno, exaltando o carácter social da arquitectura e valorizando a escala humana e a decisão do habitante na construção da sua habitação⁹⁹. Foi comum a vários elementos do grupo, procurar exemplos do terceiro mundo para demonstrar o mérito da arquitectura vernacular e de todos os dias¹⁰⁰. O mesmo Team X, tornou-se mais tarde responsável pela denuncia do formalismo arquitectónico, procurando definir o papel do arquitecto na sociedade¹⁰¹.

Também Jane Jacobs, no seu livro *The Death and Life of Great American Cities*, de 1962, faz uma forte crítica ao planeamento e ao desenho urbano modernos, descrevendo-os como ortodoxos e defendendo que estes métodos não valorizam a diversidade ou o potencial das grandes metrópoles. Criticando a *Cidade Jardim* de Ebenezer Howard, a *Ville Radieuse* de Le Corbusier e a *City Beautiful* de Daniel Burnham, a autora contraria as políticas de zonamento e de segregação funcional e social e defende a densidade da cidade e a diversidade de usos, de edifícios e de pessoas como fundamentais para uma qualidade de vida urbana.

97 *ibidem*, p.32/33

98 www.spatialagency.net/dabase/groupe.detudes.darchitecture

99 LEITE, Vítorio, *Arquitectura da participação : o debate sobre o habitat participado entre o primeiro e o terceiro mundo, 1960-2010*, 2010, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Nuno Grande], p. 39

100 *ibidem*, p. 73

101 *ibidem*, p. 51

Jacobs defendeu assim o estudo da cidade como ela é verdadeiramente como solução para um urbanismo mais adequado. A autora demonstrou que o planeamento urbano moderno não tinha conseguido evitar a decadência de certos lugares, e que, pelo contrário, zonas que seriam mais susceptíveis à decadência se recusavam a decair¹⁰², apresentando exemplos onde, sem qualquer intervenção ou apoio de profissionais de planeamento e urbanismo, os próprios moradores faziam esforços e melhoravam o lugar onde viviam, contribuindo para a prosperidade do seu bairro e para a qualidade de vida de todos os que o habitavam.

A tendência para acreditarem estarem destinados a feitos grandiosos¹⁰³, ou a pensar em algo extraordinariamente novo, que torne o seu trabalho reconhecido, está frequentemente presente no pensamento de alguns arquitectos. No já mencionado *Learning From Las Vegas*, Robert Venturi aborda também esta questão, falando da propensão do modernismo à proposição de mega-estruturas e outros projectos utópicos, totais, que envolveriam mudar muito, reconstruir quase tudo, pelo que não seriam nunca de fácil execução, e acrescenta que:

*[...] as megaestruturas prestam-se ao projecto total e a maquetes extremamente belas e significativamente impressionantes [...] mas sem relação com qualquer coisa realizável ou desejável no actual contexto social ou técnico. Os exercícios ocasionalmente inteligentes de imaginário pop dos visionários da megaestrutura são óptimos como um fim em si mesmos, mais literários do que arquitectónicos na intenção. Mas são um tédio como teoria da arquitectura e, em última análise, bem como de imediato, não respondem aos problemas reais e interessantes de hoje.*¹⁰⁴

Talvez o exercício do arquitecto deva assentar naquilo que existe. Talvez esse trabalho deva tratar de resolver questões mais simples, mais imediatas, trabalhar com o existente, alterá-lo para melhorá-lo, acrescentar o que falta em vez de pensar em como seria se tudo pudesse ser construído de novo. Mais uma vez, Robert Venturi sugere que

Os arquitectos deveriam esquecer a pretensão de serem grandes

102 JACOBS, Jane, *The Death and Life of Great American Cities*, 1961, versão traduzida por Carlos Rosa, 2000, São Paulo: Martins Fontes, p. 4

103 Venturi faz também referência a *Esse heroísmo simbólico está por trás da propensão moderna à megaestrutura e ao projecto total*. VENTURI, Robert, 1972, *op cit*, p.185

104 *ibidem*, p.187

*inovadores técnicos da construção de casas e concentrar-se na adaptação dessa tecnologia nova e útil a necessidades mais amplas do que as que atendem hoje e no desenvolvimento de um simbolismo vívido da casa móvel para os mercados de massa.*¹⁰⁵

Muito haverá para mudar no mundo, com toda a certeza, mas melhor será trabalhar com a realidade, com o que existe no presente, e não despende tempo, e recursos a reflectir sobre como seria se tudo fosse diferente, e este, um outro mundo. Talvez, como defendeu Robert Venturi, o trabalho dos arquitectos pudesse ter uma maior utilidade se a satisfação pessoal do ego deixasse de ser um objectivo, e os arquitectos comesçassem a ocupar-se das questões que realmente poderiam ajudar a resolver a vida de todos os dias. A falta de aplicabilidade das suas propostas utópicas em casos reais, actuais, e nas condições existentes, leva a que os arquitectos acabem por contribuir muito menos do que poderiam para o desenvolvimento e a melhoria da sociedade, das cidades de hoje:

*[...]confiantes de que aprenderam o que é correcto, promovem uma mediocridade mortal ao rejeitar o “bom”, o “mau” e o novo que não reconhecem, cujo conjunto, em combinação e no final, compõe uma cidade.*¹⁰⁶

Não se pretende que o papel do arquitecto deva ser exclusivamente social, ou que se debruce apenas sobre questões sociais, mas que tenha como génese uma verdadeira vontade de melhorar o mundo, propondo coisas simples, e não buscando exclusivamente a fama; não procurar a irreverência pela irreverência; resolver problemas imediatos, pensar questões verdadeiramente relevantes e soluções viáveis. Propõe-se resolver pouco de cada vez, mas continuar no sentido certo, apresentando soluções para um futuro próximo e exequíveis nas difíceis condições actuais; melhorar imediatamente a vida das pessoas não esquecendo o objectivo que eventualmente se busca para um futuro mais distante. Tomando consciência de que os problemas arquitectónicos são tanto mais do foro utilitário, quanto mais o arquitecto se aproxima das preocupações sociais, propõe-se que se pensem soluções também à pequena escala, económicas, sustentáveis do ponto de vista ambiental e passíveis de serem executadas com os meios disponíveis.

105 Adaptado do português do Brasil de *ibidem*, p.190

106 *ibidem*, p.188

Os arquitectos de hoje, mais do que nunca, deverão compreender a importância da participação dos habitantes nos processos de concepção e construção das suas casas e trabalhar promovendo esses processos participativos. A hipótese de a autoconstrução ser uma mais-valia em alguns casos específicos deverá igualmente ser colocada, devendo a habitação ser planeada de forma a prever a evolução e a apropriação dos seus espaços de acordo com as necessidades, as vontades e as identidades pessoais ou familiares.

II. O caso da Cova do Vapor.

1. Cova do Vapor: a história, o lugar e as pessoas.



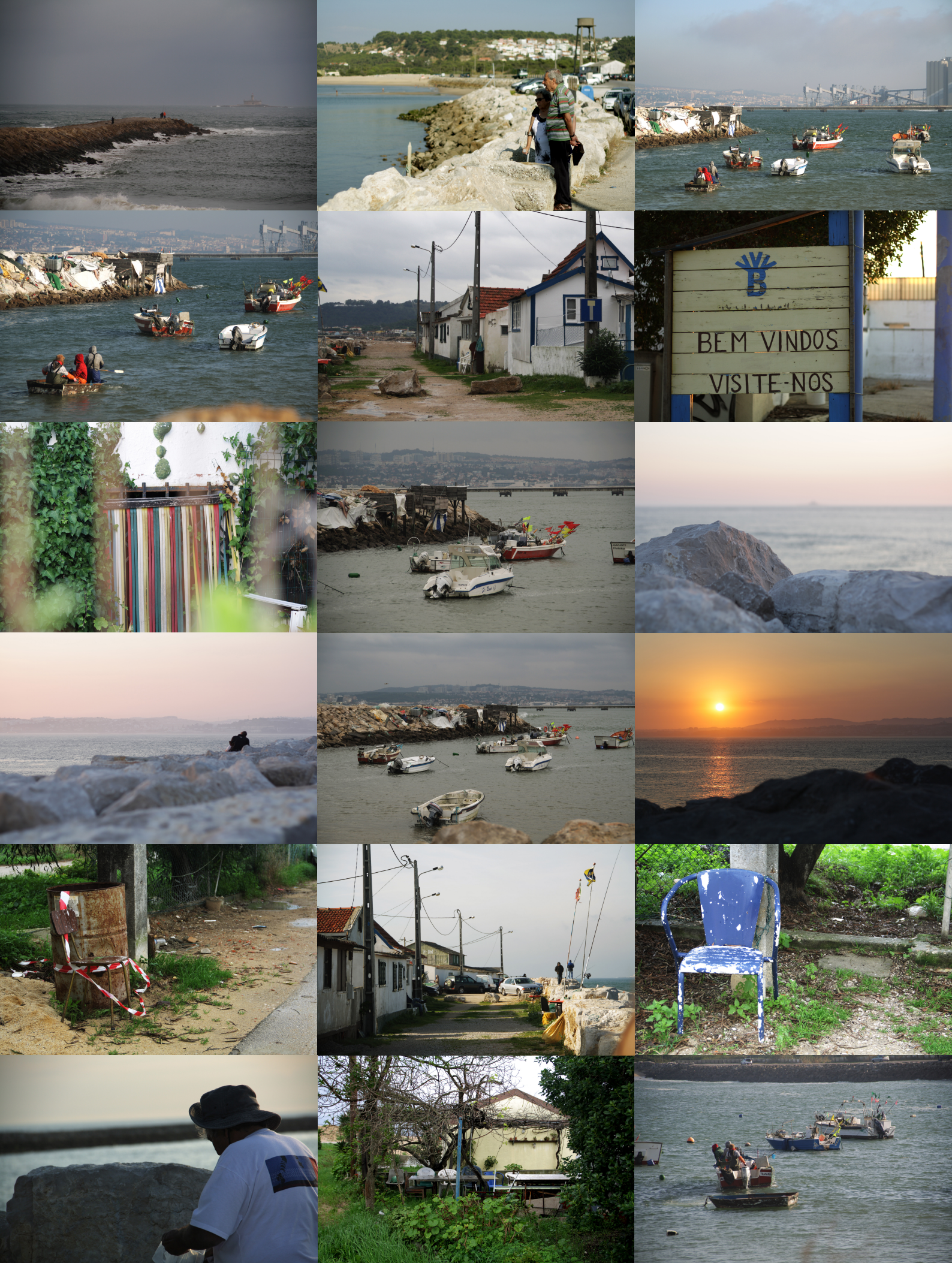


Fig.19. O lugar e as pessoas da Cova do Vapor.



Fig. 20. Vista aérea da actual Cova do Vapor.



Fig. 21. Partida para as praias a sul do tejo. Bilheteira da Parceria dos Vapores no Cais do Sodré [1945].



Fig. 22. Grupo de pessoas a bordo do *Flecha*, um dos barcos a vapor que asseguravam a travessia do Cais do Sodré para a Cova do Vapor, imagem da época.

A Cova do Vapor é uma aldeia na margem Sul do Tejo, no exacto lugar em que este rio encontra o mar, ocupando a ponta mais a norte e mais a oeste da península de Setúbal.

Também popularmente conhecida por outros nomes como Bico de Areia ou Bico da Calha, esta aldeia começou a ser construída nos anos de 1920, sendo nessa altura ainda conhecida pelo nome de Lisboa-Praia. A sua localização original era a cerca de 600 metros mais à frente do lugar onde se encontra actualmente. Ali, mais perto do Bugio.

Aqui, pescadores começaram a construir as suas casas de madeira assentes sobre estacas directamente no areal, mas os atributos únicos que este lugar apresenta, levaram a que este atraísse cada vez mais pessoas, pelo que, também os frequentadores destas praias, começaram aqui a fazer a suas casas de férias e de fim-de-semana.

A Cova do Vapor pertence ao conselho da Trafaria que, ainda muito antes da chegada dos hábitos de qualquer tipo de prática balnear, era já considerada óptima pela sua situação geográfica e pela qualidade dos seus ares, sendo eleita para passeios e tendo sido aliás aí estabelecido, a partir do século XVII, um Lazareto, ou seja, um lugar destinado à quarentena de pessoas e mercadorias chegadas ao porto.

Na década de 1930 iniciou-se um crescente interesse pelo lugar como zona balnear. Na altura, para chegar às praias da margem norte do Tejo, de Pedrouços a Cascais, a viagem tinha de ser feita de comboio e, dada a facilidade com que se fazia a travessia do Tejo nos Barcos a Vapor criados nesta época pela Parceria dos Vapores Lisbonenses, as praias a sul do Tejo tornaram-se muito mais frequentadas do que as a norte. Alguns destes barcos tinham cais de desembarque na Trafaria, e havia outros que desembarcavam directamente na Cova do Vapor. Nos anos de 1950, três eram os barcos que faziam a travessia do Cais do Sodré directamente para a Lisboa-Praia e Cova do Vapor, eram eles o Vapor, o Flecha e o Zagaia¹⁰⁷.

Esta facilidade conduziu a uma grande afluência de pessoas a estas praias banhadas ainda pelo Tejo, e tornou a praia da Cova do Vapor

107 Informações recolhidas através de conversas com diversos moradores. Também no livro *Lisboa desaparecida*, de Catarina Dias é mencionada a existência de pelo menos dois destes barcos a vapor, sendo referidos os nomes Zagaia e Flecha. [DIAS, Catarina, *Lisboa Desaparecida*, vol. 6, 1998, Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra, p.218]

Fig.23. Um dos muitos momentos dos Verões na antiga Cova do Vapor Eternizados pelas fotografias de Beatriz Ferreira , fotografia dos anos 1940's.



Fig.24. Recorte de jornal onde se observa a destruição das casas, provocada pelo mar.



Fig.25. Processo de movimentação das casas.



num destino muito procurado pelos veraneantes vindos de Lisboa. O número de pessoas ali residindo no Verão, durante a década de 1940, chegava a justificar a existência de um posto de primeiros socorros na Cova do Vapor, onde algumas das construções de madeira abrigavam já cafés e restaurantes. Longe estava ainda a construção da ponte sobre o Tejo, que veio conduzir a grande maioria das pessoas à mais longínqua Costa da Caparica, hoje a grande atracção de veraneio da margem sul.¹⁰⁸

Após o entusiasmo e a leveza de cada Verão, o duro Inverno regressava à Cova do Vapor. O mar insistia em conquistar terreno à praia, e à medida que as águas a começaram a invadir, as casas foram obrigadas a ir recuando sucessivamente, até ao lugar onde hoje se encontram. Algumas casas eram desmontadas e transportadas, outras eram deslocadas quase inteiras. Manuel Augusto Ferreira, o pai do Sr. Eduardo da padaria, tinha origens na Bairrada, mas veio trabalhar para Lisboa, acabando mais tarde por se fixar na Lisboa-praia. Aqui, vendia fruta junto ao antigo cais dos barcos a vapor vindos do Cais-do-Sodré, em Lisboa, ficando entre todos conhecido como “Manuel da Fruta”. Durante o Inverno, Manuel Ferreira dedicava-se a reparar as casas em madeira que compunham a aldeia, e que muito se desgastavam pela proximidade para com o mar. A observação dos repetidos avanços do mar, e da grande dificuldade da aldeia em salvar as suas casas, levaram-no a idealizar um carro construído em madeira, com cerca de 20 metros de comprimento e 15 de largura que, puxado por seis juntas de bois, permitia transportar, quase inteiras, as casas para os novos terrenos,

*[...] começaram a metê-las para aí, para a esquerda, para a direita, para ali não, que aquele lado ali não, que era praticamente reservado a praias, mas esta zona aqui, desta configuração de casas até lá abaixo do lado esquerdo, foi exactamente toda ela trazida para aqui pelo senhor Manuel.*¹⁰⁹

As casas foram sendo recuadas ao longo de 600 metros, a partir da antiga Lisboa-Praia e só depois de todas as habitações transladadas e reconstruídas, foi demarcada uma área, sendo construídos, nos anos de 1950 e 1960, os molhes que ainda hoje ajudam a manter a Cova do Vapor afastada dos perigos do mar.

108 DIAS, Catarina, Lisboa Desaparecida, vol. 6, 1998, Coimbra: G. C. Gráfica de Coimbra p.218

109 Excerto de entrevista a Jaime Caldeira, morador da Cova do Vapor. [24/05/2015]

A Cova do Vapor

PRAIA POPULAR DA MARGEM SUL
DEVE À
PARCERIA DOS VAPORES LISBENSES
O SEU COMODO E FÁCIL ACESSO



Domingo, às primeiras horas da manhã. Os turistas apressam-se porque o barco está atracado à ponte e os horários são rigorosos. Nas malas, vão os farnéis e nos rostos a alegria que dá a certeza de um dia bem passado.

DURANTE muitas dezenas de anos, os lisboetas ignoravam as praias da margem Sul do Tejo. Só a Trafaria juntava, nos meses do Verão, escassa colónia de banhistas. Hoje, contam-se por milhares os que em passeio de fim de semana ou em gozo de férias se estendem por esse areal dourado e limpo que vai do Torrão à ponta da Cova e de aí até à Costa de Caparica.

A razão desta concorrência foi o conhecimento fácil dos encantos dessa margem do Tejo e esse conhecimento só se tornou possível quando a facilidade de transportes cómodos a permitiu.

Quem adivinhava há trinta anos a praia da Cova do Vapor?

Ignoravam-se as suas qualidades como muitas ainda ignoram a origem do seu nome.

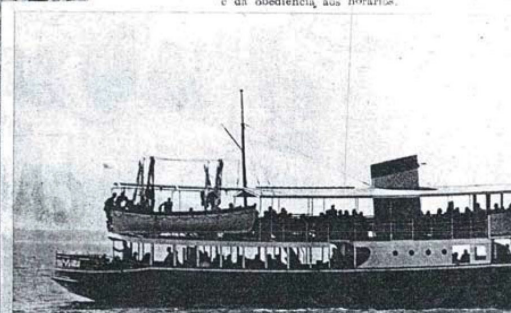
O areal, desde as últimas casas da Trafaria até o Bico da Cova, era uma planície extensíssima que as águas da enchente cobriam e a vazante punha a seco. Não tinha, portanto, condições para se tornar uma zona balnear.

Um dia, a Empresa Hervis começou as obras do porto de Lisboa em cujo plano estava o aterro da margem desde Bôlim. Para conquistar ao Tejo essa faixa era necessário amontoar areia que arredasse as águas. Foi o que se fez. As dragas Hervis começaram a ir à outra margem encher os batóides. No ponto onde fiseram a dragagem ficou uma cova onde as águas eram profundas e, portanto, possuídas de todas as condições que recomendam uma praia de banhos: fundo de areia sem pedra, transparência cristalina, corrente não impetuosa, tranquilidade das marés.

A praia estava encontrada. Faltava, porém, torná-la acessível.

Resolveu inteligentemente o problema a Parceria dos Vapores Lisboenses. Esta Empresa, que já tinha resolvido a facilidade de acesso à Trafaria e, implicitamente, a Costa de Caparica, trouxe a pélo do lar Lisboa com mais uma praia, criou uma nova zona balnear, ofereceu aos que desejam esquecer junto do mar as cansaças da semana, uma escuridão fácil, económica e pitoresca. Para isso criou o serviço de carreiras Lisboa-Cova do Vapor. O público da capital aplaudiu a feliz iniciativa. A afluência extraordinária cada vez maior a esta nova praia é a demonstração, dia a dia confirmada, de que o público agradeceu e aplaudiu o gesto da Parceria.

Os barcos da Parceria dos Vapores Lisboenses oferecem toda a comodidade e segurança, a par da rapidez e da obediência aos horários.



Um dos magníficos barcos da Parceria que faz a carreira da Cova do Vapor.

EM BAIXO: Pelo extenso areal os banhistas gozam em toda a plenitude, a be-





Fig.26. Artigo de Fernando Castro no jornal *O Século Ilustrado* nº554, de 14/08/1948.



Fig.27. Beatriz e Ismael Ferreira, a bordo do *Zagaia* um dos vapores que asseguravam a travessia para a Cova do Vapor, fotografia da década de 1940.

Os terrenos em que a actual Cova do Vapor está hoje implantada, pertenciam nesta época ao engenheiro francês Combemale, também proprietário da Fábrica de Explosivos instalada na Trafaria a partir de 1873 ¹¹⁰. O proprietário dos terrenos terá cedido todo aquele espaço para que este fosse ocupado pelas casas trazidas da velha Lisboa-Praia, e pelas reconstruções das que terão sido destruídas. Nessa época, foi ainda aqui construído um bairro de pescadores, um conjunto de seis casas, mandado construir por ordem de Henrique Tenreiro, à altura presidente da direcção da “Junta Central das Casas dos Pescadores.”¹¹¹ Isto reforça a ideia de a classe piscatória ter tido também um importante papel na génese deste lugar, ainda que hoje não tenha já uma grande expressão entre a população da Cova do Vapor.

Na altura da construção dos molhes, o mar estaria ainda mais afastado das casas. Segundo as memórias dos moradores, estaria a cerca de 700 metros da linha onde se encontra actualmente, existindo portanto uma muito maior extensão de areia do que aquela que conseguimos hoje observar. Apesar dos avanços do mar terem continuado a afligir a população mesmo após a construção dos molhes, estes terão sido fundamentais para a protecção das casas. Sem eles provavelmente o avanço teria sido ainda muito maior, pelo que estas estruturas têm deixado muito mais descansados os moradores que vêem as *grandes intempéries a passar-lhes praticamente ao lado*¹¹².

Beatriz Ferreira e o seu marido, Ismael Ferreira, foram ambos repórteres fotográficos do jornal *O Século*, e vieram a tornar-se figuras de grande importância para a história da Cova do Vapor. Beatriz Ferreira tinha aqui a sua casa de férias e ainda um restaurante, e passava aqui os seus dias de lazer. A ela se deve a maioria dos registos fotográficos que hoje nos mostram como era a vida na velha Lisboa-praia, como eram as casas, o que faziam as pessoas... A sua influência política, era também uma grande mais-valia para o lugar, que via os seus interesses a serem defendidos e os seus problemas a serem resolvidos sem grande oposição.

110 Informação recolhida no *site* da Junta da União das Freguesias de Caparica e Trafaria. [<http://jf-caparica-trafaria.net/j3/index.php/sobre-nos/trafaria/historia> a 17/08/2015]

111 Manuel Graça Dias, 2013, *op cit*

112 Excerto de entrevista a Eduardo Ferreira, morador. [22/12/2014]



Fig.28. A antiga vivenda de Beatriz Ferreira, na Cova do Vapor.



Fig.29. Mulheres na praia e casas ao fundo, mais uma fotografia de Beatriz Ferreira.

Quando o mar avançou e arrastou as casas, o seu restaurante, o “Bugio à vista”, como ainda hoje é chamada a construção que o recebeu, foi transportado por “Manuel da Fruta” para a sua nova localização, mas a casa foi destruída. Então, aquando do pedido oficial para reconstruir a casa como era anteriormente, mas na sua nova localização, e, vendo ser oferecida alguma resistência, pelas entidades oficiais, por a proprietária possuir já uma outra construção no lugar, esta exigiu que lhe permitissem fazer, dizendo que ou construiria “tudo ou nada”. Esta história está na boca de todos os habitantes do lugar, e é a explicação que todos apresentam para a placa com a inscrição “Tudo ou Nada” que ainda hoje perdura na fachada principal da casa, um dos muitos símbolos que constroem a Cova do Vapor.

Depois de 25 de Abril de 1974, deu-se um crescimento muito acentuado da aldeia; muitos foram os que compraram ali casa, outros começaram eles mesmos a fazê-la. O lugar deixou de pertencer aos pescadores, para ser invadido de vez pelos lisboetas de profissões modestas que aqui vinham passar férias e fins-de-semana.

O resultado do entusiasmo desse tempo, da falta de solo para construir e da sistemática reutilização de toda a espécie de materiais disponíveis conferiu à Cova do Vapor um ambiente social e urbano único. Fortemente influenciada pela proveniência citadina e operária de grande parte dos moradores [...], a paisagem local ganhou um cunho com algo de surreal e muito de pitoresco.

Na orla marítima, a meia dúzia de metros dos esporões e coladas à sinuosa e estreita via marginal, ainda dominam as casas de madeira e cores fortes construídas nos anos 40 e 50, quando o mar começou a galgar a terra. Pela exígua baixa que se estende até à vedação da vasta mata — aparentemente condenada a ser urbanizada pelos actuais proprietários — enxameiam as construções mais ou menos precárias, sempre agarradas umas às outras, expoentes de engenho e desenrascanço, às vezes sem se perceber onde é que começam umas e acabam as outras.¹¹³

Actualmente a Cova do Vapor conta com 1286 residentes, mas a maioria deles não vive na aldeia permanentemente. Vêm aqui passar os fins-de-semana, as férias, e o que se tem vindo a verificar é que grande

113 José António Cerejo, “Uma Relíquia Chamada Cova Do Vapor”, Lisboa: *Público*, 28/04/2002

parte deles, aquando da idade da reforma, deixam as suas residências na cidade, para se mudarem definitivamente para este lugar. Com a situação económica que vivemos na actualidade, têm-se até verificado novos fenómenos, como os casos em que, na impossibilidade de pagar as rendas ou prestações das suas casas na cidade, famílias inteiras, mesmo jovens, se mudam permanentemente para esta que era apenas uma casa férias, mas que têm como garantida; que podem dizer sua.¹¹⁴

E são muitos os que têm a casa na Cova do Vapor como residência permanente; e apesar de existirem pessoas como Eduardo Ferreira que, sendo proprietário da padaria da aldeia, tem o seu trabalho e o de grande parte da sua família na Cova do Vapor, a maioria dos habitantes trabalha fora, em Almada, Lisboa, Trafaria, na Costa de Caparica... A distância aos postos de trabalho torna-se um problema, aumentado pela fraca oferta de transportes públicos a servir este cantinho da Trafaria, mas é mais uma vez o espírito de grupo, de entreaajuda comunitária, que muito se sente neste lugar, que vem então facilitar esta questão: os vizinhos organizam-se entre boleias e todos acabam por conseguir chegar onde têm de ir.¹¹⁵

No levantamento que se encontra na Associação de Moradores da Cova do Vapor, está descrita a existência de 686 habitações, mas a cada cinco anos este levantamento é revisto, porque mesmo não havendo terreno disponível para novas construções, há sempre casas que são subdividas, aumentadas, partidas e repartidas. Afinal os filhos crescem, casam e *também não podemos viver todos juntos, não é?*¹¹⁶, conta Eduardo Ferreira. Ele próprio teve de arranjar uma solução para a sua filha que, quando casou, quis continuar na Cova do Vapor; também para o seu filho se repetiu o processo.

A Cova do Vapor está constantemente em obras, por todo o lado há quem queira melhorar as suas casas. Alguns quiseram manter o aspecto e a materialidade original da casa, outros, em nome do conforto, substituíram a madeira por alvenaria, aumentaram as casas, acrescentaram divisões, fizeram anexos, garagens, churrasqueiras...

114 Informação retirada da entrevista a Eduardo Ferreira, morador na Cova do Vapor, e tesoureiro da Associação de Moradores [22/12/2014]

115 *idem*

116 *idem*

O sentimento de instabilidade gerado pela constante ameaça de ordem de demolição, demoveu durante anos, alguns dos moradores, de fazerem as tão desejadas obras de melhoramento nas suas casas. Afinal uma grande parte das construções são ilegais, e todas estão construídas em terrenos que não pertencem aos proprietários das casas. Finalmente, depois de alcatroadas as ruas, mais ou menos *toda a gente começou a cuidar do seu cantinho*¹¹⁷.

Por todo o lado, se vêem obras constantes na Cova do Vapor. Há que melhorar, há que manter. Os níveis de conforto a que nos vamos habituando actualmente, exigem esses melhoramentos. Estas casas, construídas há anos, com as condições possíveis, dados os recursos disponíveis, não respondem às exigências actuais. Jaime Caldeira é da opinião de que, assim, acaba por se perder a imagem daquela que se diz uma aldeia piscatória, e que tantas alterações lhe retiram esse carácter e a desfiguram, afastando as casas umas das outras, perdendo-se a unidade, que acredita ser a essência deste lugar¹¹⁸.

Eduardo Ferreira mostra-se preocupado com a situação de ilegalidade em que a aldeia se encontra e que já tem vindo a habituar os moradores ao longo de todos estes anos, e espera que um dia surja uma solução para esta instabilidade, que não passe pelo realojamento noutros locais:

Agora vamos ver o que é que isto dá, mais tarde ou mais cedo vão ter que resolver isto. Vão ter que arranjar uma solução para estas pessoas, que ontem arranjavam e os homens de cidade, das partes velhas da cidade [viram as suas situações legalizadas], há partes velhas que acabam por resolver, têm que resolver [referindo-se aos processos de legalização e reabilitação de centros históricos e de bairros de génese ilegal]. Vão meter as pessoas onde? Não é? Há ali vidas, não é? Como aqui! Mora aqui muita gente. Eu nasci aqui. Essa rapariga que passou aqui há pouco, nasceu cá também, e os irmãos nasceram cá. É assim, é muito difícil nós, com 50 anos ou 60 e dizerem-nos: "você agora vai ter de deixar de viver aqui e vai viver para a cidade de Almada." Imagine o que é uma pessoa habituada a viver num sítio destes, ir viver por exemplo num prédio! E eles têm exemplos desses bairros sociais, eles têm exemplos. Põem as pessoas em blocos e aquilo acaba por ser um vandalismo autêntico,

117 Excerto da entrevista a Paulo Pacheco, um dos moradores. [24/05/2015]

118 Entrevista a Jaime Caldeira, morador. [24/05/2015]

Fig.30. Fotograma do filme “América”,
de João Nuno Pinto.



Fig.31. A maquete da aldeia realizada
pelo projecto TISA.



Fig.32. A Casa do Vapor.
104



*ninguém respeita ninguém. Enquanto aqui eu tenho a minha casa, o vizinho tem a dele, e há aqui um respeito mútuo, acaba por existir um respeito. Nesses sítios não há respeito por ninguém, é lógico que não. Está o vizinho do rés-do-chão, e o do terceiro andar, por exemplo, entra ali, suja os degraus da escada e o do rés-do-chão diz assim: “mas afinal eu ando aqui a limpar tudo e vocês...” [...]*¹¹⁹

Mais recentemente, a Cova do Vapor tem sido alvo de atenção por parte de alguns artistas tendo sido motivo de filmagens, reportagens, portfólios de fotografia, estudos universitários. O lugar, cujo ambiente pitoresco já serviu de cenário a cenas de telenovela, e onde até já foi rodado um filme – “América”, de João Nuno Pinto –, tem, de facto, vindo a tornar-se cada vez mais num lugar que recebe uma especial atenção por parte de arquitectos e outros profissionais da área, que reconhecem a existência de valor no que aqui foi feito. Estudos exaustivos são levados a cabo sobre este lugar, e cada vez são mais os curiosos que aqui chegam para observar presencialmente as maravilhas arquitectónicas que põem a Cova do Vapor na boca do mundo. Foi na Cova do Vapor que, em 2011, os arquitectos Filipe Balestra e Sara Göransson iniciaram um projecto a que deram o nome de *TISA – The Informal School of Architecture* – e durante o qual, estudantes de duas escolas profissionais da região de Lisboa, procederam, com o apoio e a participação dos habitantes, ao mapeamento e à construção de uma maquete da aldeia.¹²⁰ Outro exemplo dos diversos projectos levados a cabo neste lugar foi ainda a *Casa do Vapor*, uma construção efémera com a função de ponto de encontro para locais e visitantes, resultante da parceria entre o colectivo francês EXYZT¹²¹, a Associação Ensaios e Diálogos e a Associação de Moradores da Cova do Vapor. O projecto teve como objectivo a valorização cultural da comunidade, promovendo a partilha, a participação activa e a experimentação artística, e esteve

119 Excerto da entrevista a Eduardo Ferreira, morador. [22/12/2014]

120 Informações presentes no artigo de Cláudia Sobral, “A Cova do Vapor não é um bairro de lata, é “um tesouro fantástico””, Público: 24/07/2011 e no site da casa do vapor: <http://www.casadovapor.org/pt/cova-do-vapor-2/> [18/08/2015]

121 Este colectivo foi igualmente responsável pelo projecto “Construir junto”, presente em Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, tendo sido a madeira usada para a construção da Casa do Vapor totalmente resultante da desmontagem dessa construção. A mesma madeira, depois de desmontada a Casa do Vapor, foi mais uma vez reutilizada na construção de uma cozinha comunitária no bairro de Terras de Lelo Martins, na Costa de Caparica, no Verão de 2014, projecto do *Ateliernob*.

presente na Cova do Vapor entre Abril e Outubro de 2013.¹²²

Os habitantes acreditam que um lugar assim, merecedor destas atenções na actualidade, e com um papel tão relevante na história da região, não pode simplesmente acabar, e que uma solução, para a situação de ilegalidade em que se encontra actualmente, terá que ser criada.

Os terrenos ocupados pela Cova do Vapor encontram-se numa situação muito particular, na margem sul da foz do Tejo. Além dos proprietários dos terrenos não serem os proprietários das casas, os terrenos encontram-se ainda em áreas de jurisdição de diferentes entidades. A zona ribeirinha está sob a alçada da APL – Administração do Porto de Lisboa –, e uma área restrita dos terrenos que se encontra em relação com o mar, é gerida pela APA – Agência Portuguesa do Ambiente –, estando qualquer tipo de construção até a uma distância de 50 metros da linha da água, condicionada pelo parecer e o reconhecimento por parte desta última entidade. Mas não tem surgido qualquer impedimento a que as casas continuem naquele lugar, não têm havido queixas, nem têm sido levantados problemas por parte de nenhuma destas entidades, nem dos proprietários do terreno, nunca tendo sido levantada qualquer acção de despejo em tribunal.

Há um problema que prevalece apesar de todos pagarem impostos sobre as casas que possuem (IMI e taxa de saneamento), ainda que os terrenos não sejam sua propriedade. As casas têm génese ilegal e este facto tem levado a que nunca tenha surgido da parte da autarquia um plano urbano no sentido de garantir a criação das infra-estruturas necessárias. Até 25 de Abril de 1974 não existia aqui qualquer infra-estrutura, sendo que apenas depois disso os próprios moradores se começaram a organizar nesse sentido. Foi a Associação de Moradores que juntou esforços e os donativos necessários à instalação eléctrica, ao sistema de água canalizada, e mais recentemente, à pavimentação das principais ruas da aldeia.

A Associação de Moradores, fundada oficialmente em 1999, mas já constituída desde 1974, é um elemento essencial na vida da aldeia, tendo um papel de extrema importância ao contribuir para que este modo de vida comunitário se mantenha. Para além de trabalhar diariamente

122 No site da Casa do Vapor: <http://www.casadovapor.org/pt/> [18/08/2015]

para a melhoria das condições de vida, a Associação promove ainda diversas iniciativas que ajudam a aldeia a conhecer-se e a conviver: da distribuição de presentes a todas as crianças da aldeia no Natal, à festa de Carnaval, passando pelos Santos Populares, a biblioteca e as campanhas de incentivo à manutenção e limpeza das praias. A própria construção da recente sala de convívio é da sua responsabilidade.

Eduardo Ferreira que, para além do padeiro da aldeia, é ainda o tesoureiro da Associação de Moradores da Cova do Vapor, sobre esta diz:

A associação funciona com pessoas que moram cá, cada um de nós com o seu trabalho, como é evidente...[...] é tudo voluntariado, é como eu costumo dizer, é com amor à camisola. Somos 13 elementos, o Presidente, o Vice-presidente, o Tesoureiro, o que sou eu... O Presidente é o senhor ali da mercearia, o senhor José Carlos Coelho, a Vice-presidente, que se chama Sónia, a secretária do Presidente da Mesa da Assembleia, que é a Bela, a outra é a secretária do Presidente que é a Alicinha, [...] acaba por ser cada qual com o seu poleiro. Felizmente, temos feito um bom trabalho, eu acho que isto é assim...a experiência que tenho, e é o que nós temos feito de há uns anos para cá, e que temos muita credibilidade perante os sócios; [...] é o trabalho que se tem feito. A credibilidade vem das pessoas saberem quem está à frente das coisas... são pessoas que têm responsabilidade, [...] é a transparência, e depois é o trabalho, [...], é a gente que consegue fazer... e as pessoas vêem que realmente... nós agora temos ali uma obra que está quase concluída, a casa de convívio e uma esplanada que a gente... temos conseguido vencer, não é? Vamos vencer, a gente consegue... As pessoas quando vêem e vêem as coisas, “realmente este pessoal trabalha, merece que a gente também os consiga ajudar neste sentido”, e ajudam... há pessoas que não só pagam as cotas, mas também dão partes contributivas, ajudam... é canalizado para o bem-estar de todos, não é para o bem de cada um, como a gente vê tantos casos por aí, que aproveitam...infelizmente é pena porque às vezes por uns pagam os outros. Não é o caso aqui, felizmente não é o nosso caso, nós aqui temos levado as coisas a bom porto, em cinco meses conseguimos arranjar dinheiro para pagar isto, esta obra, que foi 35 mil euros. Em cinco meses arranjámos o dinheiro, as pessoas disponibilizaram: uns 50, outros 200, outros 20, outros 100, e em cinco meses arranjámos o dinheiro para pagar.¹²³

123 Excerto de entrevista a Eduardo Ferreira, morador e tesoureiro da Associação de moradores. [22/12/2014]



Fig.33. A sede da Associação de Moradores da Cova do Vapor.



Fig.34. O Parque de Jogos Beatriz Ferreira.



Fig.35. Os alargamentos na Cova do Vapor, são alvo de apropriação e lugar de vida comunitária.



Fig.36. Planta da Cova do Vapor. A azul, a avenida principal.

De facto o espírito comunitário está muito presente nesta aldeia, isso vê-se na dedicação posta também na construção, na manutenção e decoração dos espaços comuns. Existe o “Espaço de Lazer Ambiental Fernando Figueiredo”, o “Parque de Jogos Beatriz Ferreira”, e os alargamentos que de vez em quando se encontram entre os desorganizados conjuntos de casas e casinhas. Todos estes são motivos para mais umas decorações, ou um mobiliário urbano repleto de personalidade, as imensas demonstrações de dedicação a um lugar de que tanto gostam.

As poucas estradas a que os automóveis podem aceder, são circulares e de um único sentido. É numa delas, a “Avenida António Martins Correia”, que atravessa a aldeia a meio, que as pessoas mais se encontram, e onde estão instalados os principais espaços de sociabilização, como o já referido parque de jogos, mas também a mais recente biblioteca e todos os espaços comerciais da aldeia.

As restantes ruas e vielas compõem o que se poderia chamar de um labirinto, de aparência desorganizada, e apenas permitem o acesso



Fig.37, 38 e 39. Imagens da *Avenida António Martins Correia*.

pedonal, mas nenhuma delas é um beco sem saída, convergindo todos os caminhos na avenida principal. Estes espaços que separam umas casas das outras vão recebendo o nome de ruas, com direito a topónimo, e a placa de identificação, esta também merecedora de toda a dedicação, não sendo possível encontrar, em toda aldeia, duas placas iguais. Aqui, as ruas não têm, na maior parte dos casos, mais que um metro de largura, nem mesmo as suas “avenidas” como a “5ª” ou a “dos Milionários”. Aqui, há ruas que são tão estreitas que nos sentimos a invadir propriedade privada, mas aqueles espaços são de todos os que ali vivem, são construídos e mantidos por eles, e, por tão pequenos, obrigam a uma grande proximidade física entre as várias casas. Como diz António Cerejo,

[...] o dédalo dos caminhos serpenteia por toda a parte, com largura apenas para os assadores omnipresentes, para os canteiros da salsa e dos coentros, para um tanque de roupa ou um duche apertado.

*Às vezes ainda com espaço para umas couves, umas flores, umas árvores de fruto, armários, estendais, e outras inventivas extensões de casas que mais parecem de bonecas.*¹²⁴

A proximidade física leva aos relacionamentos de circunstância, num lugar em que o anonimato se torna impraticável, e assim, o espírito de vizinhança cresce e contribui para este ambiente geral de comunidade. Há quem se refira à aldeia como *uma grande família*¹²⁵, onde todos se conhecem, onde se vão vendo crescer, geração após geração. É claro que a Dona Maria do Augusto ou a Dona Rosalina, as habitantes mais antigas do lugar, já pouco ou nada revêem da primitiva Cova do Vapor no lugar como se encontra. E mais, quando o lugar fica cada vez mais e mais concorrido, quer por aqueles que visitam, gostam e querem ficar, quer por gente que, apenas de passagem, visita as praias e os poucos restaurantes da aldeia, enchendo as suas ruas numa animada movimentação que faz esquecer os dias calmos de Inverno. Calmos, só de gente, que o vento e o mar, são uma preocupação sempre presente... As casas vendem-se, novos habitantes chegam, e o antigo “Bugio à Vista”, restaurante do tempo da Lisboa-Praia, reconstruído já neste lugar e outrora propriedade de Beatriz Ferreira, está agora em obras

124 José António Cerejo, 2002, *op cit*

125 Excerto de entrevista a Carla Nunes, moradora. [07/03/2015]



Fig.40. A grande proximidade física entre as casas da Cova do Vapor contribuí para o desenvolvimento das relações de vizinhança.





Fig. 41, 42 e 43. As estreitas ruas da aldeia.



Fig.44. A Avenida dos Milionários.

para se tornar numa pousada nas mãos dos seus novos proprietários.

Este é um lugar erguido pelas suas gentes, em que cada acrescento, cada tijolo, cada azulejo, ajudam a contar a história de cada casa, e todas juntas a história da Cova do Vapor.

As famílias de operários de Lisboa, que *se juntaram aos pescadores originais*¹²⁶ e aqui vieram construir *as suas modestas residências de veraneio*¹²⁷, da forma que podiam, muitas vezes com os materiais que traziam da outra margem, deram origem a um lugar de características arquitectónicas ímpares.

Desde o caso do Sr. Talamba, o pedreiro que ajudou a construir grande parte das habitações na Cova do Vapor, e que, com as suas sobras, acabou por conseguir fazer uma para si, *uma das maiores e muito invejadas*¹²⁸, aos diversos habitantes que usam a proximidade marítima como motivo, e que usam conchas, búzios e seixos para revestir as suas casas, passando ainda pela reutilização livre dos materiais presente em cada canto da Cova do Vapor, todos ilustram, realmente, o facto de a necessidade aguçar o engenho, assim como a criatividade.

Tudo isto, e as muitas mais surpresas com que a Cova do Vapor a todos recebe, tornaram-na [...] *uma aldeia de surpresas, uma Avenida de Milionários pobres, um sonho de Verão em tábuas azuis sobrepostas, com os telhados de duas águas fechando caixas alegremente distribuídas ao longo dos becos estreitos com curvas*¹²⁹, sendo, segundo Manuel Graça Dias, uma,

*[...] celebração da arquitectura anónima [...] sempre com a mesma ingénua alegria, com a mesma pequena escala tranquila de quem não quer deixar de pertencer ao todo e o compartilha, num contributo simples e negociado apenas com a paixão das conchas e das cores sobrantes das latas de tinta à socapa.*¹³⁰

126 José António Cerejo, 2002, *op cit*

127 *idem*

128 Cláudia Sobral, 2011, *op cit*

129 Manuel Graça Dias, 2013, *op cit*

130 *idem*





Fig.45. A Cova do Vapor.

2. Ideia pessoal de casa, identidade e engenho autodidacta na
Cova do Vapor:



ANA

LAURA



Fig.46. Uma das casas da Cova do Vapor.



Fig.47. A chegada à Cova do Vapor.



Fig.48 e 49. À entrada da Cova do Vapor.

Aproximamo-nos desta aldeia por uma estrada, junto ao Tejo. Ao vermos uma baía, sabemos estar mesmo a chegar. Deparamo-nos com uma grande âncora, pintada de riscas brancas e azuis. Nela, a inscrição “Cova do Vapor”. A âncora decora o que se poderá chamar a entrada principal do lugar, que nos recebe também com mensagens escritas que nos fazem antever um pouco do que aí virá. “Bem-vindos, visite-nos”, “Bem-vindos à cova do Vapor”, são frases que encontramos várias vezes enquanto percorremos a aldeia, bem como muitas outras. E logo aqui percebemos estar a entrar num lugar diferente, um lugar especial. A palavra escrita é apenas um dos elementos que ajudam a distinguir as suas várias construções. Rapidamente entendemos que aqui não há duas casas iguais, e isto talvez porque não haja dois habitantes iguais. Elas distinguem-se umas das outras pela sua cor, pelo revestimento, pelos signos que as diferenciam.

Como o culminar de sonhos individuais ou familiares, as casas da Cova do Vapor são da maior importância para os seus proprietários. O seu exterior é por isso alvo de um grande investimento, uma vez que é aí que está associado o papel simbólico de comunicação. A casa é, ao mesmo tempo, motivo de orgulho e demonstração de posse, e o seu aspecto, um elemento diferenciador.

Depois de construída, a minha casa, a realização do meu sonho, tem de ser que mostrada ao mundo. Há que exhibir o meu feito: esta é a minha casa, e *a minha casa destaca-se da tua, sobressai da rua. Eu existo através da minha casa.*¹³¹

Sendo estas construções clandestinas, sofrem de muito poucas condicionantes formais. A liberdade é quase total, desde que aos vizinhos não incomode. E há muito de fascinante, naquela [...] *liberdade dos arranjos, o vocabulário encarado como possibilidade de comunicação*¹³², [...] *aquela organicidade tão forte de signos e significações* [...] ¹³³; nos traços coloridos com que os habitantes deste lugar constroem, transformam e acrescentam as suas casas, onde cada centímetro é alvo de especial atenção.

131 Manuel Graça Dias, “Arquitecturas sem Arquitectos”, 2ª partes, *Ver Artes* n°21: *Arquitectura*, 1994, Lisboa: RTP2

132 Manuel Graça Dias, 2013, *op cit*

133 *idem*

Fig.50 Pormenores da casa de José Talamba.



Fig.51. Os arcos do terraço da casa do Sr. Talamba.



Fig.52. Decorações por cima da porta da casa nº 167



Estas casas são assim feitas com emoção e representam muito mais do que o seu valor monetário. A afectividade que os proprietários nutrem pelas suas casas é enorme, e, por isso, perdem tempo, gastam dinheiro, enfeitando, melhorando, limpando, decorando e rearranjando. Para que fique cada vez mais bonita, mais *ao nosso jeito e como a gente queria*¹³⁴.

É importante que todos saibam qual é a minha casa, para isso ponho o meu nome à porta, pinto-a da minha cor preferida. Junto ao portão, um leão, uma águia, ou um dragão, assim todos ficam a conhecer o clube que apoio. Talvez um azulejo referente ao meu partido político, talvez um painel de azulejos alusivo à minha profissão... ou, só porque é bonito, uns pescadores, uns peixes, uns búzios, um barco, uma âncora... afinal, estamos perto do mar.

Houve, e ainda há, habitantes na Cova do Vapor cujas profissões estavam directamente relacionadas com a construção civil, o que facilitou o processo de construção das casas.

É o caso do Senhor Talamba, que era pedreiro e que terá construído, ou ajudado a construir a maior parte das casas da Cova do Vapor. Com os restos das obras em que trabalhou, José Talamba construiu uma casa para si e para a sua mulher, pelo que facilmente se compreende a origem dos azulejos que revestem esta casa, onde hoje vive apenas a viúva D. Iria. São realmente inúmeros os diferentes tipos de azulejos usados, sempre cuidadosamente dispostos. Mas também de outros símbolos se enche a casa: por cima da porta, o número “167”, pintado a vermelho; pintadas do mesmo vermelho são as duas estrelas que o ladeiam; ainda por cima desta porta, por baixo da janela do piso superior, temos, a meio um minúsculo nicho vazio, e, um de cada lado, dois bonecos de cerâmica pintada, que foram oferecidos a José Talamba e a quem as “fisgadas” e “pedradas” das crianças partiram os braços. O nicho ainda hoje aguarda uma Nossa Senhora da Conceição suficientemente pequena, que nunca chegou, afinal, era no dia da mesma santa que se celebrava o aniversário do proprietário da casa. E se nunca houve uma imagem da santa para encimar a porta, encontrou-se antes um painel de azulejo alusivo à mesma, que se colocou ali ao lado, na fachada. Mas muitos mais são os pormenores que compõem esta casa e a diferenciam das outras; serão

134 Excertos de entrevista a Maria, proprietária da “Casinha dos meus sonhos” [23/05/2015]

Fig.53. Baixo-relevo nos muros da casa de Manuel Talamba.



Fig.54. Alguns dos muitos azulejos da casa do Sr. Talamba



Fig.55. O muro da casa do *Domingos*.



talvez os desenhos a baixo-relevo no reboco dos muros, a chapa pintada de xadrez azul e amarelo, que reveste parte do piso superior; serão os galos, os leques decorando as janelas. Será o terraço de arcos brancos, de um lado revestidos de xadrez preto e branco: o terraço com a melhor vista da Cova do Vapor.

Mas não só José Talamba tinha uma profissão relacionada com a construção civil, existindo mais exemplos disso na aldeia, como o caso do pai de Belinha, que era serralheiro e fez o portão e os gradeamentos da sua casa.

Se existem habitantes que têm, ou tinham, ofícios de alguma forma relacionados com a construção civil, a verdade é que, independentemente da profissão, ouvem-se por toda a Cova do Vapor, histórias sobre como os próprios construíram as casas com as próprias mãos.

Sobre este tema, e referindo-se à forma como o sogro, Domingos, terá construído a sua casa, Carla Nunes diz:

*[...] eu acho que antigamente todos sabiam fazer um pouco destes ofícios... Hoje em dia, nós é que já perdemos estas competências; porque, efectivamente, qualquer um agarrava, fazia um bocado de cimento... ele próprio [o sogro] é que construiu, ia construindo, com a ajuda de amigos aqui na vila, ia construindo e iam edificando as casas... e sabiam de carpintaria, e [...] eram completamente auto-suficientes. Tanto que, aqui não se vê, porque nós tivemos que substituir; mas as janelas eram todas em madeira, as caixilharias também...[...]*¹³⁵

Acrescentando ainda que,

*[...]as pessoas tinham a tendência de ir construindo as casas à medida das suas necessidades. Ou seja, primeiro construíram aqui este lado, depois iam construindo, e à medida que iam tendo dinheiro iam construindo casinhas; portanto [...] tem muitas divisões a casa... quartos muito pequenos, [...]*¹³⁶

Esta casa de que nos fala Carla Nunes, tem o muro forrado a conchas. Este muro transforma-se em arco para receber o portão de entrada, e por cima deste arco, em letras desenhadas igualmente em conchas,

135 Excerto da entrevista a Carla Nunes, uma das moradoras. [07/03/2015]

136 *idem*

Fig.56. A entrada na casa da família Pacheco.



Fig.57, 58 e 59. A *Casinha dos meus sonhos*. Os azulejos sobre a porta e os bancos virados para o largo.



Fig.60. *Praça arco-íris*
128

podemos ler o nome “Domingos”. Sobre o sogro, Carla diz:

*Ele era muito dado a estes pequenos pormenores. Mesmo no interior da casa, nós temos uma escada, e os degraus da escada estão decorados com as conchas...*¹³⁷

As conchas e os búzios são alguns dos elementos marinhos que mais se observam em toda a Cova do Vapor. Para além do muro da casa de Domingos, também a casa de Manuel Casanova, ou a que o pai de Paulo Pacheco construiu e decorou, são exemplos das espectaculares decorações que foram feitas com esses elementos.

Se as mãos se punham na massa para o erguer das casas, também os próprios fizeram grandes esforços ao nível da decoração.

Existe, por exemplo, o caso da “Casinha dos Meus Sonhos”, em que uma das filhas da família se dedicou a pintar e aplicar os azulejos que decoram a fachada, e que revestem os bancos que dão para o largo.

Os murais pintados pela Laurinha já extravasaram os muros da sua casa. Se para lá dos muros existe “O Mundo das Flores”, na parede exterior da casa, ao lado da janela cuja pintura das grades faz lembrar o Sol, surge uma “obra de arte”, assinada pela sua autora e emoldurada por restos de azulejos e conchas de vários tamanhos e cores, cuidadosamente dispostas. Até o largo em frente à casa teve já a honra de ser decorado por esta menina, que aqui pintou um arco-íris. No poste telefónico, nu e de madeira, a Laurinha viu uma árvore, e agraçou-lhe umas folhas verdes. Sem dúvida que assim, a “Praça Arco-íris” ficou muito mais bonita.

José de Oliveira veio parar à Cova do Vapor, comprou a casa onde ainda hoje vive, e, para nunca esquecer a memória dos pescadores que ali via, resolveu colocar na fachada da sua casa um painel de azulejos, que mandou fazer, representando esses pescadores.

Os painéis de azulejos preenchem um pouco por todo o lado as paredes e os muros destas casas. O mesmo José de Oliveira não se ficou por aqui e mandou fazer um outro painel de azulejos, este com a inscrição “A Casinha do Zé de Oliveira”. Aos dois painéis “emoldurou-os” com conchas e seixos vários, apanhados ali mesmo, na praia. De cada lado da

¹³⁷ *idem*



Fig.61. *A Casinha do Zé de Oliveira.*



Fig.62. *A Casinha da Palmira* e a coleção de azulejos na sua fachada



Fig.63. Os búzios pintados por cima do muro da casa de Hélder Figueiredo.

porta um azulejo azul, com a figura de um peixe, a cada um dos quatro cantos do azulejo quadrado, uma vieira. Uma vieira também em cada canto do pequeno azulejo decorado onde se lê: “208”. Vieiras espalhadas um pouco por toda a fachada, agrupadas por forma a parecerem uma flor, ladeando janelas. Búzios ladeando a porta de entrada.

Na parede da “Casinha da Palmira”, uma colecção de cerâmica se tem vindo a juntar ao longo dos anos. De azulejos alusivos ao Santo António e a Nossa Senhora de Fátima, a imagens de pescadores e peixeiras, passando por um “Cuidado com o cão”, numa casa que não o tem. Um galo de Barcelos, diversas figuras, flores, pássaros, duas caravelas. Ainda há espaço para uma alusão ao clube do coração, curiosamente ladeada de um azulejo pintado por um filho na escola, por ocasião do Dia da Mãe; uma recordação de Évora e ainda a frase: “Vizinhos do pé da porta que não sejam leais, Bom dia uma vez por dia já são conversas demais”. Todos estes azulejos ladeiam mais um, este indicando o número da porta. Todos dispostos numa composição aparentemente desorganizada, mas que foi crescendo e sendo cuidada, atravessando gerações: *Uns foi o meu pai que pôs, outros, fui eu, e agora o meu filho logo vê*¹³⁸, diz-nos o Helder Figueiredo, o actual proprietário da casa cujos muros são decorados com búzios pintados, contando também o motivo da inscrição por cima da porta da casa: *Foi o meu pai que pôs, Palmira era o nome da minha mãe*¹³⁹.

O sorriso orgulhoso de Hernâni da Silva ao ser questionado sobre “o portão mais bonito da Cova do Vapor”, diz muito da dedicação que pôs na construção deste objecto e que põe, ainda hoje, na sua manutenção:

[...] *eu era trabalhador da Carris, e eles organizavam lá um concurso... para os trabalhadores... e eu participei, e pronto, aquela foi a minha ideia...*¹⁴⁰

Diz-nos ainda que o fez totalmente sozinho, que foi um trabalho de algum tempo, que lhe ocupava os fins-de-semana e tempos livres. Este portão é uma das grandes demonstrações de engenho autodidacta que podemos observar na Cova do Vapor. Representa a superação de quem

138 Excerto de entrevista a Helder Figueiredo, morador. [20/06/2015]

139 *idem*

140 Excerto de entrevista a Hernâni da Silva, morador. [20/06/2015]



Fig.64. O bonito portão de Hernâni da Silva.



Fig.65. À porta da casa do Sr Caldeira.

o construiu, e que com as suas próprias mãos, reutilizando diversos materiais, trabalhou para criar um elemento diferenciador da sua casa. De facto este é um portão único, e ainda hoje é objecto de grande dedicação por parte do seu autor e proprietário, que continua a trabalhar na sua manutenção, para que os habitantes e visitantes da Cova do Vapor, continuem a poder ver e admirar esta obra:

*[...] mas agora aquilo está muito estragado... que eu tenho andando doente... agora só daqui por um mês, vá... é que tenho vagar de o pintar... depois a menina se quiser venha cá, pode vir... e fotografa o portão como deve ser...*¹⁴¹

Quando o interesse pela Cova do Vapor começou a aumentar e as construções se começaram a multiplicar a grande velocidade, era ainda difícil fazer ali chegar os materiais de construção. Jaime Caldeira fala da reutilização das madeiras que vinham “da outra banda”, e de como era difícil o acesso a materiais para aquelas construções:

*Depois disso começaram realmente a invadir, começou muita gente aqui a comprar, umas compravam umas casitas, outros tinham a possibilidade de começar a fazer a sua casita, com madeiras que vinham inclusivamente muitas vezes de barco. Estes bancos que nós temos aqui eram provenientes daquelas pranchas que antigamente havia nos cais de Lisboa, havia autorização entre os batelões e o cais de materiais para levar para baixo. Não havia portanto guincho ou reboque de um lado para o outro, os pescadores conseguiram trazer materiais às costas e aos ombros, dos barcos para dentro dos cais, e assim sucessivamente [...]*¹⁴²

A casa do Sr Caldeira, a primeira casa da “Avenida dos Milionários”, é, juntamente com a do Sr Talamba, um desses exemplos em que é muito visível o aproveitamento de materiais sobrantes de outras obras. Isto é facilmente observável na fachada, por exemplo, onde é realmente grande o número de diferentes tipos de azulejos usados no revestimento. Por cima da porta, embutidas entre a confusão de diversos cacos cerâmicos, podemos ainda observar umas letras metálicas onde se lê isso mesmo, “Porta”.

É de liberdade que se trata a Cova do Vapor. A liberdade nas formas, a

141 *idem*

142 Excerto de entrevista a Jaime Caldeira, morador. [24/05/2015]



Fig.66. Os azulejos reutilizados na fachada da casa do Sr Caldeira.

facilidade com que se tenta, se faz e se experimenta. É a [...] *liberdade no manuseamento dos vários signos característicos da arquitectura, no modo como os materiais disponíveis, trazidos das obras e das demolições da cidade em frente, se encaixavam uns com os outros nas barracas ainda maioritariamente em madeira* [...] ¹⁴³. E é também a liberdade com que se ousa comunicar, assim, com formas, com símbolos. Como as decisões se fazem de forma despreocupada, guiadas pelo gosto, pelo desejo, por vezes condicionadas por facilidades práticas, outras vezes, ao sabor do acaso.

¹⁴³ Manuel Graça Dias, 2013, *op cit.*

2.1. A entrada: o dentro e o fora.





Fig.67. A relação entre interior e exterior na aldeia.

Se o exterior da casa e, especialmente a sua fachada principal, são da maior importância ao permitirem a comunicação do seu proprietário, por serem o que os outros vêem de si, a chegada à casa é tratada ainda com maior cuidado.

São raras as casas da Cova do Vapor cuja porta de entrada encontra directamente a rua. Existe quase sempre um pátio, ou um jardim, na frente da casa. Uns mais pequenos que outros. Alguns delimitados por muros. À entrada, um portão. Do portão à porta, muitas vezes um caminho de três passos. Em algumas situações mesmo não existindo muro ou portão, o caminho surge marcado. É a preparação, a chegada a casa, desenhada pelo pavimento ou contornada por floreiras. Por vezes, não poucas, alguns degraus preparam ainda a entrada no espaço interior da casa. Em alguns casos, uma cobertura ajuda a tornar mais gradual essa aproximação. Às vezes há ainda espaço para um alpendre.

Tanto o portão como a porta de entrada merecem uma atenção especial, na forma, no recorte, nas decorações que lhes são aplicadas, na forma como o número de polícia é colocado, por cima, ou ao lado da porta, como aí se escreve o nome do seu proprietário, ou mesmo uma frase desejando as boas vindas aos que por bem vêm. Um amuleto, tudo o que traga o bem e expulse o mal, é aqui colocado, à entrada. Este será talvez o ponto mais importante da casa, pelo que simboliza. Na verdade, é aqui que tudo muda. O exterior passa a interior, o selvagem a protegido. Entra-se no doméstico, no conhecido, na propriedade, no abrigo encerrado. Por tudo o que simboliza, a porta principal está sempre virada para a rua, mesmo que na maioria das vezes se use a porta de serviço da cozinha, ou que se chegue ao interior da casa pela garagem. Esta porta tem que ser vista, por isso é tão cuidada.

Na Cova do Vapor vemos portões das mais diversas formas e feitios,

os em tábuas de madeira justapostas, os inteiros em painéis de chapa e os de grades simples, ou entrelaçadas dos mais distintos modos. Existem ainda uns mais excêntricos, seja pela cor, seja pelo singular desenho criado. Há quem aproveite para escrever o seu nome no portão, ferro moldado e soldado na forma das letras. Há o caso do portão mais singular da Cova do Vapor, o do Sr. Hernâni, onde se observam diversos símbolos marítimos, uma caravela, diversos peixes, uns decorando apenas, outro servindo mesmo de maçaneta. Alguns dos portões vêm fechar arcos, cuidadosamente construídos para marcar este importante momento do muro que contorna o privado. Arcos simples; arcos que são quase coroas; arcos que merecem beirados; arcos decorados com conchas; arcos onde se pode, mais uma vez, escrever o nome; arcos onde se pendura um amuleto, onde se deixa um azulejo, uma inscrição, *Com amor, da Cova do Vapor.*

Também as janelas são motivo de especial atenção. Com tinta azul se inventam cantarias. Há caixilharias em alumínio, algumas ainda em madeira, muitas de fabrico artesanal, meio rudimentar. Reutilizadas, adaptadas, encurtadas, remendadas. Pequenas ou grandes aberturas. Vidros grandes, vidros pequenos, tijolos de vidro. Vidros foscados, martelados, pontilhados. As cortinas são pensadas para se verem por fora, quando as portadas coloridas se abrem. Recortes e decorações são postas à janela: da bonita sardinha recortada dos painéis publicitários das “Festas de Lisboa” ao galo pintado com as próprias mãos. À volta da janela põem-se búzios, conchas, azulejos; por baixo, uma bonita floreira. No piso térreo há que as guardar com grades, que tomam todas as formas. Grades que parecem raios de sol, grades que desenham flores, simples barras de ferro na vertical, ou uma elementar cruz, de canto a canto.

2.2.Palavra escrita: Posse, orgulho e identificação.





Fig.68. A palavra escrita na Cova do Vapor.

Logo à chegada, a Cova do Vapor recebe-nos com palavras. “Bem-vindos à Cova do Vapor”, pode ler-se. A palavra escrita é algo que encontramos a cada canto da aldeia, é uma das formas de comunicação presentes no lugar, esta mais imediata.

Na Cova do Vapor, quase todos dão um nome à sua casa. Ou então escrevem mesmo o seu, em letras grandes, ou mais pequenas. Há ainda quem escreva a sua alcunha ou o que distingue a família que habita aquela casa das restantes.

A grande maioria escreve estes nomes em azulejos, não sendo raros os inteiros painéis de cerâmica, mandados fazer, ou pintados pelos próprios, onde fica registado, para que todos vejam. Esta é a “Casinha do Zé Oliveira”; aqui mora a “Família Amaro”, esta é a “Casa do Chico”, esta a “Vivenda Irene e Mário Verde”; a “Casa da Belinha”, a “Casinha da Palmira”; a “Vivenda Paula Seixas”, a “Casa Atlântico”, a “Casa dos Leões”, “A Palhota”, a casa da “Luz”, a do “Zorba”, a do “Domingos”...

Esta é a minha casa, não é a de mais ninguém. Para que todos o saibam ponho o meu nome à porta.

Ou então conto um pouco da história da casa: digo que esta é a casa com que tanto sonhei, escrevendo “Casinha dos meus sonhos” ao lado da

porta; relembro o episódio em que lutei pela minha casa, impondo um “Tudo ou nada”; ou digo simplesmente, que aqui está um restaurante, e que este tem o “Bugio à vista”.

Falo do meu “amor pela Cova do Vapor”. Digo que desejo que, à minha casa, venham apenas os que por bem vêm. Que aos que passam, desejo o dobro do que me desejam a mim. Digo que aqui vive um bom pai de família benfiquista; que ali os sportinguistas serão abençoados e os outros perdoados; ou então uso um azulejo para cuidadosamente pintar com um pincel, um simples “Cuidado com a fossa”.

Por todo o lado as orientações clubísticas, políticas; diversas alusões a profissões, a figuras religiosas, santos populares, santos padroeiros. Também as placas toponímicas merecem atenção. Os nomes das ruas são escolhidos conforme o sentimento. Do sentido de humor da 5ª avenida de menos de um metro de largura, à sentida homenagem aos grandes homens da terra. Há ainda as frases sobre o bem receber, sobre a casa, a sorte, o desejo de felicidade, sobre vizinhança, filosofias, lições de vida e demonstrações de amor à cova do Vapor.

2.3. Decoração: afecto e individualidade.





Fig.69. O símbolo e a decoração na Cova do Vapor.

Não só com palavras se comunica na Cova do Vapor. Muitos são os símbolos que decoram estas casas, que as enchem de novos significados e as aproximam de quem as habita: desde a floreira junto à janela, aos leões que ladeiam o portão e aos búzios que decoram os muros; os painéis, as placas que identificam o nome e o número da casa; as campainhas; as diversas formas que uma caixa de correio pode ter, porque, como disse Robert Venturi, *até as caixas de correio podem ser encantadoras*¹⁴⁴. À porta um espanta-espíritos; e, para que mal nenhum venha a esta casa, enchemo-la de mascotes e amuletos: uma ferradura, ou três ou quatro, que sorte nunca é demais, e uma ferradura dá até uma bonita maçaneta para a porta. E que à minha casa só venha quem venha por bem, e que quem passe receba o dobro do que o que me deseja. Esta é a “Casinha dos meus sonhos”. E ela conta a minha história. Cada pedaço, uma recordação dos lugares e dos tempos por onde andei.

Estes símbolos completam a Cova do Vapor; dão-lhe significados suplementares; são fruto da dedicação, do empenho colocado no número de identificação da casa, das floreiras mais criativas, das decorações; umas porque é bonito, outras porque representam o que estas pessoas são, o que gostam, o clube que apoiam, a profissão que exercem, mas todas demonstrando de forma muito flagrante a importância que a casa tem para si. A dedicação à casa é enorme, trabalha-se sempre para que seja *mais como a gente queria*, para que *fique melhor e não se estrague*¹⁴⁵, e para que o seu dono mostre o seu orgulho e, especialmente, quem é.

O pai da Sónia Baptista trabalhava no Sporting, e, como fervoroso adepto do clube, transformou a casa que adquiriu na Cova do Vapor, numa verdadeira “Casa dos Leões”. Aqui vão crescendo os símbolos

144 Traduzido de VENTURI, Robert, 1972, op cit, p.153

145 Argumentos repetidos por diversos moradores entrevistados.

sportinguistas, do leão de gesso, ao mural pintado no muro da casa.

Por todo o lado inclinações clubísticas, na forma de águias ou de dragões. Há quem use os muros da sua casa para publicitar o seu trabalho, como o faz o empreiteiro da vila. Há o lindo portão do Sr Hernani, cheio de mar. E há a casa do Sr. Talamba, onde tudo é símbolo e é cuidado, da Santa do painel de azulejo, aos forcados de cerâmica sobre a porta.

E se estamos em época de santos populares, então as decorações multiplicam-se. Manjericos em cada canto, falsos ou verdadeiros, pousados ou pendurados; umas decorações pontuais, outras mais exuberantes, autênticos festivais de fitas, lanternas e bandeirinhas; na fachada da casa, por cima da porta, ou cobrindo a rua.

Representações de pescadores, em casa dos que pescam ou dos que viram pescar. Diversas figuras religiosas por toda a parte, mas na casa destes, em especial. Estes que enfrentam diariamente os perigos das forças naturais do mar e das tempestades que não podem controlar. Imagens de santos e de santinhos; santos padroeiros, santos protectores. Que todos eles abençoem este lar e protejam os que aqui vivem.

Mas sempre a Cova do Vapor comunica, de forma livre e despreocupada. Mostra-se *através das casas mais esplendorosas, dos portões mais investidos, dos alçados mais cheios*.¹⁴⁶ Por todo o lado, símbolos, formas, cores. Da bandeira nacional já tão descolorada de sol e de chuva, aos mais pequenos pormenores. A Cova do Vapor é isto, e isto está em todo o lado na Cova do Vapor. É um pequeno farol de miniatura, umas quantas caravelas espalhadas por aí, um gato de cerâmica, andorinhas, peixes; âncoras, lemes, faróis e redes de pesca; búzios, búzios e mais búzios.

146 Manuel Graça Dias, 2013, *op cit.*

2.4. Texturas e revestimentos: da reutilização à diferenciação.

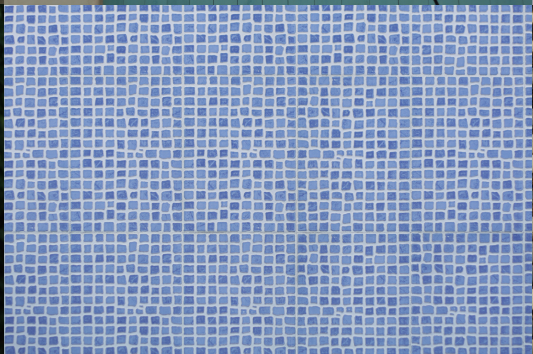
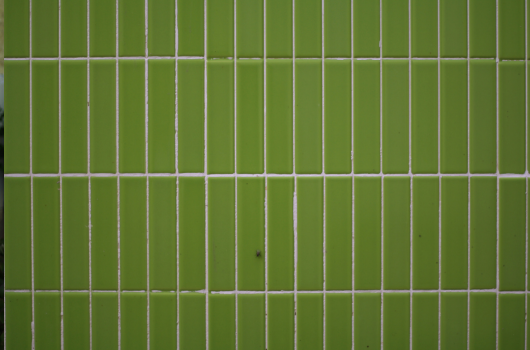




Fig.70. Texturas e revestimentos da Cova do Vapor.

Já foi referido que na Cova do Vapor não há duas casas iguais; Uma das coisas que mais obviamente as distingue são os revestimentos das suas paredes. Aqui criatividade e “desenrascanço” são as palavras de ordem. Há azulejos vários, usados como nunca visto; há desperdícios de mármore e outras pedras; mosaicos de pavimento são também aplicados nos planos verticais; há sempre a tinta, a madeira, a chapa. *E por todo o lado, as marcas peculiares da vizinhança marítima, das conchas e dos seixos.*¹⁴⁷

Quando enviuvou, o Sr. Manuel Casanova comprou uma casa na Cova do Vapor. Era uma casa “abarracada”, que em muito pouco se parecia com a actual, mas houve algo que o novo proprietário quis manter: o muro revestido a conchas e búzios, formando desenhos. Estas conchas e búzios desenhavam ainda caminhos e contornam canteiros no jardim da casa, tudo pensado e executado pelo seu antigo proprietário, ele é que *apanhou aí as conchas, todas, andou aí, no mar... naquela altura havia aí bastantes conchas. [...] Ele pôs para aí conchas por todo o lado... e eu deixei estar...[...]*¹⁴⁸.

Há mais casos na Cova do Vapor, em que a proximidade marítima e sua influência se demonstra de forma muito flagrante. Várias são as casas onde existem conchas, búzios, seixos... Em algumas estes elementos surgem de forma pontual, outras há em que estes materiais são usados como revestimento de quase a totalidade das paredes. Como justificação para a escolha deste material, surge geralmente essa proximidade marítima e o facto de ser tão fácil aceder-lhe, permitindo uma diferenciação imediata do aspecto da casa em relação às outras, e dando espaço a uma maior ou menor liberdade e criatividade na disposição das peças. Muitos consideram este tipo de decorações atractivo, ainda hoje. Mas há quem defenda que um outro motivo para a opção por este material possa ser um factor económico; de facto era necessário

147 José António Cerejo, 2002, *op cit.*

148 Excerto da entrevista a Manuel Casanova, morador.[07/03/2015]

revestir as paredes das casas, até pela eminente agressão provocada pela proximidade com o mar, e se o azulejo era um dos materiais de revestimento mais baratos, estas conchas e búzios eram gratuitos, e executavam perfeitamente o seu papel de revestimento, como nos diz Paulo Pacheco:

*[...]era um bocado por causa deste universo, eu percebo, estamos perto da praia, e ficou mais ou menos enquadrado dentro da área onde a gente está... Penso que tivesse sido essa a razão... E eram materiais baratos, eram de borla...[risos] O que se calhar também ajuda... que isto com pouco ou nenhum dinheiro se fez isto... eu também gosto, sinceramente, também gosto...*¹⁴⁹

Apesar da existência por vezes de uma clara vontade de diferenciação, a facilidade prática no acesso aos materiais parece o motivo mais presente nas memórias dos moradores para a escolha dos revestimentos aplicados às suas casas. O Sr. Caldeira conta-nos o caso do seu sogro, que terá reutilizado restos de obras nos arranjos feitos à casa de madeira comprada na Cova do Vapor, referindo-o como a melhor solução existente na época para contornar os elevados custos associados à compra de materiais novos.

A fachada da sua casa é um desses exemplos em que é muito visível o aproveitamento de materiais sobrantes de outras obras. São vários os tipos de azulejos usados no seu revestimento. Dispostos de forma tão alternada quanto possível.

Ao falar de combinações de tipos azulejos diferentes nas fachadas das casas deste lugar, a casa do Sr. Talamba torna-se um exemplo incontornável. Vindos das sobras das obras em que trabalhou, são realmente inúmeros os diferentes tipos de azulejos usados, mas sempre cuidadosamente dispostos. Alguns desenham sucessivas camadas de frisos, outros revestem apenas o arco que encima o portão de entrada. Há ainda os que formam desenhos, geometrias, figuras.

149 Excerto de entrevista a Paulo Pacheco, morador. [24/05/2015]

2.5. Cores: da facilidade prática ao gosto.





Fig.71. As cores da Cova do Vapor.

Também as cores são muitas na Cova do Vapor. Umas mais esbatidas, outras mais assumidas, as cores são parte da alegria que se observa neste lugar.

A cor é de facto um elemento de diferenciação imediata. É fácil distinguir uma casa da outra pelas suas cores diferentes.

*Também a tinta une ou pode unir, unificar, borrar, num gesto mediterrânico, sulista, purificando a morada, os elementos, por uma procura anti-analítica, forte, poderosa. Eu estou aqui e esta é a minha casa e quero-a verde, rosa, vermelha [...]*¹⁵⁰

Quando questionados pelo motivo da escolha de uma ou outra cor, os moradores parecem desvalorizar essa questão. A maioria responde apenas que gostou, achou uma cor bonita. Há ainda quem nem a tenha escolhido, mas tinham sobrado umas latas de tinta ao vizinho.

Há casas vermelhas, amarelas, verdes, brancas, roxas, cor-de-rosa, cor de laranja ou cor de salmão. Muitos são os tons. Certo é que parece existir uma certa preferência geral pelas várias tonalidades de azul, a cor que mais se repete por toda a Cova do Vapor. Afinal, é a cor do mar, ali tão perto.

150 Manuel Graça Dias, “Arquitecturas sem Architectos”, 1º parte, *Ver Artes* n.º21: *Arquitectura*, 1994, Lisboa: RTP2

Mas não só para unificar aparecem as cores da tinta. Com uma cor diferente contornam-se ainda as janelas, as portas, separam-se as partes. Distinguem-se as portas das paredes, os caixilhos dos batentes, o piso térreo dos restantes. Pintam-se as paredes lisas e as texturadas. Pinta-se a madeira e a chapa ondulada, toda de uma cor, ou às riscas.

À parte da tinta, por todo o lado cores e pormenores. Sejam as fitas coloridas que tapam a porta, o baloiço cor-de-rosa, o vaso vermelho, os azulejos de xadrez. Também os próprios materiais deixam as suas cores em cada pedaço de casa que constroem ou revestem. E há quem escolha revestir a sua casa de azulejo verde, azulejo azul, amarelo, em degradê ou com padrões. Há a pastilha azul, e de outras cores. Há o tijolo vermelho, o mármore branco, cinzento claro, cinzento escuro... As conchas e os búzios com as suas diversas colorações. As cores das pedras e dos seixos vários.

2.6. As formas do somatório.

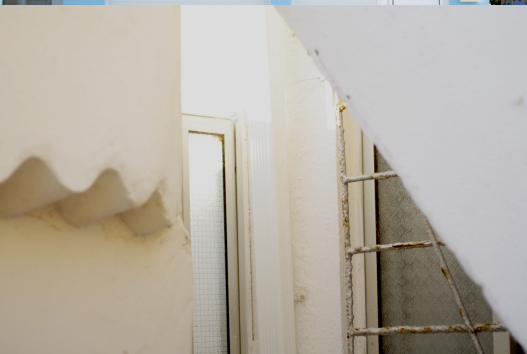




Fig.72. As formas justapostas na Cova do Vapor .

A maioria das casas da Cova do Vapor são verdadeiros exemplos do que se poderá chamar habitação evolutiva. Mas se, em alguns casos, a evolução foi já prevista desde início, na grande maioria das casas da Cova do Vapor o tempo terá surpreendido os moradores, trazendo com ele novas necessidades, e estas necessidades foram sendo colmatadas com obras nas habitações.

Existe um pequeno número de casas que se mantêm muito semelhantes à sua imagem original mas, em grande parte das restantes, não é já possível observar qualquer memória do seu passado, tão simples e de madeira.

O crescimento da família levou à necessidade de um espaço maior, criou-se um novo piso, com uma varanda balançada sobre a estreita rua. A varanda deu um ótimo ateliê de costura, fechada em marquise. Construiu-se um telheiro para abrigar o carro, depois uma garagem fechada. Mais um anexo para guardar umas coisas, ou uma capoeira. Uma churrasqueira e um banco fixo no jardim. O ideal seria aumentar a cozinha. E porque não fazer outra cozinha? Assim pode dividir-se a casa em duas, uma para mim, outra para o meu filho, que casa em Agosto. Acrescenta-se mais um piso, constroem-se umas escadas exteriores, e a minha filha fica, também ela, com a sua casa. Que ela mais tarde ou mais cedo casa também, e não podemos viver todos juntos, não é verdade? No cimo da casa, constrói-se uma mansarda, e um terraço. Daqui vê-se

o mar e sente-se o cheiro a peixe. Mais um quartinho aqui, um outro ao lado; uma casa de banho nova. Ou então não, que a pequena casa do vizinho está para venda, e com umas obras, junto-a a esta e fico com uma casa maior. Haverá espaço para todos os netos, e um jardim onde eles possam brincar.

Fazem-se acrescentos, divisões, aumentos e reorganizações. De duas casas pequenas faz-se uma grande, e de uma grande, duas pequenas. As casas multiplicam-se na Cova do Vapor; e as que lá existiam, sobem em altura, crescem para os lados, estendem-se até ao vizinho e roubam espaço às ruas. As formas ficam cada vez mais complexas, os volumes mais exóticos. Estas casas vão sendo construídas ao longo de uma, ou mesmo várias vidas; são fruto do tempo e do constante trabalho dos que as habitam. Cada volume é uma peça, e cada fragmento ajuda a completar o conjunto. São casas construídas em tantos tempos, quantos os dos que as habitam.

Considerações finais

Depois da observação da Cova do Vapor, das suas ruas e das suas casas, e de conhecidas as suas gentes, propõe-se uma conclusão assente numa reflexão pessoal suportada pelo cruzamento entre os dados recolhidos relativos ao objecto de estudo e o conhecimento teórico até à data alcançado.

Compreendida a importância da casa – o *primeiro mundo* referido por Gaston Bachelard – pela necessidade que todos os homens têm de um abrigo que lhe ofereça a segurança e a estabilidade necessárias ao desenvolvimento das suas vidas, mas também por ser um símbolo e encerrar um certo poder de representação individual pela demonstração das conquistas e das vontades dos seus proprietários, sublima-se, ainda, o facto de, na arquitectura popular contemporânea, a casa representar também o sucesso, o crescimento e a ascensão social dos seus proprietários, características comuns a grupos com determinadas vivências e com uma bagagem cultural específica, como referido para o caso das arquitecturas dos emigrantes ou dos clandestinos.

A Cova do Vapor é um exemplo de arquitectura popular contemporânea, sendo um caso de arquitectura clandestina. Estes não são os mesmos clandestinos que constroem as suas casas como única alternativa face à desadequação entre a oferta do mercado imobiliário e as suas necessidades, ou como única forma de conseguir ter uma morada perto do lugar de trabalho. Estas casas são antes uma fuga ao ambiente em que habitualmente os seus proprietários vivem na cidade em que habitam, onde os pequenos apartamentos, os únicos que conseguem ter disponibilidade financeira para suportar, não permitem o estilo de vida desejado. Estes “clandestinos” sentiram também que, apesar de conseguirem ter um lugar para viver na cidade, o modelo dessa habitação não satisfaz de todo as suas aspirações nem os seus ideais de casa.

Os ideais de casa destas pessoas, de forma geral, consistem no modelo da moradia unifamiliar, onde a privacidade de cada lar é assegurada e as relações com os outros controláveis. É ainda desejado que o espaço seja suficientemente grande, oferecendo a possibilidade da existência de uma zona destinada ao prolongamento da actividade profissional, e admitindo a prática de *hobbies*. Um espaço exterior torna-se também essencial, pois permite criar um jardim, ou uma horta para assegurar ainda melhor a auto-suficiência, possibilitando ainda diversas

actividades ao ar livre, privadas ou de grupo, como banhos de sol, uma sardinhada ou um churrasco. Também na Cova do Vapor se verifica um desejo de reencontro com o rural, que advém, em grande parte, de um passado aldeão, mesmo que não dos próprios, pelo menos dos seus antepassados.

Não podendo alcançar o sonho da casa idealizada através dos meios convencionais, por não possuírem poder económico suficiente, surge a alternativa do “clandestino”. O caso da Cova do Vapor não será comparável ao de outros clandestinos, uma vez que foram até pedidas algumas licenças e pagos impostos, mas, não pertencendo os terrenos aos proprietários das casas, a situação torna-se tão instável como a de outros bairros de génese ilegal.

À parte das condicionantes económicas, que contribuem para algumas das escolhas formais e materiais presentes nas casas, estas são construídas quase sem constrangimentos, pelo menos legais. As liberdades formais aqui presentes são imensas, assim como a inventividade e a reutilização de materiais que habitualmente se observam nos bairros espontâneos em que a autoconstrução está bem presente. Observa-se aqui também, na Cova do Vapor, a liberdade despreocupada e o modo como são as vontades, a emoção, a criatividade e o entusiasmo a condicionar a forma e o aspecto destas casas. Representando um sonho alcançado, as casas da Cova do Vapor são claros exemplos da vontade de exibição e de diferenciação para elas transposta pelos seus proprietários.

Estas casas mostram também o espírito de auto-suficiência que costuma acompanhar os clandestinos. Aqui, o conhecimento usado é também intuitivo ou resultante da prática e da experimentação. Ainda que alguns dos habitantes da Cova do Vapor tenham profissões relacionadas com a construção civil, a verdade é que alguns dos moradores com ofícios bem distintos, sozinhos ou com a ajuda de amigos, familiares ou vizinhos, construíram também as suas casas, demonstrando de forma muito evidente a auto-suficiência que caracteriza este lugar.

Esta auto-suficiência levou, em alguns casos, a uma grande experimentação formal, também resultante da facilidade com que hoje se adquirem e se manipulam os diferentes materiais disponíveis no mercado. À parte das condicionantes resultantes da escolha ou do acesso a determinados materiais, que naturalmente influenciam as formas e o aspecto da casa, a falta de regulação conduz a tamanha liberdade,

que torna o proprietário capaz de construir a sua casa como os seus sonhos a idealizaram, e livre para a exhibir, exibindo-se a si próprio e distinguindo-se dos demais.

À questão sobre se as casas da Cova do Vapor serão afinal bonitas ou feias não se poderá responder com certezas nem de forma unânime, mas a verdade é que são genuínas, na medida em que espõem quem as habita e as construiu à sua imagem.

Algumas destas pessoas, anos antes, não acreditavam vir a ser possível a posse de uma segunda casa, para ócio, à beira-mar. Mas ousaram sonhar e, com muito esforço, alguns sacrifícios e uma imensa dedicação, conseguiram construir as suas casas “de sonho”. Aqui os luxos não se vêem a cada esquina, mas no brilho dos olhos destas gentes vê-se o orgulho de ter descoberto este segredo do Tejo, e de aqui viver. Haverá maior luxo do que a vista para o mar e o cheiro a peixe fresco de todos os dias? Quem vive na Cova do Vapor vive assim, simplesmente, de calções e chinelos.

Todos vivem assim, todos se conhecem e todos se apoiam. O espírito comunitário está também muito presente neste lugar, e as relações de vizinhança são visíveis. As pessoas organizaram-se de forma a suprir as necessidades da aldeia, funcionam enquanto comunidade, participando activamente nas decisões que envolvem não só o seu bem-individual como o bem-estar colectivo. Foram as relações sociais e o tempo, de que Jane Jacobs fala em *Morte e Vida das Grandes Cidades*, que construíram as qualidades que se sentem na Cova do Vapor.

A identidade de cada um e a sua bagagem cultural estão presentes de forma bem determinante no aspecto das suas casas, estando presente na escolha da cor, ou do material de revestimento, nas formas e cores das janelas e das suas grades, nos caminhos que conduzem ao interior das casas, no arranjo dos jardins, nos elementos que decoram os muros ou a fachada. Os elementos arquitectónicos, ou simplesmente decorativos, retratam as vivências dos habitantes e, com eles, clubismos, filiações partidárias, profissões ou preferências religiosas, transportadas de forma bem evidente para a arquitectura, ajudando a caracterizá-la.

As formas das casas demonstram também um pouco da história das famílias e reflectem a sua evolução, exibindo acrescentos, anexos e reorganizações, tudo para responder às necessidades que se foram

alterando ao longo do tempo. E por todo o lado se vêem as demonstrações do amor e da dedicação de que aquelas casas são alvo, no cuidado posto em cada pormenor daquela “casinha dos seus sonhos”. As vivências pessoais e familiares dos habitantes da Cova do Vapor são trazidas para a aldeia e detêm um importante papel no processo de concepção e construção das suas moradas, ajudando a moldar-lhes as formas.

Torna-se evidente que o gosto terá de ser, obrigatoriamente, uma questão de cultura, sendo natural que pessoas com raízes culturais idênticas tendam a gostar do mesmo tipo de coisas. Por isto, as questões relacionadas com o gosto serão sempre objecto de uma certa subjectividade, construída a partir da experiência e do conhecimento de cada um. Um gosto mais erudito conquistar-se-á pela educação, mas um gosto popular será maioritariamente composto pelas vivências pessoais e heranças culturais.

Dada a importância que as casas têm na vida humana será natural que nelas se transpareça a cultura e, assim, o gosto dos que as habitam, o que se torna ainda mais evidente quando são os próprios a construir-las, como na maioria dos casos da Cova do Vapor. As casas da Cova do Vapor reflectem quem as habita, ajudando a compor a sua identidade.

Com este estudo, mais do que chegar a uma conclusão sobre a qualidade do gosto popular presente na Cova do Vapor, tentou-se compreender qual o gosto de que aqui se fala. O que caracteriza os habitantes da Cova do Vapor e as suas arquitecturas? O que motiva este gosto, que passado, que cultura estão por trás dele? Existirão pontos comuns a todas estas pessoas? Uma cultura de grupo?

Através da observação do aglomerado, percebe-se a existência de pontos que unem todos os moradores, que vão do gosto e da admiração pelo mar ao desejo de um determinado estilo de vida. Todos estes factores ajudam a caracterizar o que poderia ser chamado de um gosto “covaporiano”, estando presentes na imagem das casas do lugar. O gosto pelo mar vê-se na cor azul da tinta das paredes, nas representações de peixes e pescadores, na decoração com conchas, búzios, bóias, âncoras e redes de pesca. O estilo de vida desejado é ilustrado na forma das casas, no desenho dos espaços exteriores que permitem a prática de determinado *hobbie* ou são ideais para reuniões familiares ao ar livre. Mas esta não é já uma comunidade piscatória onde pesca, mar, família e religião são os únicos determinantes das vidas dos seus habitantes.

As pessoas que hoje constroem a Cova do Vapor têm outras vivências pessoais e familiares e essas não são comuns a todos os habitantes. Essas diferenças são trazidas para a aldeia e para as suas casas; seja na decoração, ou na forma de caminhar na rua; na forma de arranjar o jardim ou na forma como se relacionam com os vizinhos. As casas reflectem as identidades individuais ou familiares, quem são, o que desejam, que as aspirações têm.

Àcerca do futuro da aldeia, algumas hipóteses poderão ser levantadas. Tem-se verificado um crescente interesse pelo lugar, não só pela praia da Cova do Vapor, como também pelas suas casas. Cada vez vem mais gente ver e fotografar. Alguns estrangeiros já descobriram este cantinho no ponto em que o Tejo encontra o mar, e ali compraram casa. Agora até um *hostel* está ali a nascer. O Sr. Hélder queixa-se de que, em fins-de-semana de verão, não tem sequer lugar para estacionar o carro, tamanha é a multidão que se desloca à Cova do Vapor para aproveitar o sol na praia. No resto do ano, dizem os moradores, tudo parece permanecer mais ou menos igual. No inverno poucos continuam a parar na Cova do Vapor, para além dos verdadeiros surfistas em busca das melhores ondas. Pelas imensas qualidades presentes no sítio e pelo carácter excepcional que ali se observa, tanto pela arquitectura que a compõe como pela forma como as pessoas se relacionam umas com as outras, a vontade é a de que tudo se mantenha igual e que este tesouro continue um segredo bem guardado.

Independentemente do que o futuro vier a trazer à Cova do Vapor, o essencial será nunca esquecer as lições que um lugar como este nos oferece. A Cova do Vapor é um óptimo exemplo da sabedoria auto-suficiente já anteriormente referida, e deve lembrar que muito haverá a retirar dos ensinamentos da arquitectura popular que é construída nos dias de hoje, ainda de forma auto-suficiente, onde o engenho autodidacta, a memória e a imaginação ocupam o lugar central na concepção das casas, permitindo encontrar soluções para as necessidades e os desejos de quem as constrói.

A compreensão do gosto presente na Cova do Vapor vem demonstrar as vantagens que a observação destes casos de autoconstrução poderia trazer ao ofício dos arquitectos. Analisando o que motiva as escolhas destes habitantes, percebe-se que o orgulho do feito alcançado é um factor determinante. Estas pessoas não querem mais do que o que têm,

estão realmente realizadas e, assim, cuidam com toda a dedicação as suas casas. Por isso não só põem diversos esforços na manutenção e na melhoria do seu habitat, como também se esmeram na sua decoração, procurando distinguir a sua casa da dos restantes, e garantir que não haja dúvidas acerca de quem é cada proprietário. Deste desejo de exibição e de distinção dos demais, são exemplos flagrantes as inscrições com os nomes dos proprietários nas fachadas, mas também o são um ou outro painel de azulejo do seu agrado, representado algo que para si tem valor, do santo predilecto à imagem de um barco de pescadores; do clube do coração a uma lição de vida.

Associando rostos e histórias de vida às casas analisadas, espera-se que a humanidade por detrás de cada uma delas seja capaz de fazer nascer nos arquitectos o desejo de estudar mais aprofundadamente a arquitectura popular, com um espírito menos crítico e um olhar mais sensível. Considera-se que essa abertura por parte dos arquitectos poderia ser um passo no sentido de encurtar as distâncias entre a profissão e a generalidade da população, o que, se acredita, poderia contribuir para um crescimento mais humano das cidades da actualidade.

Bernard Rudofsky e John Turner, ou mesmo o casal Smithson e Giancarlo de Carlo, entre outros, procuraram exemplos na arquitectura vernacular e do terceiro mundo, onde com poucos recursos e sem a presença de profissionais, foi possível construir *habitats* adequados ao contexto e à função a que se destinavam. Todos eles quiseram assim evidenciar o exemplo que se poderia retirar destas arquitecturas sem arquitectos, procurando demonstrar a importância de uma maior proximidade entre as propostas de arquitectura e os seus destinatários, e defendendo a relevância de conhecer a opinião destes para a toma de decisões adequadas.

Propõe-se aqui compreender que o estudo dos fenómenos espontâneos de arquitectura será importante para que o arquitecto exerça a sua função correctamente, e para que possa adequar as suas propostas à situação particular de cada caso. Não se procura estudar apenas as formas antigas da arquitectura vernacular, mas também a arquitectura popular contemporânea, em todas as suas formas, sugerindo-se que se estudem estes casos com um olhar mais aberto e menos preconceituoso, como Robert Venturi recomenda em *Learning from Las Vegas*.

Não se pretende propor aos arquitectos que simplesmente observem

estes exemplos de gosto popular. Apesar de a observação e o estudo destes casos levarem a um conhecimento mais profundo sobre o gosto dos outros e a uma melhor compreensão dos que a ele aderem – o que será sempre positivo –, o que se pretende, realmente, é reforçar a importância da promoção do diálogo entre arquitectos e futuros moradores das casas que aqueles desenham. Apenas conhecendo as verdadeiras vontades dos habitantes e reunindo todas as informações necessárias, os arquitectos poderão adequar a solução proposta, não só às necessidades próprias de cada caso, mas também às capacidades económicas de cada família.

Já anteriormente foi referido que uma boa forma de adequar a habitação às necessidades e às capacidades económicas de cada família, e a cada momento, serão as estratégias que envolvem uma evolução da habitação, como as propostas por Alejandro Aravena. Esta evolução está presente nas casas da Cova do Vapor, como na maior parte das construções clandestinas. Começa-se com o mínimo e a casa vai crescendo conforme vai sendo preciso e, especialmente, conforme vai sendo possível. A autoconstrução ou, pelo menos a participação activa dos habitantes na concepção da habitação, não só ajuda à concretização da casa como desejado, como conduzem a uma ainda maior valorização da casa pelos seus habitantes e a uma maior realização pessoal, advinda do sentimento de auto-suficiência, por terem sido os próprios a contribuir activamente para a sua realização.

Acredita-se que a autoconstrução, como sugerida por John Turner, poderá ser uma mais-valia em alguns casos específicos, pelo que a hipótese da sua inclusão no processo poderá ser colocada, devendo as casas ser projectadas, como propunha já Yona Friedman e John Habrakem, de forma a preverem a evolução da habitação e a apropriação dos seus espaços de acordo com as necessidades, as vontades e as identidades pessoais ou familiares.

Espera-se deste modo que seja compreendida a importância da participação dos habitantes nos processos de concepção e construção da habitação que virão a ocupar, e de os arquitectos trabalharem no sentido de promover esses processos participativos.

Saber o que as pessoas desejam para as suas casas, ou mesmo para a sua cidade, pode ajudar a criar propostas que respondam às necessidades e desejos da maioria dos envolvidos. Como refere Álvaro Siza, as suas

opiniões são *alimento para o projecto*¹⁵¹, e competirá ao arquitecto compreender, interpretar e coordenar essas vontades, propondo ele próprio uma solução.

*Eu procuro com verdadeira afeição essas casas que são
as casas de homens e não as casas de arquitectos.*¹⁵²

151 Álvaro Siza, “Um processo participativo também pode ser manipulável”, *Jornal dos Arquitectos* n.º 234, 2009, Lisboa: Ordem dos Arquitectos

152 Tradução livre de CORBUSIER, Le, *Précisions, sur un état présent de l'architecture et de l'urbanisme*, 1960, Paris: Ed. Vincent, p.9

Bibliografia

ADORNO, Theodor W., *Aesthetische Theorie*, 1970, versão traduzida para português por Artur Mourão, 1993, Lisboa: Edições 70

AFONSO, João; MARTINS, Fernando; MENESES, Cristina; *Arquitectura Popular em Portugal*, 2004, Lisboa: Ordem dos Arquitectos

ARAVENA, Alejandro, *Progettare e costruire*, 2007, Milão: Electa.

BACHELARD, Gaston, *La Poétique de l'Espace*, 1983, Paris : Presses Universitaires de France, versão traduzida por António de Pádua Danesi, 1998, São Paulo: Martins Fontes

BANDEIRINHA, José António, *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*, 2007, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

COELHO, António Baptista e CABRITA, António Reis, *Habitação Evolutiva e Adaptável*, 2009, Lisboa: LNEC

CORBUSIER, Le, *Précisions, sur un état présent de l'architecture e de l'urbanisme*, 1960, Paris: Ed. Vincent

DGOT, *Encontros sobre construção clandestina*, 1989, Lisboa: DGOT

DIAS, Manuel Graça, *Vida Moderna*, 1992, Viseu: Tipografia Guerra

DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida* vol.6, 1998, Coimbra: G.C.-Gráfica de Coimbra

DIAS, Tânia Fátima, *Popular e Erudito : contributo da dimensão popular na arquitectura portuguesa da modernidade*, 2006, Porto : FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Manuel Botelho]

DOLLFUS, Jean, *Aspects de l'architecture populaire dans le monde*, 1954, Paris : Albert Morancé

DUBUFFET, Jean, *Asphyxiante Culture*, 1968, Versão traduzida por Serafim Ferreira, 1971, Lisboa: Publicações Dom Quixote

FERREIRA, António F. ; GUERRA, Isabel P. ; *Perfil Social e Estratégias do "Clandestino": estudo sociológico da habitação clandestina na área Metropolitana de Lisboa* , 1985, Lisboa: Centro de Estudos de Sociologia do I.S.C.T.E.

HABRAKEN, N. J. (John Habraken and the SAR), *Housing for the millions*, 2000, Rotterdam: NAI Publishers

HABRAKEN, N. J. *et al. Variations: The Systematic Design of Supports*, versão traduzida para espanhol por Indaleci Miras Pardo, 1974, Barcelona: Gustavo Gili.

HENRIQUES, Alexandra, *46 anos depois do inquérito à arquitectura portuguesa*, 2001, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável António Madureira]

JACOBS, Jane, *The Death and Life of Great American Cities*, 1961, versão traduzida por Carlos Rosa, 2000, São Paulo: Martins Fontes

JONES, Peter, PETRESCU, Doina, TILL, Jeremy, *Architecture & participation*, 2005, Londres: Spon Press

LEAL, João, *Arquitectos, engenheiros, antropólogos: estudos sobre arquitectura popular no século XX portugueses*, 2001, Porto: Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva

LESBEQUE, Sabine, *Yona Friedman : Structures serving the unpredictable*, 1999, Rotterdam : NAI Publishers

LEITE, Vítorio, *Arquitectura da participação : o debate sobre o habitat*

participado entre o primeiro e o terceiro mundo, 1960-2010, 2010, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Nuno Grande]

MACEDO, José Mário Vieira Lopes, *Arquitecturas sem arquitectos*, 2001, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Sérgio Fernandez]

MACHADO, Carlos Manuel C. C., *Anonimato e banalidade: arquitectura popular e arquitectura erudita na segunda metade do século XX em Portugal*, 2006, Porto: FAUP [Dissertação de doutoramento – Edição policopiada]

MONTANER Josep; HEREU, Pere; OLIVERAS, Jordi, *Textos de la Modernidad*, 1994, Madrid: Nereia

MONTEIRO, Bruno Manuel Pinto, *Arquitectura Popular Contemporânea*, 2007, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Domingo Tavares]

MOORE, Charles; Allen, Gerald; Lyndon, Donlyn; *The place of houses*, 1974, versão traduzida para espanhol com o título *La casa: forma y diseño*, 1999, Barcelona: Gustavo Gili

MOREIRA, Marta Rocha, *A casa que ainda não temos*, 2001, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Beatriz Madureira]

NETO, Pedro, *Bairro de lata : inspiração em tempos de crise?*, 2009, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Álvaro Domingues]

PEREIRA, Miguel César, *Tipologia+ habitação social evolutiva no Chile*, 2011, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Marta Rocha]

RAPOPORT, Amos, *House, form and culture*, 1969, versão traduzida para espanhol, 1972, Barcelona: Gustavo Gili

REIS, Marta, *A Casa pequeno laboratório de identidade*, 2013, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Marta Cruz]

RUDOLFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects*, 1965, New York: The Museum of Modern Art

SÁ, Ana Luísa Teixeira de, *Utopia social = distopia real : participação e outras alternativas para a redução do gap existente entre a arquitectura e o público*, 2003, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Manuel Mendes]

SANTOS, Ana Patrícia, *A contemporaneidade da arquitectura popular portuguesa*, Porto: FAUP [Prova final – Edição policopiada]

SNA, *Arquitectura popular em Portugal*, 1961, Lisboa: Sindicato Nacional dos Arquitectos

TAVARES, Domingos, *Casas de Brasileiro*, 2015, Porto: Dafne Editora

TURNER, John FC e R. Fichter, *Freedom to build: Dweller Control of the Housing Process*, 1972, New York: The Macmillan Company

TURNER, John F.C., *Housing by People: towards autonomy in building environments*, 1991, New York: Marion Boyars

VENTURI, Robert, *Learning From Las Vegas*, 1972, versão traduzida por Pedro Maia Soares, 2003, São Paulo: Cosac&Naify

VENTURI, Robert, *Complexity and Contradiction in Architecture*, 1977, Nova Iorque: The Museum of Modern Art

VILLANOVA, Roselyne, LEITE, Carolina e RAPOSO, Isabel, *Maisons de rêve au Portugal*, 1994, Paris: Éditions Créaphis

Publicações periódicas:

SIZA, Álvaro, “Um processo participativo também pode ser manipulável”, *Jornal dos Arquitectos* nº 234, 2009, Lisboa: Ordem dos Arquitectos

BRANDÃO, Pedro, “O eclipse da arquitectura sem arquitectos”, *Jornal dos Arquitectos* nº 218/219 [Antologia 1981-2004], Lisboa: Ordem dos Arquitectos

CABRITA e FREITAS e COELHO e MENEZES e PEDRO, “Análise e avaliação da qualidade habitacional” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

CASTRO Alexandra, “As construções dos emigrantes e a legitimidade de uma estética singular” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

CEREJO, José António, “Uma Relíquia Chamada Cova Do Vapor”, Lisboa: *Público*, 28/04/2002

COELHO António Baptista, “Apropriação e satisfação residencial” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

DIAS, Manuel Graça, “Por uma vanguarda popular”, *Jornal dos Arquitectos* nº 218/219 [Antologia 1981-2004], Lisboa: Ordem dos Arquitectos

DIAS, Manuel Graça, “Qualquer coisa que suponho certa”, *Revista Arquitectura Portuguesa* nº11, 1987, Lisboa: Grafitécnica

DIAS, Manuel Graça, “Qualquer coisa que suponho certa, outra vez”, Lisboa: *Público*, 15/10/2013 in <http://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/qualquer-coisa-que-suponho-certa-outra-vez-1609102> [consultado em 14/11/2014]

GUERRA Isabel, “Grupos sociais formas de habitat e estrutura do modo de vida”, *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

HABRAKEN, N. J. *et al. Variations: The Systematic Design of Supports*, versão traduzida para espanhol por Indaleci Miras Pardo, 1974, Barcelona: Gustavo Gili,

KEIL DO AMARAL, Francisco, “Uma iniciativa necessária”, *Arquitectura, Revista de Arte e Construção* nº14, 1947, Lisboa: ICAT

LEITE, Carolina, “Casa de emigrantes: gosto de alguns, desgosto de muitos”, *Revista Sociedade e Território* nº 8 [Espaço: emigração e retorno], 1989, Porto, Afrontamento

PINTO, Teresa Costa, “Modelos de habitat, modos de habitar o caso da construção clandestina do habitat” - *Revista Sociedade e Território* nº25 [Mudança Social e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

PORTAS, Nuno e DIAS, Francisco da Silva, “Habitação Evolutiva”, *Revista Arquitectura* nº126, 1972

RAPOSO, Isabel, “Apropriação dos modelos urbanos pelos grupos sociais rurais: a transformação da habitação em Alte”, *Revista Sociedade e Território* nº 25/26 [Mudanças Sociais e Formas de Habitar], 1998, Porto: Afrontamento

SOBRAL, Cláudia, “A Cova do Vapor não é um bairro de lata, é “um tesouro fantástico””, Público: 24/07/2011

TÁVORA, Fernando, “O problema da casa portuguesa”, *Cadernos de Arquitectura*, 1, 1947, Lisboa: Manuel João Leal

Internet:

Alejandro Aravena, sobre Elemental, *in* <<http://alejandroaravena.com/obras/vivienda-housing/elemental/>> [consultado em 07/10/2014]

Casa do Vapor, <<http://www.casadovapor.org/pt/>> [consultado em 18/08/2015]

Elemental, *in* <<http://www.elementalchile.cl/>> [consultado em 07/10/2014]

Mónica Loureiro, *Arquitectura Popular Urbana*, Porto: *Punkto* [2014] *in* <<http://www.revistapunkto.com/2014/03/arquitectura-popular-urbana-monica.html>> [consultado em 20/02/2015]

Palais Ideal de Ferdinand Cheval, <<http://www.facteurcheval.com/histoire/palais-ideal-facteur-cheval.html>> [consultado em 14/06/2015]

Roger Scruton, “The high cost of ignoring beauty”, 2009, *in* <<https://www.aei.org/publication/the-high-cost-of-ignoring-beauty/>> [consultado em 26/06/2015]

GEAM e Yona Friedman, <www.spatialagency.net/dabatase/groupe.detudes.darchitecture> [consultado em 1/09/2015]

Vídeo:

Alain de Botton, *Status Anxiety*: Documentário para TV, 2004, Reino Unido, Realizado por: Neil Crombie, <<https://www.youtube.com/watch?v=t1MqJPHxy6g>> [consultado em 10/08/2015]

Manuel Graça Dias, “Arquitecturas sem Arquitectos”, 1º e 2º partes, *Ver Artes n.º21: Arquitectura*, 1994, Lisboa: RTP2

Manuel Graça Dias, “Cova do Vapor”, *Ver Artes n.º30: Arquitectura e Decoração*, 1996, Lisboa: RTP2

Índice das imagens

1. Desenho de criança. [Francisco, 7 anos]
1. RUDOLFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects*, 1965, New York: The Museum of Modern Art, figura 140.
3. Desenho de criança. [Inês, 5 anos]
4. <http://www.aldeiasportugal.pt/media/images/news/vista_geral.jpg> [26/09/2015]
5. VILLANOVA, Roselyne, LEITE, Carolina e RAPOSO, Isabel, *Maisons de rêve au Portugal*, 1994, Paris: Éditions Créaphis, p. 106.
6. *idem*, p. 81
7. <<https://purposeprocess.wordpress.com/september-23rd-pessac-and-the-beach/>> [consultado em 25/09/2015]
8. ARAVENA, Alejandro, *Progettare e costruire*, 2007, Milão: Electa, p. 105.
9. MOORE, Charles; Allen, Gerald; Lyndon, Donlyn; *The place of houses*, 1974, versão traduzida para espanhol com o título *La casa: forma y diseño*, 1999, Barcelona: Gustavo Gili, p. 135
10. RUDOLFSKY, Bernard, *Architecture Without Architects*, 1965, New York: The Museum of Modern Art, figura 39.
11. TURNER, John FC e R. Fichter, *Freedom to build: Dweller Control of the Housing Process*, 1972, New York: The Macmillan Company, p. 292
- 12 e 13. <<http://www.facteurcheval.com>> [consultado em 01/09/2015]
14. HABRAKEN, N. J. *et al. Variations: The Systematic Design of Supports*, versão traduzida para espanhol por Indaleci Miras Pardo, 1974, Barcelona: Gustavo Gili, p. 45
- 15 e 16. <<http://www.elementalchile.cl/proyecto/constitucion-2/>> [consultado em 01/09/2015]

17. LEITE, Vítório, *Arquitectura da participação : o debate sobre o habitat participado entre o primeiro e o terceiro mundo, 1960-2010*, 2010, Porto: FAUP [Prova Final – Edição policopiada, Prof. responsável Nuno Grande], p.58
18. LESBEQUE, Sabine, *Yona Friedman : Structures serving the unpredictable*, 1999, Rotterdam : NAI Publishers, p.76
19. fotografias da autora.
20. <http://www.carlosguido.com/Aereas/images/100_0642.jpg> [consultado em 17/08/2015]
21. DIAS, Marina Tavares, *Lisboa Desaparecida* vol.6, 1998, Coimbra: G.C.-Gráfica de Coimbra, p.219
22. imagem cedida por Eduardo Gomes, <<http://www.memoriascoletivas.pt/galeria?proprietario=Eduardo+Gomes&decada=&tag=>> [consultado em 30/08/2015]
23. jornal digitalizado por José Gonzalez, <<http://www.memoriascoletivas.pt/galeria?proprietario=&decada=1940&tag=>> [consultado em 30/08/2015]
24. DIAS, Marina Tavares, 1998, *op cit*, p.216
25. imagem cedida por Eduardo Gomes, <<http://www.memoriascoletivas.pt/galeria?proprietario=Eduardo+Gomes&decada=&tag=>> [consultado em 30/08/2015]
26. MATEUS, Bruno, Como se organiza um bairro – um estudo de caso sobre a Cova do Vapor (Trafaria), p. 49
27. DIAS, Marina Tavares, 1998, *op cit*, p.216
28. *idem*, p.219
29. fotografia de Beatriz Ferreira, cedida por Ana Jordão, <<http://www.memoriascoletivas.pt/galeria?proprietario=Beatriz>>

Ferreira+%28Ana+Jord%C3%A3o%29&decada=&tag=)> [consultado em 30/08/2015]

30. <<https://www.youtube.com/watch?v=dfju36GnwXc>> [consultado em 01/09/2015]

31. TISA, <<https://www.facebook.com/210157099007196/photos/pb.210157099007196.-2207520000.1441589243./683049745051260/?type=3&theater>> [consultado em 25/04/2015]

32. <<http://www.casadovapor.org/pt/fotos/> [consultado em 01/09/2015]>

33 - 72. fotografias da autora.

Anexos

1. Citações originais

³ *Domestic space, however, consists not only of tangible matters, but also of the emotions and sensual experiences that determine its unique atmosphere: a space in which memories and projection find a place, where light charms the mood and manipulates the eye, where odors and sounds stimulate nose and ears, and where the flickering fireside offers an exhaustible spectacle.*

¹³ [...] y nos veremos en la necesidad de aportar a nuestra casa elementos personales de exhibición. El entorno visible y comunicativo que una casa establece para nuestra vida [...].

¹⁷ *La arquitectura doméstica ha sido siempre un desfile de fantasías, unas sobrias e económicas, otras recargadas.*

²⁴ [...] les grands déprédateurs du patrimoine paysager et architectural du pays.

²⁵ *Le Portugal a connu différents mouvements de constructeurs «nouveaux-arrivants»: au XIXe siècle et au début du XXe siècle, les Brésiliens, aujourd'hui les «Français»*

⁴¹ *Las formas que una casa puede adoptar han sufrido sempre três tipos de limitaciones. Las primeras son las posibilidades económicas de la persona. Las segundas, los materiales y técnicas disponibles. Y las terceras, la gama de cosas a que una casa puede parecerse, es decir, el numero de imágenes conocidas y que la sociedad estimula a emular.*

⁴³ [...] la gente que hacía sus casas a la manera de precedentes históricos las construía así porque esos precedentes tenían para ella un significado. Sin embargo lo que necesitaban era una casa, no un templo griego o una logia medieval, y por eso destruían la escala y cambiaban las funciones de sus antiguos modelos, alzándose con algo que, sin duda alguna, era suyo. En cuanto identificaban sus sueños [...]

⁴⁵ [...] el buen gusto pretende intimidarnos con reglas y limitaciones que asfixian las elecciones personales.

⁴⁶ *By the late '50s it had become clear that a gap existed between new International Style buildings, which undeniably satisfied the aesthetic standards of a dominant repertoire of forms, and the ideas, desires, and needs of their occupants, with whom these buildings had no connection whatsoever. An elite of architects was at loggerheads with the public at large.*

⁶³ [...] los sueños cuidadosamente contruidos que le Corbusier había forjado no fueron ni reconocidos ni aceptados por los que después vivieron allí.

⁶⁴ A lo largo de los años han ido transformando la abstracta imagineía de Pessac en un idioma vernáculo mucho más doméstico y familiar. [...] pero para la mayoría simplemente no satisfacía sus expectativas sobre lo que debía ser una casa.[...]

⁶⁵ Vous savez, c'est toujours la vie qui a raison, l'architecte qui a tort

⁷³ There's much to learn from architecture before it became na expert's art.

⁷⁷ travail d'un seul homme

⁸⁰ People do not only need to obtain things. I think they need above all the freedom to make things - things among which they can live. To give shape to them, according to their own feelings, their own tastes, their own imagination.

⁸⁵ [...] los esfuerzos continuos de los residentes por reclamar un mundo propio con una terminología propia [...]

⁸⁶ [...] fue precisamente el carácter generalizado del diseño inicial lo que hizo posible que los habitantes de esas casas iniciasen un intercambio continuo con los edificios, transformándolos para adecuarlos a sus concepciones y deseos [...]

⁸⁷ Más indeseables son esas viviendas cuya imagineria está tan controlada que no hay posibilidad de que sus moradores introduzcan cambios [...]. Tales casas son un fracaso. Y lo mismo cabe decir de las que no ofrecen sugerencias a nuestros sueños.

⁹² [...] construir es primeiro que nada y por encima de todo servir.

⁹³ Pero creo verdadeiramente que deberíamos reconsiderar de una forma nueva e abierta el verdadeiro valor de cuanto hacemos y, naturalmente, nuestros valores personales, que como es de soponer se reflejan en nuestra actividade.

¹⁴⁴ Even mail boxes can be charming.

¹⁵² Je recherche avec une véritable avidité ces maisons qui sont des maisons d'hommes et non pas des maisons d'architectes.

2. Transcrição de excertos das entrevistas mais relevantes

realizadas aos moradores da Cova do Vapor,
entre Dezembro de 2014 e Junho de 2015.

Entrevista a Eduardo Ferreira, proprietário da padaria “Panicova” |
22/12/2014

Eduardo Ferreira - As primeiras habitações quando começaram a ser construídas foram nos anos vinte. Na altura chamavam a esta pequena localidade, Lisboa-Praia.

Havia habitações, umas de residência própria, outras de veraneio. Portanto, pessoas que vinham oriundas de Lisboa, em grande quantidade, e que passavam aqui as suas férias. Aqui, na Lisboa-Praia.

Entretanto, o mar vem avançando e houve uma pessoa, o meu pai, que decidiu construir dois “*arreons*” em madeira, e que eram puxados com seis juntas de bois. E então, com todo um conjunto de pessoas a trabalhar também, que ele sozinho não conseguiria fazer esse tipo de trabalho. As habitações, quando havia aquelas avalanches de mar, foram destruídas pelo mar. E posteriormente, foram construídas aqui, mediante os projectos que havia, porque todas as habitações existentes nessa altura, e posterior a essa data, nos anos 50, nos anos 60, foram todas construções em que havia projectos. As que se conseguiu trazer para aqui, foram implementadas aqui, foram reconstruídas e ficou bonito; as que o mar destruiu, acabaram os próprios donos por as construírem aqui da mesma forma que elas estavam construídas lá. Portanto, a autorização, o licenciamento foi pedido da mesma forma.

Antes do vinte e cinco de Abril, não havia espécie alguma de habitação aqui, que não estivesse legalizada. Todas as habitações que aqui existiam, eu falo aqui mas digo na Lisboa-praia... há aí uma grande parte delas, e eu posso identificar, que elas distinguem-se entre o que é pós o 25 de Abril e as que existiam anteriormente, e que foram trasladadas para aqui. Elas reconhecem-se perfeitamente bem.

O que quero dizer com isso é que naquela altura, o mar vem avançando, vem avançando, e era de todo impossível, porque as parcelas onde esta pequena aldeia está implementada, portanto construída, eram várias parcelas de terreno, mas uma delas, onde isto está, esta pequena aldeia, pertencia na altura aos primeiros donos das fábricas de explosivos. E esse dono era o Dr. Roger, que era francês. Pois os primeiros donos desta fábrica eram franceses. E esse senhor, o Dr Roger cedeu todo este espaço, para que fosse implementada a construção destas habitações. Algumas que vinham a ser reconstruídas de novo, mediante o projecto existente anteriormente. E foi construído um bairro de pescadores, que existe aqui atrás, umas casinhas feitas todas por igual. Foi naquela altura o Tenreiro, o patrão nacional do bacalhau, que mandou construir estas habitações para os pescadores, porque sempre existiu aqui classe piscatória.

O que quero dizer com isso é que isto veio evoluindo, e após o 25 de Abril, por exemplo, o casal teve dois filhos e esses filhos acabaram por não sair, tiveram que ir arranjando condições para poderem aqui habitar, porque nós não

tínhamos água, não tínhamos luz, não havia absolutamente nada. Depois foi-se começando a criar infra-estruturas, pronto, ao longo destes anos, após o 25 de Abril, que temos luz própria, temos água própria, temos tv cabo, temos.... Isso após o 25 de Abril tem-se vindo a fazer gradualmente, não foi logo assim tudo e tudo o que existe feito tem sido pelos próprios moradores, portanto o estado não comparticipa com nada.

A luz calhou 11 contos na altura a cada morador, conseguimos por cá luz... a água foi anteriormente, também calhou, na altura, acho que 25 contos, a água foi mais complicado, pronto... Agora a pavimentação das ruas também fez agora três anos que conseguimos fazer aí a pavimentação, e tudo isto tem vindo a evoluir, pronto, não muito rápido, mas tem-se vindo a evoluir de há uns anos largos para cá.

Com tudo isso, em termos de legalização, já se tem estado a fazer uma grande parte de legalização, porque isto eram terrenos particulares, e como tal, uns por usucapião, porque não houve contestação por parte dos proprietários, que isto já passou uma quantidade deles, já foi vendido, depois isto foi entregue à fazenda pública, a fazenda publica pôs isto à venda houve uma sociedade, que é a urbisol que comprou isto, pronto isto tem-se vindo a desenvolver aqui vários parâmetros que, as legalizações, toda a gente achava que isto aqui era muito complicado que era impossível de todo conseguir legalizar, mas é viável e consegue-se. Por quê? Porque os terrenos eram todos terrenos particulares, e o proprietário quando cedeu isto, o primeiro dono, as pessoas fizeram esse primeiro avanço. Posterior a isso e logo a seguir ao 25 de Abril, os proprietários nunca contestaram qualquer tipo de construção aqui. Temos aí grandes edificações já todas em alvenaria. O que eu quero dizer com isso é que nunca houve uma contestação do proprietário de dizer assim: olha vou meter em tribunal uma acção, eu quero expropriar estas pessoas daqui. Não podem estar aqui. Estes terrenos são meus... Nunca houve isso, e como tal, as pessoas. por um lado podem fazer as escrituras de usucapião, são direitos adquiridos. Agora é menos tempo, agora pela lei, que saiu um decreto novo, é 15 anos que tem de estar a casa em nome da própria pessoa. Antigamente era 25 anos... a habitação tinha que ter 25 anos em nome daquela pessoa própria, não podia haver terceiros. Agora já não funciona assim. Agora já se faz tudo, já há mais abertura na questão de legalizar. Os impostos todos nós pagamos aqui. Toda a gente sabe em toda a parte do nosso país, que calculo que funcione e vá funcionando... Infelizmente nós não. Uma coisa é dizer que é clandestina e não é clandestina, eles consideram isto de génese ilegal, não é clandestino. Porquê? Porque considerando isto de génese ilegal eles podem requerer os impostos. Portanto, todos os impostos que nós pagamos, reverte a favor da autarquia, como o IMI, por exemplo... Todas as habitações aqui pagam IMI. Todos nós pagamos. [...]

O município não comparticipa porque tem duas versões: uma porque é de génese ilegal e outra porque nunca existiu um plano urbano para que todas

as infra estruturas fossem feitas. Isto se calhar, por um lado, nós até vamos sair beneficiados da situação. Porque se nós tivéssemos que pagar por cada habitação, as infra-estruturas, isto era capaz de chegar a uns valores de vários milhares de euros. Em contrapartida, portanto, toda a arquitectura que aqui existe é nossa, é de cada um. Logo aí quer dizer alguma coisa. E depois, a comparticipação da autarquia, não comparticipa por quê? Porque como existe duas formas, dois pesos e duas medidas, o que é que vai acontecer? A autarquia, se comparticipa, automaticamente há logo exigências da nossa parte, e assim é a forma de eles conseguirem escapar-se a isto. O porquê disto ir para a frente mais ano ou menos ano, o urbanismo, é isto, se for à Câmara, ao departamento urbano, e se pedir uma planta de localização de qualquer habitação que aqui existe, eles dão-lhe o corte da habitação. Todas elas têm número. O que é que eu quero dizer com isso é que a gente paga saneamento, a gente paga o IMI, a gente paga os impostos todos, de drenagem, de recolha de lixo, a gente paga os impostos todos. Mais tarde ou mais cedo, se houver uma exposição feita à autarquia, eles são obrigados a arranjar estruturas, uma estação de tratamentos, porque nós temos fossas aqui, a recolha é feita pelos serviços da câmara, vêm os carros deles fazer a recolha. [...]

Isto é uma forma de a gente ver as coisas de forma mais simplificada, e se calhar na parte da autarquia, é capaz de haver um bocadinho de vontade em querer ajudar. Por outro lado, não pode porque isto está nestes parâmetros assim. Portanto, existe um grande projecto elaborado, urbano... O facto é que nós vamos às finanças e cada habitação que aqui está vem lá discriminada: Aceitação, habitação, prédio urbano composto por tantas divisões, cozinha, casa de banho... portanto, a gente joga aqui com várias situações, está a ver? Temos mais peso do nosso lado, a gente também reconhece isso, temos muito peso, mas há ali uma percentagenzinha que acaba por nos fugir, há o aval da câmara. Isso é que a gente não tem. Por exemplo, nós ainda há pouco tempo tivemos uma reunião com o director do urbanismo e com a vereadora, dona Glória Pardal, porque sim eles vêm aqui muita vez, a nosso convite e a nosso pedido vêm cá mesmo muitas vezes à vila. A gente pede licenças para tudo, e eles têm respostas assim: “a gente não vos diz, nem sim nem não.” Há aqui duas situações, mas qualquer tipo de situação que surja, consegue-se resolver, a câmara resolve, portanto não temos absolutamente problemas nenhuns seja como seja. E isto tem-se desenvolvido. Há aí habitações que as pessoas ao longo dos anos vão melhorando... Por exemplo, as de madeira, deixam de ser madeira e fazem construção em alvenaria, e as coisas têm-se desenvolvido mesmo a grande escala. Agora vamos ver o que é que isto dá, mais tarde ou mais cedo vão ter que resolver isto. Vão ter que arranjar uma solução para estas pessoas, que ontem arranjavam e os homens de cidade, das partes velhas da cidade [viram as suas situações legalizadas], há partes velhas que acabam por resolver, têm que resolver. [referindo-se aos processos de legalização e reabilitação de centros históricos e de bairros de génese ilegal] Vão meter as

peessoas onde? Não é? Há ali vidas, não é? Como aqui! Mora aqui muita gente. Eu nasci aqui. Essa rapariga que passou aqui há pouco, nasceu cá também, e os irmãos nasceram cá. É assim, é muito difícil nós, com 50 anos, 60 e dizerem-nos: “você agora vai ter de deixar de viver aqui e vai viver para a cidade de Almada”. Imagine o que é uma pessoa habituada a viver num sítio destes, ir viver por exemplo num prédio! E eles têm exemplos desses bairros sociais, eles têm exemplos. Põem as pessoas em blocos e aquilo acaba por ser um vandalismo autêntico, ninguém respeita ninguém. Enquanto aqui eu tenho a minha casa, o vizinho tem a dele, e há aqui um respeito mútuo, acaba por existir um respeito. Nesses sítios não há respeito por ninguém, é lógico que não, o vizinho do rés-do-chão, e o do terceiro andar, por exemplo, entra ali, suja os degraus da escada e o do rés-do-chão diz assim “mas afinal eu ando aqui a limpar tudo e vocês...”[...]

Isto não vai acabar, e as garantias, nós temos falado muito com a Câmara, e a Câmara diz que a Cova do Vapor aqui não é para acabar, porque isto tem um historial muito longo, não é? Isto aqui já é praticamente conhecido mundialmente, os trabalhos que têm aqui feito, e ainda há coisa de quatro ou cinco anos, vai fazer agora cinco anos, houve aqui um levantamento de tudo o que existe, por vários estudantes arquitectos, de vários países, de cá e de fora. Estiveram cá, acho que, uns seis meses. Andaram aqui e fizeram um trabalho espectacular, eu nunca tinha visto uma coisa assim. A gente diz assim, “é possível legalizar”, porque a gente vê casos fora, eles legalizaram um bairrinho no Brasil, e eles conseguiram legalizar ... Isto é muito fácil. Agora a gente reconhece que custa a parte de arquitectura da Câmara, é lógico que a Câmara é muito contrária a este tipo de construção... Tem que se ajustar aqui coisas, umas menos boas, e a Câmara tem de dar abertura no sentido de tentar resolver as coisas aqui...[...]

Nos anos 50 havia a travessia dos barcos, que era uma parceria de três barcos que era o Vapor, o Flecha e o Zagaia, que fazia a travessia do cais do Sodré para a Lisboa-Praia e Cova do Vapor. Há um livro, há muita fotografia tirada e as pessoas também têm que respeitar um pouco isso. Uma coisa é dizer assim, “pegaram numa tenda, chegaram ali e montaram a tenda e não deram galho a ninguém”, uma coisa é uma coisa que já vem de trás e foi licenciada, porque até inclusive, quem fazia estes projectos era a direcção geral de depósitos e os serviços fluviais. A pessoa, se quisesse, não podia por exemplo arranjar um arquitecto fora, um projectista, e dizer assim: “eu quero que você me faça isto”. Eram os próprios serviços dos ministérios, os arquitectos de lá, que faziam todo esse projecto, todos esses desenhos eram elaborados por eles, por isso eu digo... [...]

Isto aqui é uma foz não é? Portanto temos aqui o Tejo, e aqui a sul o mar, não é? o que é que eu quero dizer com isso? Temos aqui uma margem de 150 metros que agora é da APA, que antes era o INA, o Instituto Nacional das Águas, e temos aqui a zona ribeirinha que é dali para cá, toda a zona ribeirinha

é administração da Porto-Lisboa. Não quero dizer com isto que eles sejam donos, eles não são donos, eles são juristas. Portanto é uma parte de jurisdição deles. Todo e qualquer tipo de construção que se possa construir dentro dos 50 metros da água, tem de se dar parecer a eles a pedir reconhecimento daquilo que se vai fazer, é uma entidade, são juristas pronto... não são os donos. Mas tem havido muita abertura nesse sentido de eles também nos ajudarem, inclusive acabaram agora aí uma obra, meteram aí umas máquinas a fazer um grande trabalho, uma casa, uma coisa de um grande trabalho... e eles, em qualquer coisa que seja preciso exigir, eles vêm. O que é que eu quero dizer com isto? Que se eles tivessem intenções de deixar o mar acabar com isto, nem sequer assinavam. Não se preocupavam, não é? O mar agora mais tarde ou mais cedo vem por aqui adiante, acaba por mandar o pessoal todo dali embora e pronto, não há aqui nenhuma guerra.

J.R. – disse me que as casas foram sendo recuadas desde a Lisboa-praia até aqui)

E.F. – 600 m

J.R. – e depois para estabilizar o sítio foi através da construção dos molhes?

E.F. – Depois quando já não havia mais habitações lá, foi demarcada esta área e então fizeram toda esta protecção de pedra, foi na altura que construíram estes molhes, ao longo da costa da Caparica, pronto... foi nos anos 50, 60 que construíram esta defesa. Senão isto estava encostado à falésia. Foi nesse sentido que começou a haver logo defesa sobre os terrenos, senão isto acabava tudo, o mar tinha avançado. Mas não, eles limitaram logo, houve até exigência do próprio governo... Eles vieram para o terreno e disseram: “então vamos limitar”, e pronto, a partir daí... A construção aqui também não foi feita em cima das praias, como em muitas zonas. Por exemplo agora no Algarve lá para baixo, demoliram uma quantidade de habitações porque foram construídas em cima de zonas do mar, em cima da linha da praia, e isso não...

O mar estava a 700 metros de onde ele está agora, e havia portanto uma grande extensão de areia. Pronto, aí é que ficou delimitado, e acabou por nunca mais haver problemas. [...] As grandes intempéries não nos têm fustigado muito, têm-nos passado praticamente ao lado.

J.R. – Mais ou menos quantas pessoas vivem aqui permanentemente?

E. F. – Actualmente somos 1286 residentes. E quer dizer que, por exemplo as pessoas têm as suas habitações, que muitas delas já eram dos avós e dos pais, e pronto, vêm e frequentam aos fins-de-semana, frequentam as suas férias... Quando tem as suas férias, vêm passar as suas férias... E depois quando chegam a uma certa idade, que são reformados, o que é que fazem? Deixam as casas que têm fora, aos filhos ou netos ou coisa do género, e passam a radicar-se

aqui, é assim que as pessoas, efectivamente têm feito. Muitas delas, com esta situação que a gente tem estado a decorrer, tem vindo muita gente, também jovens, e já com uma certa idade também... na idade dos 40, 50 anos... que tiveram de abandonar as suas casas, os apartamentos que compraram, e então, como tinham aqui as casa dos avós ou dos pais, de veraneio, modificam-nas, arranjam-nas com as condições devidas para residir e vêm para cá morar, com estas condições assim. Pessoas que vêm do outro lado e são obrigadas a abandonar a suas casas lá e vêm para aqui. Pagam, sim. Paga-se aqueles impostos mas é diferente de estar a pagar uma renda, uma mensalidade ou uma caução...e têm transporte próprio... porque é assim, o grande problema aqui, embora tenhamos estes transportes, que também foram pedidos por nós, mas temos imensa dificuldade de satisfazer o que as pessoas necessitam, porque há delas que trabalham, por exemplo, em Lisboa e pegam, por exemplo, às nove horas. O primeiro autocarro a sair daqui não é compatível com os horários depois dos transportes, e por isso as pessoas têm que ter carro. Têm porque, por exemplo, vão daqui, deixam o carro na Trafaria, vão no ferry para Belém, chegam a Belém e têm transportes para todo o lado, na cidade. E por exemplo ir até Cacilhas, e já não têm que atravessar a ponte e esperar uma hora até entrar na cidade. Quando no regresso chegam à estação, vêm na mesma nos transportes, mas têm lá o transporte próprio deles. A gente acaba realmente por só sentir as dificuldades que existem neste aspecto assim. A gente agora, vou de barco, como tenho de fazer? Vou a camioneta, não há, tenho de ir a pé, pronto e já se consegue aperceber quais as dificuldades que existem. Por acaso arranjámos, há um de manhã, há ao meio dia e à tarde, mas é uma coisa muito mínima, porque há horários que não são compatíveis, pronto é o que eu lhe estou a dizer... há pessoas que tem horários a cumprir, para estarem lá as nove horas têm de sair daqui as seis e meia sete horas, e a essa hora não há autocarro. A gente tem andado a lutar para que se consiga, até porque os autocarros que vêm aqui são daqueles mais pequeninos, autocarros de cidade, daqueles que andam nas cidades velhas, são autocarros pequeninos, porque também não era preciso aqui um autocarro muito grande, não justifica.

J.R. - Então ainda há imensas pessoas que vivem aqui todos os dias e que vão trabalhar a Lisboa?

E.F. - Muita gente, mesmo muita gente.... Pronto, moram aqui, é casa única, pessoas que têm os seus empregos fora, em Almada, Lisboa...na Trafaria, na Costa, e depois... [...]

J.R. - Mas por exemplo no seu caso, tem o seu trabalho aqui...

E.F. - Tenho a minha filha, a minha nora e o meu filho, o único que não trabalha connosco é o meu genro, que é aquele rapaz que saiu, que é polícia em Cascais.

J.R. - Eles também vivem aqui?)

E.F. – Sim, sim, cada qual tem a sua casa. Cada um deles tem a sua habitação.

J.R. – Que já foi construída depois...

E.F. – É o que eu estou a dizer... eu já fiz com a casa dos meus pais, entretanto como eu tive eles os dois, que eu era filho único... Tive eles os dois, tenho a minha filha e o meu filho... A filha quando casou tive de arranjar a vida só para ela porque ela quis ficar, e o filho precisamente a mesma coisa. E aqui, tem que se criar sempre condições para eles viverem, porque também não podemos viver todos juntos, não é?

J.R. E há ainda muitas crianças a viver aqui?

E.F. Olhe este ano para as prendas da festa de Natal tiveram 60 inscrições, até aos 10 anos. E ainda há uma classe grande de crianças a partir dos 10... ainda existe uma grande percentagem de crianças aí... há aí muitas, muitas crianças... A gente só se apercebe quando elas estão todas juntas, por exemplo na altura do Verão, que se juntam todos, aí consegue-se saber precisamente as crianças que existem.

J.R. – E para eles para irem à escola, vão de transportes para outros sítios?

E.F. – É no autocarro, na Trafaria ou na Costa, e no Monte, já vão para o Monte também... Há aqui a estudar já na escola do Monte.

J.R. – E tem ideia de quantas casas existem agora na aldeia?

E.F. – As casas são 686 habitações, nós temos um levantamento na associação. Porque repare, por exemplo, a gente faz ali num espaço de 5 em 5 anos, durante 5 anos há sempre uma ou outra pessoa que constrói outra habitação na mesma, dentro do mesmo perímetro de área, por exemplo, a construção tem R/C e primeiro andar, mas é toda só uma, mas de repente o filho casou, então o que é que se faz, divide-se e então, ou fica em cima ou fica em baixo, e automaticamente passa logo a ser duas habitações, usam o mesmo número, mas são duas fracções, e há logo diferença...

J.R. E nota-se que aos fins de semana há por aí muito mais gente?

E.F. - É assim, haver mais gente há, mas o objectivo que quer, que é saber o histórico, que portanto é isso que interessa para o seu trabalho, eu acho que é importante à semana, porque repare, vai falar com pessoas que vivem mesmo cá, não é? Lógico que se for apanhar uma pessoa aí que venha de longe, é capaz de também lhe explicar alguma coisa, mas não é tão preciso, não é uma coisa tão ao pormenor, é uma coisa mais aberta, ou que lhe contaram, ou, se comprou a casa, que a pessoa que lhe vendeu lhe transmitiu alguma coisa... Ou os pais, como por exemplo no meu caso, o meu pai naquela altura disse-

me, por exemplo, que houve uma grande percentagem de habitações que foram para a Costa da Caparica, para a Praia da Saúde, daqui. Não havia estes molhes de pedra, era tudo areia, então eles em dois dias, punham duas habitações lá, cada dois dias punham duas habitações lá, na Costa.

J.R. – E eram todas as habitações em madeira...?

E.F. – Tudo em madeira, não havia nada de construção em alvenaria, tudo em madeira sim...eu posso-lhe mostrar aí umas quantas que ainda há aí, elas reconheciam-se pelo corte dos telhados, uma grande percentagem mesmo, já não me lembro que percentagem delas...

Depois isto também teve uma altura que teve muito poder e teve muita força porque morava cá, agora moram cá duas sobrinhas, uma senhora que era a Beatriz Ferreira, uma grande repórter do jornal antigo “O Século”. Ela e o primeiro marido eram repórteres do jornal e ela fazia toda a cobertura do governo, e havia ali uma grande... aquilo era ali uma coisa muito... então ela tinha tudo o que queria, aquilo era impressionante, ainda hoje funciona assim, naquilo então faça uma pequenina ideia, não é? Ela, a dona Beatriz Ferreira, era uma senhora muito muito famosa, ela tinha um histórico muito grande, uma coisa impressionante, e ofereceu todo esse trabalho à Câmara Municipal de Lisboa. Mas uma coisa, que era digna de se ver... Nós tivemos pena de não ter ficado com ela, porque ela adorava isto. Era uma senhora que adorava isto, por exemplo, imagine de noite, começava a intempérie e o mar a entrar por aí adentro e o meu pai ligava-lhe, que eles também tinham uma boa relação, e ela era uma mulher mas era uma mulher de armas, ela era impressionante [...] Eu lembro-me, ainda era eu miúdo e tenho ainda algumas recordações dela, ela parar, uma das casas a andar de cima da água, do mar, das ondas.. e ela a tentar com a objectiva apanhar, bem, era impressionante...fosse a que hora fosse, de noite, de dia, fosse a que hora fosse... E ela tinha muito peso, porque quando havia qualquer coisa para exigir, o governo fazia logo, bastava ela falar. Havia aqui personagens, também havia aqui uns quantos do exército, pessoas de poder, de poder, na altura... Enquanto isso, muita coisa se fazia, às vezes conseguia-se fazer muita coisa também à custa de um bocadinho disso [...] Bastava dizer que sim, que tinha que ser mesmo. As coisas agora já funcionam de outra maneira, embora funcione também uma percentagem também, a gente sabe como é isto... o compadrio ainda continua a funcionar, e daqui e ali, continua sempre a....

J.R. – E o senhor Eduardo também ainda trabalha aqui na padaria?

E.F. – Eu é que faço a pastelaria com a minha filha...é um negócio familiar, isto é feito por nós... durante a semana, pronto, durante a semana é a associação, é...tratar de assuntos, tratar da vida, da padaria, por acaso hoje não há... foi logo de manha cedo quando acabei o trabalho eram oito e meia, depois acabo

por estar por aqui, não é...há sempre, às vezes vem uma pessoa ou outra, que precisa disto, ou precisa daquilo, ou de falar, como é o caso, não é? Por isso, como eu lhe disse, é mais fácil durante a semana do que o fim-de-semana, para mim. Ao fim-de-semana estou sempre ocupado, ali por exemplo trabalho o dia todo [...]

J.R. – E a associação de moradores, como é que aquilo funciona?

E.F. – A associação funciona com pessoas que moram cá, cada um de nós com o seu trabalho, como é evidente...temos três raparigas, que nos fazem a parte de escritório toda, a parte de escrita, são elas que fazem. [...] é tudo voluntariado, é como eu costumo dizer, é com amor à camisola. Somos 13 elementos, é o Presidente, é o Vice-presidente, é o Tesoureiro que sou eu que faço... o Presidente é o senhor ali da mercearia, o senhor José Carlos Coelho, a Vice-presidente que se chama Sónia, a secretária, a secretária do Presidente da Mesa da Assembleia, que é a Bela, a outra é a secretária do Presidente que é a Alicinha, [...] acaba por ser cada qual com o seu poleiro. Felizmente, temos feito um bom trabalho, eu acho que isto é assim...a experiência que tenho, e é o que nós temos feito de há uns anos para cá, e que temos muita credibilidade perante os sócios; [...] é o trabalho que se tem feito. A credibilidade vem das pessoas saberem quem está à frente das coisas... são pessoas que têm responsabilidade, [...] é a transparência, e depois é o trabalho, [...], é a gente que consegue fazer... e as pessoas vêem que realmente... nós agora temos ali uma obra que está quase concluída, a casa de convívio e uma esplanada que a gente... temos conseguido vencer, não é? Vamos vencer, a gente consegue... As pessoas quando vêm e vêem as coisas, “realmente este pessoal trabalha, merece que a gente também os consiga ajudar neste sentido”, e ajudam... há pessoas que não só pagam as cotas, mas também dão partes contributivas, ajudam... é canalizado para o bem-estar de todos, não é para o bem de cada um, como a gente vê tantos casos por aí, que aproveitam...infelizmente é pena porque às vezes por uns pagam os outros. Não é o caso aqui, felizmente não é o nosso caso, nós aqui temos levado as coisas a bom porto, em cinco meses conseguimos arranjar dinheiro para pagar isto, esta obra, que foi 35 mil euros. Em cinco meses arranjámos o dinheiro, as pessoas disponibilizaram: uns 50, outros 200, outros 20, outros 100, e em cinco meses arranjámos o dinheiro para pagar.[...] porque é assim, uma pessoa ao dar dinheiro é uma ajuda, estamos a fazer isto e tal, mas é uma ajuda, e as pessoas dizem assim, “mas espera lá, vocês não têm feito nada há tantos anos e agora, se eu vou dar é porque este dinheiro vai para onde foi o outro” [...]

[Sobre Beatriz Ferreira e a sua importância no lugar, caminhando pela aldeia...]

Ela fez ali em cima o restaurante “Bugio à vista”, ainda hoje é o nome da casa. O proprietário agora da casa, é o mesmo dono daquela casinha azul clarinha, da ponta que a gente viu, que estava lá uma senhora dentro do quintal, o proprietário é o mesmo, são franceses, compraram aquela e agora compraram

esse Bugio. O restaurante deixou de ser restaurante, vão ali fazer qualquer coisa, e o restaurante é o Bugio à vista, era o nome que tinha tido, porque estava em frente ao Bugio e a casa, é a “Tudo ou Nada”, porque quando lá o mar avançou ela quis trazer as duas coisas... trouxe o restaurante, na altura o meu pai conseguiu escapar o restaurante, mas a habitação não conseguiu escapar, esta já foi outra, feita aqui, então o que é que aconteceu? Quando ela fez o pedido à direcção geral de portos para construir, a direcção geral de portos, como ela já tinha o restaurante, disse-lhe que não queria deixá-la fazer uma habitação tão grande, queriam só deixar-lhe fazer uma divisãozinha pequenina, e então ela respondeu: “ou tudo ou nada”, e conseguiu fazer J.R. – e a casa agora pertence a...

E.F. – às sobrinhas, são duas sobrinhas, era ela e a irmã e essas pessoas já desapareceram então ficou com as sobrinhas, é que ficaram com ela. [...] Eu tenho ali uma fotografia deste restaurante que já lhe vou mostrar

JR – esse é que era o...

EF – Búgio à Vista, e a vivenda Tudo ou Nada, que foi a resposta dela lá nos serviços: ou tudo, ou nada, ou a deixavam fazer esta, que é a habitação que ela tinha lá, portanto esta aqui toda, e como quando veio o mar aquilo partiu tudo, então ela disse: não, ou me deixam fazer finalmente o que eu lá tinha, ou então não faço nada, e então ela pôs Vivenda Tudo ou Nada. Agora vou lhe só mostrar uma fotografia deste restaurante dentro de água, só para ficar com a noção de como eram as coisas naquela altura, o dono não a tem... [...]

Entrevista Carla Nunes, nora do antigo proprietário | casa nº196 | 07/03/2015

Joana Ribeiro – A casa já pertence à sua família...

Carla Nunes – Sim, a casa pertencia à família do meu marido. Eles já moravam aqui há quarenta anos. E, na altura foi-se fazendo pequenas obras. Ela anteriormente não era como está a ver. Era muito mais rústica. Apesar de isto não ser nada de muito elaborado, nós fizemos aqui bastantes remodelações. Era terra, era tudo terra. E o tio, tio do meu marido, deixou-nos a casa quando faleceu e nós aqui há coisa de 5 anos, é que fizemos aqui algumas remodelações, mas não quisemos tirar alguns traços que eram originais da casa. Aqui, de vez em quando, volta e meia ainda aplicamos umas conchas, quando tenho tempo, porque acho que isto é aquilo que dá o cariz à casa. Pronto, nós vimos para cá frequentemente, gostamos muito de aqui estar. A povoação é uma povoação essencialmente de pescadores, e ainda tem muito um espírito...

somos uma grande família, todos nos conhecemos aqui... e pronto ao longo destes anos todos a casa foi sofrendo grandes remodelações... primeiro foi cá em baixo, fizemos aqui, estas casas de baixo, são três casas, é quase como uma mini vivenda geminada, as casas são réplicas exactamente iguais uma da outra. E no meio ainda tem um outro espaço. As pessoas tinham a tendência de ir construindo as casas à medida das suas necessidades. Ou seja, primeiro construíram aqui este lado, depois iam construindo, e há medida que iam tendo dinheiro iam construindo casinhas, portanto isto é quase como se fosse... tem muitas divisões a casa... quartos muito pequenos, e iam construindo... depois fez-se o anexo em cima... Agora, o que há a fazer é basicamente a manutenção, e irmos melhorando gradualmente, porque não são casas de grandes luxos...

J.R. – Mas disse que a família do seu marido, que foram eles que construíram a casa

C.N. – Sim sim, foram eles que foram construindo de raiz. Isto para poder ter uma noção, na altura, em cima chegou a ter galinhas, e animais para consumo próprio. E era tudo terreno, e eles aproveitavam para ter as suas culturas, a sua horta... Pronto, e foram construindo gradualmente, nós é que, de forma recente, reestruturámos aqui um bocado.

J.R. – Mas houve logo uma vontade da parte deles.. isto é por exemplo aqui estas conchas no muro foi logo..

C.N. – sim sim, foram. Ele era muito dado a estes pequenos pormenores, mesmo no interior da casa, nós temos uma escada, e os degraus da escada estão decorados com as conchas. Ou seja... tanto que se verificar, não conhece mas o nome dele está aqui: “Domingos”. Pronto, está um pouco... não está completo ainda...é uma das coisas que nós queremos reconstruir... E a casa tinha mais conchas, só que depois com as obras, nós deixámos só as fachadas, aquelas fachadas, que se reparar ali em cima também tem conchas, ela tinha de facto outras zonas com conchas e na vila há outras casas que têm o mesmo tipo de manifestação pronto...

J.R. – ele dedicava-se à pesca?

C.N. – Não não, ele não era pescador...

J.R. – Mas estava de alguma forma ligado à construção civil? é que o facto de as pessoas serem capazes de...

C.N. – Não, eu acho que antigamente todos sabiam fazer um pouco destes ofícios... Hoje em dia, nós é que já perdemos estas competências, porque efectivamente qualquer um agarrava, fazia um bocado de cimento... ele próprio é que construiu, ia construindo, com a ajuda de amigos aqui na vila, ia construindo e iam edificando as casas... e sabiam de carpintaria, e sabiam

de...pronto...

J.R. – Eram auto-suficientes...

C.N. – sim, exactamente, eram completamente auto-suficientes, tanto que, aqui não se vê, porque nós tivemos que substituir mas as janelas eram todas em madeira, as caixilharias também... só que pronto, com o tempo perde-se, não é...

J.R. – e mesmo pelas novas exigências de conforto, não é.. as pessoas querem mais...

C.N. – isolamento, exactamente.

J.R. – Claro, isso faz algum sentido, mas é curioso que se tente manter a origem.

C.N. – Sim, tentámos, tentámos de certa forma manter alguns traços da origem, porque acho que é isso que dá valor depois também às casas. As pessoas acham piada ao arco, às conchas... e nós também gostamos.

Entrevista a Manuel Casanova | casa nº194 | 07/03/2015

Manuel Casanova – Reformou-se e depois apanhou aí as conchas, todas, andou aí, no mar... naquela altura havia aí bastantes conchas.

Joana Ribeiro – e foi ele próprio que tinha construído a casa?

M.C. – não, não, a casa era assim pó abarracada. Eu depois é que...

J.R. – ah então foi o sr que fez?

M.C. – pois pois

J.R. – E o senhor trabalhava na construção civil ou assim? Ou aprendeu isto tudo sozinho

M.C. – não não, eu trabalhei em Lisboa, na Companhia de Gás e Electricidade, está a ver? Recorda-se?

J.R. – sim sim, sei, já ouvi falar

M.C. – era uma empresa belga. Depois quando foi o 25 de Abril é que passou para EDP. Estive lá 40 anos.

J.R. – ah certo. Então aprendeu a fazer isto tudo sozinho?

M.C. – Não eu não fiz isto, isso foi os pedreiros... eu ainda estava ao serviço

e mandei fazer a casa. E pois, o senhor tinha isto assim cheio e eu não tirei.

J.R. – Claro, também é o que dá assim... a casa fica diferente das outras, não é? As pessoas gostam de ver.. de certeza que vocês também gostam...

M.C. – Pois, e ele pôs isso assim aí...

J.R. – E o senhor vive aqui com...

M.C. – ah a minha esposa está comigo. Mas eu vivia em Lisboa

J.R. – e vinha cá só de fim-de-semana se calhar?

M.C. – Não, eu depois enfiuei e depois é que vim cá. Comecei a vir para cá. Só depois é que casei novamente e vim...

J.R. – E vive aqui com a sua actual esposa?

M.C. – pois, é...

J.R. – E vivem só os dois?

M.C. – é

J.R. – está bem, mas está aqui uma bela casa.. e gosta de viver neste sítio?

M.C. – é, gosto.. é é sempre mais bera no inverno

J.R. – Pois, com o frio, e com o mar e com o vento...

M.C. – pois é que há aí vento que eu sei lá. (...) a gente passou aí frio que eu sei lá. Agora já vem a melhorar.

J.R. – e também, com as obras a casa há de ter ficado muito melhor do que estaria era de madeira a casa?

M.C. – era era, era um bocado de madeira e uns bocados de tijolo, conforme ele conseguiu fazer... Olhe aqui também tem conchinhas, está a ver? Ele pôs para aí conchas por todo o lado, ó... e eu deixei estar... [...] tem aqui estes enfeites, não vê? Os búzios, e depois mais pequenos, depois outros maiores...

Entrevista a Maria e sua filha | Casa nº 233 “Casinha dos meus sonhos”
| 23/05/2015

Joana Ribeiro – Sobre a sua casa, achei-a tão bonita, diga-me só, comprou-a assim? Construiu-a?

Maria - comprei construído, e fui arranjando as coisinhas a meu gosto... como a gente gosta...como a gente queria...

J.R. – e aquele painel ali, qual é a história dele?

Filha da Sra. Maria - Foi a minha irmã! Foi a minha irmã que fez, e pôs aqui...

J.R. – e estes azulejos aqui neste bancos?

Filha da Sra. Maria – também foi ela, foi a minha irmã que pôs...

Entrevista a “Belinha” e sua mãe | casa nº223 | 23/05/2015

J.R. – ia perguntar-lhe se já mora aqui há algum tempo, se a casa tem algum historial na família

Belinha – tem muitos anos já, era dos meus pais

J.R. – e quando vieram para cá, não havia nada e fizeram a casa toda

B. – Fizemos, sim.

J.R. – Então e alguém da família estava ligado à construção civil? Para fazer isto tudo?

B. – Não

J.R. – Então contractaram pedreiros?

B. – Sim, mas os meus pais também fizeram.

Mãe da Belinha – Eu e o meu marido é que fizemos isto.

B. – Pois, eles é que fizeram isto, pronto e com a ajudas claro, dos pedreiros e isso... Mas eles é que...

J.R. – E passou a ser a morada...

B. – Não, não.

J.R. – é casa de férias, então?

B. – sim sim, e de fins de semana e assim.. é uma segunda casa, que moramos em Lisboa...

M.B. – olhe isto aqui tudo, estas coisinhas em ferro que vê é que é o trabalho dele, isto sim foi ele tudo que fez. E depois ele vinha com o pedreiro e tal e era

assim que a gente fazia a casa a pouco e pouco...

J.R. – pois é que eu reparei que era muito bonita, que tinha aqui pendurado umas coisas e queria saber um pouco a história...

B. – nós é que todos os anos vamos sempre fazendo aqui umas coisinhas, temos vindo a fazer sempre...

M.B. – para não estragar [...] Costumamos pintar as paredes todos os anos, mas este ano não pintámos que foi um pedreiro bom que veio aqui o ano passado pintar e fez muito bem a coisa...

B. – Pronto, vai-se fazendo assim as coisas aos poucos...[...]

Entrevista a Paulo Pacheco, filho do antigo proprietário | casa nº 203 | 24/05/2015

Joana Ribeiro – A casa sempre foi da sua família?

Paulo Pacheco – não

J.R. – então mas sabe mais ou menos quando começou a construí-la?

P.P. – quando começou a construir, foi depois do 25 de Abril... há cerca de 40 anos...

J.R. – Então, eu reparei que tem estas conchas a decorar a fachada... foi ainda o primeiro proprietário que as pôs?

P.P. – foi o meu pai

J.R. – Sabe porque é que as pôs.

P.P. – Olhe, como estamos junto ao mar... pronto, alguns puseram, o meu pai achava que aquilo ficava bem, fica enquadrado dentro do ambiente...

J.R. – pois eu realmente vejo aqui que as pessoas gostam mesmo das casas que fizeram aqui, e pronto, põem muito delas próprias nas suas casas, então gostava de saber assim um pouco as motivações das coisas...

P.P. – As motivações eram um bocado por causa deste universo, eu percebo, estamos perto da praia, e ficou mais ou menos enquadrado dentro da área onde a gente está... Penso que tivesse sido essa a razão... E eram materiais baratos, eram de borla... [risos] O que se calhar também, pronto, também ajuda... que isto com pouco ou nenhum dinheiro se fez isto... eu também gosto, sinceramente também gosto...

J.R. – Entretanto têm feito mais obras de melhoramento...

P.P. – Estamos agora a fazer... estamos agora a fazer. Isto, assim, agora para a contextualizá-la um bocado, isto andou aqui muitos anos, isto andou um bocadinho tremido e não sei quê, quase ninguém remodelava, estava muito a cair aos bocados... mas a partir do momento em que se fez a estrada, toda a gente cuidou do seu cantinho... Isto aí há coisa de 4 anos que todos começaram a cuidar do seu cantinho.

J.R. – Pois, é que como os terrenos não pertencem às pessoas, as pessoas não sabem se vale a pena....

P.P. – é, andava sempre em indefinições e coisas... Teve-se um bocadinho mais de segurança quando se fez a estrada, e tudo mudou...

J.R. – e diga-me uma coisa: o seu pai estava relacionado com a construção civil?

P.P. – não não, foi ele que fez isto, mas o meu pai era taxista... pronto mas lá se ajeitava e foi fazendo como como... só com a família...

Esposa de Paulo Pacheco – E agora é o meu marido que seguiu as pegadas do pai

P.P. – é, o meu pai já está velhinho, e eu vim continuar a tratar disto.

J.R. – E também está a fazê-lo sozinho?

P.P. – Não, pronto, com a ajuda de amigos e não sei quê, mas pronto, conto ir apanhar também umas conchinhas. (risos) conto com isso... Pronto, eu por acaso gosto e pronto, estou a contar com isso...

J.R. – é, há aí mais alguns casos e fica muito interessante, sim...

P.P. – olhe se for ali àquela casa de esquina, a muito alta, que agora é...

E. – O bugio, bugio à vista, que estão a fazer ali uma, uma...

P.P. – uma pousada.

J.R. – Mas aquilo antes era um restaurante.

E. – Era o bugio.

P.P. – com o tecto muito alto, está a ver, aí também, olhe, estão a pôr conchinhas, junto à beirada, ali junto à parede estão lá a pôr conchinhas.

Entrevista à filha de José de Oliveira | casa nº208 | 24/05/2015

Joana Ribeiro - Construiu a casa aqui, ou já a comprou feita?

Filha do proprietário – não, já a comprou feita.

J.R. – E por exemplo, todas estas decorações que tem na fachada, já foi ele?

F.P. – Sim, já foi ele.

J.R. – e sabe dizer-me porque é que ele escolheu fazê-las assim?

F.P. – não... o painel de azulejos por exemplo eu soube que é por causa de pescadores, não é...

J.R. – Ele era pescador?

F.P. – não não, ele não foi pescador. Era pescador sim, mas à cana não é... mas não, é porque gostou... as conchinhas e os azulejos.

J.R. – Encontrou-as e

F.P. – Sim sim, mas os painéis ele mandou fazer mesmo, são pintados à mão. As conchinhas é que apanhou aqui e pôs...

J.R. – está certo. E se calhar fez obras de melhoramento da casa...Não sei quantas pessoas....

F.P. – Sim, sim , porque a principio só era esta. Depois ficou com esta, porque era difícil o senhor vender as casas, que são minúsculas, pequeninas, só para férias vá... Esta aqui tem dois quartitos, e sala pronto... mas claro, fez melhoramentos...

J.R. – e o seu pai vive aqui a tempo inteiro?

F.P. – Vive vive, nós é que vimos cá só ao fim de semana.

J.R. – Só mais uma pergunta, ele fez os melhoramentos sozinho, contratou ajudas?

F.P. – Não, ele contratou ajudas , mas o resto fez sozinho, foi tudo ele.

J.R. – Mas a profissão dele estava de alguma forma relacionada com a construção civil?

F.P. – não, há aí pessoas que sim, mas ele não. Algumas coisas foi ele que fez mas aqui esta não, foi tudo um senhor da construção, que não tínhamos casa de banho como deve ser, a cozinha e aquelas coisas assim.. e todas elas têm uma

cozinha, embora pequenina, mas têm uma cozinha... a dele é a maior, porque é a casa mesmo de viver e todas elas são pequeninas, mas pronto... aquela agora está como arrumação, esta é que eu tenho usado e o normal é sempre aqui no meio e ali que estamos sempre a comer ali fora. Entre entre, pode pode...

J.R. – Pronto, já agora vejo. Pensei que esta fosse de uma pessoa, e aquela de outra...

F.P. – Não não, aquela é, aquela não é nossa. É esta aqui, e esta e aquela, e aquela não... aquilo ali é que é nosso também. Pronto é aqui que nós comemos, aqui no verão, estamos aqui, pronto...

J.R. – pois isto de facto é um sitio espectacular

F.P. – gosto gosto, mas é no inverno, isto no verão depois já é muito relaxado... Muita gente, e muito barulhento e... embora pronto isto não é só feito para mim, não é... mas pronto está muito mais.. é muito mais barulhento e mais pessoas irritantes e irritadas e pronto... mas gosto, sim, claro que gosto....mas pronto, vêm para aqui e passam a vida a apitar... Claro que as pessoas vêm para aqui e coitados querem arrumar o carro, mas às vezes os turistas não têm noção e respeito pelos outros, mas pronto...

Jaime Caldeira, genro do antigo proprietário | casa nº100 | 24/05/2015

J.R. – Muitas das casas, vê-se que as pessoas puseram mesmo muita dedicação...

J.C. – Exactamente, foi precisamente os moradores, ou frequentadores daqui que começaram a fazer as casas, porque isto antigamente não estava aqui, estava ali mais perto do bugio... há aí uma moça que também é arquitecta, aliás não sei se teve conhecimento que houve aqui um grande grupo de arquitectos que vieram aqui e fizeram um estudo bastante grande sobre a situação, o crescer desta vilazinha piscatória e as suas ramificações. Isso deu com que realmente eles tenham feito um levantamento que há muitas pessoas aqui, eu tinha aqui vários materiais ainda do nascimento disto mas é claro, foi-se perdendo, como é normal... o meu sogro, que era o dono-proprietário desta casa, já morreu há bastantes anos e tinha portanto um manancial bastante grande, mas há aí outras pessoas que têm um manancial porque há um livro, um dos homens ainda está realmente a viver cá na terra, que o filho trabalhou num jornal, embora eu também tenha trabalhado em jornais, que eu tenho carteira profissional de jornalista, mas advém aí doutras situações... na medida em que ele tem um filho que realmente trabalha, trabalhava n' O Século ainda, veja bem.. não sei se conheceu O Século, já ouviu falar... e esse realmente trabalho era referenciado por enfim vários diversos [...] do antigo governo, mas era um

jornal muito antigo, aliás e o Diário de Notícias, são praticamente os jornais de essência das publicações, além doutros jornais mais antigos que esses, não é... E então o filho dele trabalha lá e conseguiu-nos realmente um acervo de documentários que nos ficam (...) e que eu tive oportunidade de visitar lá na biblioteca daqueles serviços em que realmente deu exactamente conhecimento disto, que antigamente, a passagem das pessoas para aqui para a cova do vapor dava-se por barco, havia dois barcos que traziam as pessoas até ali, ali praticamente entre o Bugio e aqui o principio das praias, e então era perante esse facto que realmente eles aí começaram exactamente a começar a vir para cá, progressivamente, muitas pessoas, muitas pessoas, muitas pessoas, porque tornava-se muito mais barato do que ir para as praias do outro lado, de Cascais, tinha que se pagar o comboio, etc etc, era mais caro, saía mais caro e as pessoas tinham dificuldades já na altura, e como de há uns tempos... hoje e muito mais, talvez, bom e aquilo começou a ter assim uma frequência muito grande. Isto estava mais ao menos praticamente ao nível onde estava o Bugio, estas casas, essas não quer dizer que sejam todas, esta talvez não estivesse... Quando as águas começaram a invadir, começou a faltar areia, começou, exactamente a ser invadidas pelas águas e começaram a recuar, sucessivamente... havia aqui um fulano, que era o Manel...

J.R. – O pai do senhor Eduardo, já sei...

J.C. – Exacto, já estive a falar com ele... E então ele é que realmente tinha um aparelho, arranjou um aparelho, que ele era lá do norte... mandou vir um aparelho depois lá de cima, e então rebocava as casas para aqui para este bocado, começaram a metê-las para aí, para a esquerda, para a direita, para ali não, que aquele lado ali não que era praticamente reservado a praias, mas esta zona aqui, desta configuração de casas até lá abaixo do lado esquerdo, foi exactamente toda ela trazida para aqui pelo senhor Manuel. Portanto, as pessoas pagavam-lhe um x, eram colocadas sobre um tipo de madeiras sobrepostas, para que realmente conseguissem aguentar o Inverno, e inclusivamente a invasão das águas. Depois disso começaram realmente a invadir, começou muita gente aqui a comprar, umas compravam umas casitas, outros tinham a possibilidade de começar a fazer a sua casita, com madeiras que vinham inclusivamente muitas vezes de barco. Estes bancos que nós temos aqui eram provenientes daquelas pranchas que antigamente havia nos cais de Lisboa, havia autorização entre os batelões e o cais de materiais para levar para baixo. Não havia portanto guincho ou reboque de um lado para o outro, os pescadores conseguiram trazer exactamente materiais às costas e aos ombros dos barcos para dentro dos cais, e assim sucessivamente, quer dizer, havia a transacção, sbhsbhbchcbdhc e então foi-se construindo e as pessoas foram começando a melhorar, mais tarde, começaram a melhorar as suas casas, como é óbvio. Uns começaram exactamente a coloca-las em cimento e eu tijolos... esta aqui não é colocada em ... é de madeira, e ainda continua a ser madeira porque o meu

sogro nunca quis que eu fizesse alterações nela.

J.R. – Mas olhe que aqui esta parte...

J.C. – Não, isso é o muro, de protecção, que realmente é necessário, senão já tinham roubado a casa e tinham roubando tudo eu sei lá... mas o resto, o envolvimento é todo feito em madeira, ou seja, com placas, que depois era umas de fibrocimento lá para o tecto, e umas olites da chamada Fábrica do dnjnj, que as fabricava, isso era o coberto, que infelizmente começou a furar-se e eu tive que mandar pôr um telheiro novo, não é? Mas isto já foi aqui há uns nove anos para cá... o resto da casa toda ela ainda é das poucas talvez casas que realmente ainda é toda de madeira, que a maior parte delas já são todas em cimento...

J.R. – Claro, para tentar melhorar as condições...

J.C. – Melhoram... eu não sei se melhoram se pioram, porque nós estamos aqui e nós pagamos siza, pagamos o IMI, mas a casa não é nossa, aliás, a casa é nossa mas o terreno onde nós estamos não é nosso. Deve ter conhecimento disso...

J.R. – sim sim

J.C. – relativamente a esse facto é que realmente há uns que acomodam exactamente a casa a seu gosto, outros fazem umas moradias que parecem iguais a palacetes, deixe-me dizer... talvez abusando sucessivamente do parecer normal e ecológico das situações, talvez não estejam a beneficiar de dbhb presidencial mas isso cada um faz por si...

J.R. – Bom, sobre a história do lugar eu já tenho algumas informações, e o que eu estou mesmo a estudar tem a ver com as motivações do gosto...

J.C. – do gosto... Os trabalhos que os estudantes de arquitectura fizeram aqui, eu tenho vários recortes de jornais, inclusivamente acho que era do Público, que houve aqui várias reuniões de arquitectos e há um arquitecto que visitou isto há 20 anos talvez, e fez uma retrospectiva do que tinha sido esta construção, é um arquitecto bastante conceituado e que realmente conseguiu, isto é, estamos a mexer no óbvio... às vezes acontece...e fez um panorama dos litorais, mas não, não, no Público dizia na altura que ele estava de visita aqui e ficou espantado como é que os moradores conseguiram exactamente desenhar, epa... homoganeamente, uma situação de paralelismo entre as casas antigas e as casas que as pessoas habitavam, basicamente... que elas são muito semelhantes, se calhar no pormenor, elas são mais ou menos semelhantes entre si... e esse de tal arquitecto, voltou cá quando havia aqui a Associação Cova do Vapor, a associação de biblioteca, que teve que funcionar assim porque... os senhores da associação, da qual o Eduardo, e outros mais, fazem parte como

directores, eu também já fiz parte como presidente da mesa da assembleia e também, logo que pude, vim-me embora e, de forma que...realmente eles fizeram, isto é, ele faz uma página inteira do Público, não sei se tem essa página? Tem?

J.R. – Sim, sim...acho que sei do que está a falar...

J.C. – (...) isto aqui é uma salazinha que nós temos, depois, cada morador foi criando a casa à sua vontade... A casa era um bocado diferente, quando foi adquirida pelo meu sogro aqui há uns vários anos começou-se exactamente a ter que modificar... quer eu só e a minha, que infelizmente a minha mulher morreu há dois anos... isso deu com que eu tivesse que, numa situação de, vendo, não vendo, vendo, não vendo...sabe? Mas enfim...ora bem...é que eu tenho que estar a manter duas casas, é aqui esta e é a de Lisboa... [...]É, mas sabe que sendo um lugar incrível, também tem vários problemas, tem muitos problemas que acabam por ser um bocado gravesos... mas isso é outra coisa... [...]

Esse trabalho que esse arquitecto fez era muito firme e sabedor no concreto de dizer exactamente que afinal de contas tinha havido muitas modificações mas poucas modificações ao mesmo tempo, continua-se a manter exactamente a mesma traça, a desenharem-se as mesmas casas, talvez modernizando e tirando um bocadinho de valor do ponto de vista da zona. Isso não há dúvida que é o que estão a fazer, e foi essa a razão para o meu sogro, um pouco antes de morrer, coitado, ele disse, mantém a casa assim, porque é fresca no Verão e quente no Inverno, a madeira tem essa protecção...[...] mas ele tem opiniões e muito concretas aqui sobre o caso da Cova do Vapor [...] quando havia aqui a biblioteca Cova do Vapor, quando ela estava naquele cubículo? Eles conseguiram exactamente criar aqui um núcleo de acções, uma coisa extraordinária, você nem, naquela altura, até inclusivamente, três rapazes, arquitectos, que estavam a tirar o curso no Porto, vieram cá a Lisboa e foram eles que restauraram exactamente esses bancos que ali estão, este que está aqui encostado à porta e o outro que está do outro lado, junto lá àquela senhora que vende as roupas, e foi os dois...eles queriam fazer outras coisas, e eu disse, esses bancos era bom serem recuperados, porque eram pranchas que eram exactamente do vai e vem do cais para os cacilheiros, para os cacilheiros não, para os barcos de vapor...[...]

[acerca do conjunto de actividades organizado pela Casa do Vapor]

Eu a pedido das moças, eram quase todos arquitectos, uns de lá outros doutras faculdades e então veio cá fazer um colóquio, teve mais do que um colóquio assim, nós reuníamos aí num becozinho, e então dávamos a opinião, cada um dava a sua opinião, e ele expressou exactamente e muito bem, que realmente houve alterações, e houve para os moradores, mas não para o local, porque realmente não adianta porque se queria até criar exactamente aqui uma vila piscatória, que nos dêem exactamente essa categoria, há realmente cuidados e

é isso não tem acontecido, agora, ultimamente não tem acontecido [...]

JR – Por exemplo, a casa, foi o seu sogro que construiu?

JC – Não não, não foi ele que a construiu, ele já a comprou construída, fez foi alterações, que realmente, depois eu também alterei, agora já ao meu gosto e ao gosto da minha mulher, a nosso... fomos alterando sucessivamente e colocando móveis, móveis antiquados, é certo, mas que nos dessem realmente facilidade de vida, não é... é isso que realmente um qualquer casal tem que fazer, não é... e é assim... aqui há um quatinho, mas um quatinho que é para arrecadações e é de viveres e tal que realmente nós temos necessidade... isto é construção exactamente nossa, essa parte, o lava-loiça... tínhamos aqui um extractor de fumo, mas ele avariou e eu para não me estar a massacrar muito, e como isto tem muito ar, não me valeu a pena estar a colocar mais...

JR – Mas lá está, é sempre com ajuda de pedreiros...

JC – mas a maior parte dos locais aqui, quase todos já fizeram alterações, mesmo que se meta aí por esses becos fora, vê que realmente houve alterações, mas é, lá está, é para viver, não é assim? Talvez não seja com aquela categoria de vila piscatória, mas as pessoas também têm que viver com melhores condições, que nós começamos a habituar-nos a uma vida um bocadinho mais refinada, pronto, que seja, e o conforto é um essencial para as pessoas viverem [...]

Entrevista a Sónia Baptista, filha do proprietário | casa nº206 | 20/06/2015

Joana Ribeiro – Poderia contar-me um pouco da história desta casa?

Sónia Baptista – Desta casa ou da história de ser do Sporting?

JR – as duas coisas, se puder contar tudo...

Sónia – bem então é assim, isto era uma casa, que inicialmente era só composta por uma habitação [...]

Isto era tudo junto, eram só 3 habitações, cozinha e o resto era tudo comunitário, que isto pertencia a 3 casais amigos... Depois isto foi vendido tudo a pessoas diferentes... O senhor ali da ponta aumentou e construiu uma cozinha e pronto, uma casa só para ele, depois nós aqui também... nós viemos para aqui em 1981. Isto se calhar é uma história mais pequenina do que outras que possa ouvir por aí, mas é que realmente já nenhum dos actuais habitantes pertence aos primeiros proprietários... agora em relação a isto ser a casa dos Leões, olhe o meu pai, que já faleceu há 8 anos, trabalhava no Sporting, e começou assim a fazer isto aqui... e agora somos nós, que sempre fomos sportinguistas

desde pequeninos, e vamos aqui continuando, a pôr mais umas coisinhas...

Entrevista a Hernâni da Silva | Casa nº 98 | 20/06/2015

Joana Ribeiro - Eu vi ali o seu portão, e gostava de saber a história dele, sabe contar-me?

Hernâni da Silva - O portão fui eu que o fiz, sim.

J.R. – Mas o Sr. Hernâni trabalhava como serralheiro, ou algo assim? Costumava fazer este tipo de coisa?

H.S. – Não, eu trabalhava na Carris, eu Lisboa... e eles lá na Carris organizavam um concurso para os trabalhadores... e eu participei, e pronto, aquela foi a minha ideia... resolvi fazer assim...e depois pus ali o portão.

J.R. – E fez tudo sozinho?

H.S. – Sim, fui fazendo o portão, aos fins-de-semana e assim... Mas agora aquilo está muito estragado... que eu tenho andando doente... agora só daqui por um mês é que tenho vagar de o pintar. Depois a menina se quiser venha cá, pode vir.. e fotografa o portão...

Entrevista a Hélder Figueiredo | casa nº139 | 20/06/2015

Joana Ribeiro – Esta casa sempre foi sua? Da sua família?

Hélder Figueiredo – é verdade, era do meu pai

J.R. – e foi ele que a construiu mesmo?

H.F. – esta do meu pai e esta da avó da minha mulher. Foram feitas as duas ao mesmo tempo. Isto, há quarenta anos, logo a seguir ao 25 de Abril, deu-se aqui um boom enorme. A casa mais jeitosa da Cova do Vapor era aquela, que está ali. De um senhor que era, chamava-se Albano, agente tratava-o por Zorba, porque ele era o capitão da equipa nacional de Rugby, naquela altura. Por isso está a ver...

J.R. – Mas então está a dizer que o seu pai é que construiu mesmo a casa, ele com as próprias mãos?

H.F. – Claro, ele e o tio da minha mulher.

J.R. – E então porque é que pôs ali a placa a dizer “A casinha da Palmira”?

H.F. – Porque era o nome da minha mãe.

J.R. – Certo certo. E todos esses azulejos também já vêm d...

H.F. – É aos poucos. Ele pôs alguns, agora tenho posto eu. Porque isto... Eu como tenho um filho com 39 anos, é ele agora o proprietário desta casa, porque eu lha dei, e a minha mulher deu esta ao meu outro filho, que tem 35. E a gente como não tem mais para onde ir...

J.R. – Vem para aqui, claro... e isto é espectacular, então no Verão...

H.F. – isto era espectacular, de Inverno... que isto de Verão, já viu... uma pessoa quer sair de casa nem pode, que está tudo aqui cheio de carros... Ainda agora me telefonou o meu filho e disse “oh pai, eu saí agora vou agora para cima mais a minha mulher”, estou à espera que ele venha, por isso é que marquei aí essa coisa para ele.

J.R. – Eu estive cá algumas vezes no Inverno, mas também, a maior parte das pessoas não estavam cá, parece-me que vinham só no Verão...

H.F. – isto parece que é pequenino, mas não é, porque a morar cá consecutivamente haverá para aí 200 pessoas, e a maior parte das terriolas portuguesas não têm 200 pessoas a morar. Como isto é aqui a 30 quilómetros, talvez, de Lisboa, nem tanto... pá... e o mal desta coisa toda é aqueles senhores, não sei se você reparou quando vinha ali pela estrada fora, tem uma entrada para a outra praia aqui de lado, mas como é paga, os gajos que não querem pagar vêm por aqui o carro... é carros em tudo quanto é sítio... mas é assim... Estamos fartos de.... Eu agora já não, mas a minha família fazia parte da comissão de moradores e inclusive dissemos, epá, nem que seja para dar a uma instituição qualquer, mas esta malta que vem para aqui que não quer pagar 2 euros e tal lá em baixo, ao menos que pague aqui um euro... nem que seja para obras aqui, ou para uma instituição qualquer, mas tem que ser aprovado pela entidade municipal e acho que nunca chegaram a levar as coisas a...

J.R. – pois, é que pelo menos para as pessoas não virem tanto para aqui... claro...

H. – isto aqui, está a ver, a gente conseguiu que isto fosse alcatroado, embora para mim, que já cá ando há 60 anos, 65... acho uma parvoíce, porque onde está o alcatrão, antigamente havia areia, chovia... a água entrava por aí adentro... vinda lá daquele lado, e a própria areia empapava, e aquilo ao fim de duas horas estava seco... chovia, vinha as marés, e em duas horas estava seco... agora não... agora o alcatrão... e está a ver...

J.R. – Mas costuma estar aqui o ano todo, vive aqui mesmo?

H.F. – não, eu vivo em Lisboa, na cantada recantada Mouraria, que agora está na moda...

J.R. – Pois é, isto agora já não se pode estar em lado nenhum...

H.F. – em lado nenhum! Pode crer minha senhora...eu moro num terceiro andar na Mouraria, na Rua do Capelão, que era a Rua do Capelão... agora a Rua do Capelão é como daqui ali ao outro lado da rua, àquela café... não tem praticamente ninguém... o senhor Francisco lembrou é o arco da Severa e à minha frente fizeram uma casa de fados, agora de Verão, embora aquilo tenha ar condicionado, está tudo aberto... de sexta para sábado e de sábado para domingo a gente antes das duas...duas e meia da manhã, não consegue descansar.

